Sérgio Pereira Couto

2ª edição

SEGREDOS DA CABALA

Todos os mistérios e detalhes da tradição secreta saída da própria Bíblia finalmente revelados

UNIVERSO DOS LIVROS

Sérgio Pereira Couto

2ª edição

SEGREDOS DA CABALA

São Paulo
2010

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7

CAPÍTULO 1
DEFINIÇÕES 10

CAPÍTULO 2
GNOSTICISMO 31

CAPÍTULO 3
FUNDAMENTOS DA CABALA 50

CAPÍTULO 4
LIVROS E DOUTRINAS MÍSTICAS 61

CAPÍTULO 5
OS NOMES DE DEUS E OUTROS LIVROS 73

CAPÍTULO 6
A ÁRVORE DA VIDA E AS *SEPHIROT* 86

CAPÍTULO 7
A ALMA HUMANA E A CABALA CRISTÃ 97

CAPÍTULO 8
A TRADIÇÃO ESOTÉRICA OCIDENTAL 102

BIBLIOGRAFIA 110

INTRODUÇÃO

Não é possível encontrar uma única pessoa que não tenha ouvido falar de Cabala. Porém, quando se pede para alguém definir com suas próprias palavras, todos se atrapalham e poucos são os que conseguem. Isso torna a tarefa de escrever um trabalho sobre o assunto algo ainda mais complicada.

Como se não bastasse a grande quantidade de títulos práticos que podemos encontrar nas livrarias, que vão desde Cabala para Crianças até Cabala para o Dinheiro, nenhum dos livros pode ser usado como introdução a esse sistema de doutrinas do misticismo judeu.

E para piorar ainda mais, a popularização do assunto entre as celebridades deixou tudo com o mesmo ar de charlatanismo que é possível encontrar em livros que enfocam astrologia ou outras pseudociências esotéricas aplicadas.

Mas ainda há aqueles que se interessam pelo assunto. Recentemente estive numa grande livraria de São Paulo, onde, numa conversa com os livreiros, eles me confidenciaram que se alguém escrevesse uma obra de introdução o assunto venderia ainda mais.

Não é fácil, porém, produzir uma obra que sirva de introdução. Os diagramas, os conceitos, as longas explanações e textos difíceis de serem lidos por quem não entende nada de esoterismo tornam a Cabala algo praticamente impenetrável.

Até que me deparei com o chamado Código da Bíblia. Uma lida em seu contexto e percebi que aquela pesquisa acadêmica nada mais era do que uma das várias camadas de interpretação possíveis da Bíblia. A diferença é que não eram conceitos propagados por místicos judeus, mas sim por acadêmicos respeitáveis e até mesmo por um jornalista norte-americano. E esse foi um assunto que serviu de ponto de entrada para manter uma correlação entre o mundo acadêmico e o popular da Cabala. De repente, ficou bem mais fácil compreender os conceitos.

Com algumas consultas aos programas de computador disponíveis pela Internet e que fazem as pesquisas no original em hebraico depois, a conclusão que qualquer um chega é: o assunto pode ser mais sério do que parece. A quantidade de interpretações que a Cabala apresenta, seja em qualquer aspecto, é digno de atenção e compensa um pouco a aspereza de aprender o alfabeto hebraico e as palavras da língua hebraica.

Dúvidas? Basta ler este trabalho e colocar em prática os conceitos que estão explicados aqui. Se depois disso você ainda achar que esse é um assunto de celebridade, bem, aconselho o leitor a pesquisar mais. Afinal, cada um escolhe seu caminho no Pomar…

Boa leitura!

O autor.

CAPÍTULO 1
DEFINIÇÕES

Preste atenção no nome Michael Drosnin: eis alguém de quem todos os leitores ainda ouvirão falar muito. Seus livros chamaram atenção quando revelaram ao mundo o polêmico Código da Bíblia, um antigo sistema que revela como um antigo código inserido nos cinco primeiros livros da Bíblia é capaz de predizer o futuro com incrível exatidão.

Prever o futuro é algo discutido por religiosos e cientistas há séculos. Infelizmente, e isso até os dias de hoje, ninguém chegou a uma conclusão certeira sobre se isso pode ser feito ou não. E o divulgador do Código vai na total contramão da corrente do pensamento.

A descoberta não é necessariamente nova. Mensagens ocultas na Bíblia são o assunto principal de outro sistema esotérico de crenças mais antigo ainda, a Cabala (pronuncia-se *Cabalá*). Seu nome deriva da palavra *Kabbalah* (הלבק QBLH), que em hebraico significa “recepção”. É considerada a vertente mística do judaísmo que visa justamente conhecer Deus e o Universo. Para alguns, trata-se de uma “revelação para eleger santos de um passado remoto”, reservada apenas a alguns privilegiados.

Há algumas semelhanças entre a pesquisa do Código da Bíblia e as análises obtidas pelos cabalistas. Ambos procuram nuances que se mantêm ocultas sob o texto das *Sephirot*, nome pelo qual os judeus conhecem os cinco primeiros livros da Bíblia no Velho Testamento. A diferença é que, enquanto os estudos propagados por Drosnin lançam mão de softwares sofisticados, a Cabala parte para a análise dos mínimos detalhes do texto. Tudo para os cabalistas é significativo, da descrição dos personagens até seus atos, maneirismos e uso de sinônimos durante o texto. Detalhe: em ambos os casos as interpretações são retiradas do original em hebraico, a língua tida como sagrada por ser uma emanação de Deus.

Iremos, durante este livro, elucidar a Cabala e seus conceitos de maneira que o leitor a conhecerá por inteiro. Porém, a título de ilustração e para ajudar aqueles que não entendem bem como tal sistema funciona, vamos analisar mais a fundo o que conhecemos sobre o tal Código da Bíblia. Por meio do que sabemos deste será mais simples entender a Cabala.

O tal Código foi transformado em *best-seller* pela primeira vez em 1997, quando o ex-repórter dos jornais *Washington Post* e *Wall Street Journal* lançou o primeiro volume, no qual discorria sobre as consequências de alterar o curso do que estava codificado no texto da Bíblia. Motivo de estudo intenso e refutação por parte de matemáticos e estudiosos, o tal Código deixou muita gente sem poder omitir uma palavra final sobre o assunto. Enquanto há cientistas que usam o mesmo método para encontrar palavras em outros livros com textos extensos, há analistas da Agência Nacional de Segurança (NSA) norte-americana e professores sérios de matemática que afirmam que a tal “Sequência Alfabética Equidistante”, como o Código é conhecido no meio acadêmico, realmente existe.

Quer acredite, quer não, o fato é que o código pode mesmo ser uma realidade. E pensar que esse é o resultado de um estudo feito originalmente pelo matemático israelense Eliyahu Rips, que o publicou em coautoria com mais dois colaboradores, Doron Witztum e Yoav Rosenberg. Saiu originalmente como um artigo chamado “Sequências Alfabéticas Equidistantes no Livro de Gênesis” na conceituada revista *Statistical Science* (Volume 9 – Número 3/Agosto 1994).

Para o leitor entender melhor o que seriam essas sequências, imagine um texto comum na aparência em que palavras completas se formem a cada intervalo. A base para a existência do Código da Bíblia é construída sob algumas afirmações:

- O texto original está escrito em hebraico.
- Esse mesmo texto foi cuidadosamente preservado através dos séculos por monges e rabinos cuja única função era guardá-lo em segurança.
- O texto original não possui pontuação ou espaços entre as palavras.
- Um computador pode mostrar o texto inteiro como um quebra-cabeças gigantesco, no qual as palavras se manifestam em várias direções.
- As datas codificadas estão de acordo com o calendário hebreu, mas podem ser convertidas para o nosso calendário com clareza.

Algumas observações que Drosnin faz logo de cara no primeiro livro da série já deixa as pessoas de sobreaviso. A primeira condição para que o leigo possa fazer suas próprias pesquisas no Código é aprender hebraico. A maioria dos programas de pesquisa encontrados faz o favor de "traduzir" nossa linguagem para o alfabeto hebraico para, somente depois, começar a pesquisa na matriz dos textos. Aparentemente os detalhes mais simples, como o ano dos acontecimentos previstos, estão na forma dos anos hebraicos e devem ser encontrados para só depois serem convertidos. O próprio Drosnin afirma ter sido obrigado a aprender hebraico para poder fazer suas pesquisas juntamente com o professor Rips.

Uma pesquisa no Código é simples. Primeiro, pegamos o texto original dos cinco primeiros livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), cuja autoria é atribuída a Moisés. Tiram-se os títulos e subtítulos que se encontram no caminho até restarem as palavras do texto em si. Depois tiram-se os espaços. Resta então um fluxo contínuo de letras que formam um conjunto de 304.805 letras. Esta, segundo Drosnin, seria a forma original das *Sephirot* (do termo *Torat Moshe* ou Lei de Moisés, como ficou conhecido esse grupo de textos entre os judeus). Essas "palavras contínuas, sem quebras" seriam a forma original como os textos foram recebidos por Moisés quando estava no Monte Sinai e ao fazer esta leitura estaríamos restaurando essa forma e entrando, assim, em contato direto com Deus.

Depois se escolhe uma letra de ponto de partida e salta-se um determinado número de espaços até a próxima letra e assim por diante até conseguir encontrar palavras e frases ocultas. Esse salto vai de 1, 2 ou 3 letras até alguns muitos milhares, uma tarefa que, obviamente, seria impossível sem a invenção de um computador.

Após a descoberta da palavra-chave, geralmente o termo requisitado para pesquisa, o computador passa a procurar informações correlacionadas. Assim, nomes como o do primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, do ex-presidente do Iraque Saddan Hussein e até do ex-presidente americano John Kennedy aparecem nessas matrizes em diversas ordens (na horizontal, na vertical ou na diagonal) num verdadeiro jogo de palavras cruzadas. O programa usado pelo professor Rips classifica as combinações usando basicamente dois testes: quão próximas estão as palavras umas das outras e se os saltos que soletram a busca são os mais curtos.

PESQUISA AUTOMÁTICA

Assim é que Drosnin teria encontrado o nome de Yitzhak Rabin cruzado com a expressão "assassino que assassinará". O nome do primeiro-ministro assassinado em 4 de novembro de 1995 apareceu uma única vez na matriz dentro de uma sequência de saltos de 4.772 espaços. Para obter esse resultado, o programa de computador dividiu o fluxo das 304.805 letras em 64 fileiras de 4.762 letras. Para se entender melhor, se o nome de Rabin fosse encontrado quando o computador estivesse com dez saltos de intervalo, então cada fileira teria exatas dez letras de comprimento. Se fosse com 100, teria 100 letras. Assim, cada matriz tem seu comprimento variado de acordo com o número de saltos em que o termo pesquisado é encontrado.

Deste modo, Drosnin narra no primeiro livro da série que voou até Israel e que chegou a falar com Rabin para alertá-lo de que o Código havia previsto seu assassinato há três mil anos, um período em que se acredita que os livros da Bíblia foram escritos. Rabin respondeu indiretamente por meio de um amigo pessoal que recebeu uma carta de Drosnin avisando do que poderia acontecer, e sentenciou:

Rabin não acreditará em você. Ele não é de modo algum um místico. E é um fatalista.

Um detalhe que incomoda na pesquisa do jornalista americano é o fato de ele, mesmo após seu fracasso em convencer o primeiro-ministro israelense de que o perigo poderia acontecer, ter continuado suas pesquisas com o professor Rips e ter encontrado várias "profecias", incluindo a do choque de um cometa com o planeta Júpiter em julho de 1994. Porém, até onde se sabe, apenas profecias ligadas a israelenses e americanos são relacionadas em sua obra. Quando, por exemplo, aparecem nomes de outras nações, são apenas como complemento de fatos de âmbito mundial, como a tríade Stalin-Churchill-Roosevelt na Segunda Guerra ou o nome de Hitler vinculado aos termos "homem mau" e "nazista e inimigo", todos mais relacionados com os israelenses do que com o resto do mundo.

Drosnin insiste continuamente que a existência do Código é uma maneira de se ter uma prova científica de que Deus existe. Ateu declarado, o jornalista insiste em dizer que acredita numa inteligência superior capaz de enxergar três mil anos no futuro e codificar o que descobriu na Bíblia, mas também crê que, se o autor do Código fosse mesmo Deus, Ele não iria deixar avisos sobre perigos e sim trataria de evitá-los. "Alguém ocultou um sinal de alerta na Bíblia", diz ele, "a informação que precisamos para impedir a destruição deste mundo".

O MENTOR DO CÓDIGO

Tanto as partes acadêmicas quanto as religiosas sempre debateram quase à exaustão qual seria a origem do Antigo Testamento. Enquanto a primeira parte afirma que as *Sephirot* foram escritas por várias mãos ao longo de centenas de anos, a segunda parte insiste em dizer que Moisés foi seu autor e que os cinco livros são os mesmos daquela época, letra a letra. Tanto que se sabe que se faltar uma única letra hebraica em uma cópia, esta será inutilizada. O fato desses mesmos textos estarem presentes na coleção dos Pergaminhos do Mar Morto é um sinal de que possuem, pelo menos, dois mil anos de idade, o que os tornaria algumas das obras mais antigas do mundo.

Embora hoje se saiba que um rabino espanhol do século XIII chamado Bachya ben Asher foi historicamente o primeiro a descrever a existência das tais Sequências Alfabéticas Equidistantes na Bíblia, sabe-se também que os hebreus antigos tinham um sistema em que todo número tinha um significado oculto, que era atribuído a todos os objetos, chamado Gematria. Assim eram obtidas interpretações estranhas e bizarras por meio do sistema matemático criado para decifrar esses códigos.

No Egito, a Igreja da cidade de Alexandria admitia a interpretação simbólica e alegórica do Antigo Testamento. Isso numa época em que nomes como Orígenes (186-255) e seu professor Clemente (150-215) dominavam o pensamento da catequese. O historiador cristão Earle E. Cairns fala sobre essa época:

Os membros da escola alexandrina estavam ansiosos por desenvolver um sistema teológico a partir do uso da Filosofia que, segundo eles, era capaz de permitir uma exposição sistemática do Cristianismo. Educados na literatura e nas filosofias clássicas, pensaram que poderiam usá-las na formulação da teologia cristã.

Esses sábios optaram por desenvolver um sistema alegórico de interpretação do Antigo Testamento e praticamente ignoraram o que se sabia sobre as circunstâncias históricas ou gramaticais de tais textos. O ponto de partida deles era baseado na crença de que a Bíblia teria mais de um sentido. Assim, acreditavam que a Bíblia tinha “um sentido literal e histórico que correspondia ao corpo humano, um sentido moral oculto que correspondia à alma e um sentido espiritual subjacente e mais profundo que só os cristãos mais adiantados poderiam compreender”.

A técnica para a interpretação veio do judeu alexandrino Filo, que pertencia a uma escola de pensamento que tinha por objetivo aproximar o Judaísmo da Filosofia Grega a fim de poder encontrar os sentidos ocultos do Antigo Testamento. Assim, a interpretação de tais textos era aberta a debates e versões, as mais estranhas possíveis. Por exemplo, ao interpretar o texto apócrifo conhecido como Pseudo-Barnabé chegaram à seguinte conclusão:

Ele alegoriza os 318 servos de Abraão (9:8), ao se referir à morte de Cristo na cruz, na base de que a letra grega para 300 tem a forma de cruz e que os numerais gregos para 18 são as duas primeiras letras do nome de Jesus. Ele se mostra orgulhoso dessa singular interpretação de Gênesis 14:14. Ele vai constantemente da tipologia legítima para a alegoria, a fim de fundamentar o significado que quer dar aos textos do Antigo Testamento.

Nos séculos seguintes havia alguns indícios de que a técnica era conhecida, porém poucos exemplos foram encontrados antes da metade do século XX. Alguns foram encontrados pelo rabino Michael Ber Weissmandl, da Eslováquia, e publicados por seus estudantes após sua morte em 1957. Apesar disso, poucos sabiam dessa prática até o começo dos anos 1980, quando um professor israelense chamado Avraham Oren chamou a atenção daquele que seria o mentor do Código, o professor e matemático Eliyahu Rips, na Universidade Hebraica de Jerusalém.

Rips já era conhecido por suas pesquisas com Álgebra quando conheceu um pouco mais sobre o Código. Ele nascera em Israel, mas crescera na Letônia quando esta ainda era parte da antiga União Soviética. Foi o primeiro estudante de lá a participar da Olimpíada Internacional de Matemática. Em 1968, envolveu-se num protesto contra a invasão soviética da Tchecoslováquia e, por causa disso, foi preso e passou os dois anos seguintes como prisioneiro político e só conseguiria emigrar para Israel graças à intervenção da Associação Matemática Americana, que o libertou.

Depois de terminar seu mestrado, Rips entrou para o Departamento de Matemática da Universidade Hebraica de Jerusalém e recebeu o prêmio Erdös da Sociedade Matemática de Israel em 1979. Foi também orador no Congresso Internacional de Matemática em 1994, o mesmo ano em que o famoso ensaio do Código, publicado em conjunto com seus colaboradores Doron Witztum e Yoav Rosenberg, conheceu o mundo.

Curiosamente, o contato com Drosnin ocorreu cinco anos antes do lançamento do primeiro livro, em 1992, quando o jornalista voou para Israel para discutir a situação caótica daquela nação na guerra contra seus vizinhos árabes. Conta ele que, quando saía do quartel-general do Serviço de Informações, foi abordado por um "jovem oficial, seu conhecido", cujo nome momento algum é revelado. Foi esse oficial quem lhe contou, pela primeira vez, que Rips havia descoberto a data exata do começo da Guerra do Golfo, ocorrida um ano antes, com três semanas de antecedência.

O primeiro encontro entre Drosnin e Rips foi marcado pela insistência do matemático de que o Código não só existia como também confirmava antigas pistas de sua existência. Para tanto, chegou a citar insistentemente um sábio judeu do século XVIII, conhecido como Genius de Vilna, que teria dito:

A regra é que tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será, até o fim dos tempos, está incluído nas Sephirot da primeira à última palavra. E não só num sentido geral, mas nos detalhes de cada espécie e de cada um individualmente, com detalhe dos detalhes de tudo o que lhe aconteceu desde o dia de seu nascimento até sua morte.

Assim ficamos sabendo que Rips teria ouvido falar de um rabino da Tchecoslováquia na época da Segunda Guerra Mundial chamado H. M. Weissmandel. Esse religioso teria realizado uma pesquisa nos cinco primeiros livros e partiu da contagem das letras hebraicas. Logo no primeiro capítulo do Gênesis percebeu que a cada 50 letras de texto hebraico era soletrada a palavra "torah". Repetiu o procedimento nos demais livros e qual não foi seu espanto quando viu a mesma palavra também formada. Assim, Weissmandel escreveu um pequeno livro e relatou nele sua experiência. Esse foi o pontapé inicial da grande aventura de Rips, que conseguiu localizar uma cópia desse relato na Biblioteca Nacional de Israel. Intrigado, iniciou sua própria pesquisa e começou a colher seus resultados, que originariam o ensaio publicado na revista *Statistical Science*.

O próximo passo foi montar o programa que faria com que o computador encontrasse essas mensagens codificadas. Assim, foi criado o modelo matemático para análise de sequências alfabéticas equidistantes e mensagens ocultas foram descobertas em todo o Antigo Testamento. A experiência mais significativa, entretanto, aconteceu quando Rips e sua equipe usaram 32 nomes de uma lista de sábios judeus de destaque que foi encontrada numa publicação hebraica. Um único processamento e a surpresa foi geral: todos os 32 nomes estavam na matriz feita com a Torá, bem como suas datas de nascimento e morte (devidamente registradas de acordo com a contagem do tempo dos judeus). O próprio Rips chegou a comentar, mais tarde, que a probabilidade de encontrar essa lista codificada era de 1 em 10 milhões, acima da utilizada na estatística.

Quando Drosnin entrou em cena era o lado cético da pesquisa. Até então quase todos os envolvidos estavam convictos de que isso era uma espécie de Bíblia dentro da Bíblia e que o Código seria uma espécie de revelação em duas partes já citada no Livro de Daniel. Haveria uma primeira camada que seria o texto aberto, o conteúdo bíblico como o conhecemos e lemos normalmente, e uma segunda camada, com o conhecimento oculto pelo Código, à espera da oportunidade certa para ser decifrado.

BOLA DE CRISTAL OU RESULTADO DE PROBABILIDADES?

O que mais fascinou a Drosnin é que tudo o que encontrou em seus cinco anos de pesquisa com o Código aconteceu mesmo. Ele próprio alerta, entretanto, que nem tudo é tão passível de ser um acontecimento consumado. Assim, o que se encontra oculto na Bíblia não é uma bola de cristal para se enxergar eventos imutáveis, mas sim uma lista de possíveis futuros que são determinados de acordo com os atos que tomamos. Foi assim com Rabin e outro primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, eleito em 1996. Ambos foram avisados por Drosnin e ficaram sabendo que seus nomes estavam codificados. Porém, ambos tomaram a decisão de ignorar o aviso.

Muitos outros pesquisadores resolveram experimentar o programa de computador desenvolvido para a pesquisa do Código, que resultou em muitas outras "profecias" colecionáveis em páginas da Internet, incluindo uma que previa a reeleição de Lula no Brasil. Não demorou muito para surgirem os que contestavam o Código e que experimentaram o mesmo programa em outros textos longos. Como resultado, Drosnin foi acusado de charlatanismo e de explorador de má-fé, que abusava da ingenuidade das pessoas. Os detratores dessa estranha descoberta refutam dizendo que é impossível termos tão atuais quanto "*Scuds"*, "aviões" e "*Al Qaeda*" estarem registrados num texto de três mil anos. E é o que leva muita gente a duvidar da autenticidade do Código.

Vejamos a seguir uma pequena lista dos fatos codificados na Bíblia:

- Datas de terremotos já ocorridos (por exemplo, o da China, ocorrido em 1976) e outros que ainda estariam para ocorrer até 2010 em Los Angeles, Japão e novamente China.
- O já citado choque do cometa conhecido como Shoemaker-Levy 9 com o planeta Júpiter em 1994 e outros que podem ocorrer sob as mesmas circunstâncias na Terra nos anos 2006, 2010 e 2012.
- Dois holocaustos atômicos. O primeiro ocorrido no Japão em 1945 e um segundo que aconteceria em Jerusalém em 2006. Essa "profecia" vem com o termo "o Código salvará" logo em seguida, o que pode ser interpretado como uma salvação para a cidade, mas com o restante da nação israelense destruída.
- A Revolução Comunista na Rússia em 1917.
- A descoberta do avião pelos Irmãos Wright (aparentemente Deus não levou em conta a reivindicação brasileira da invenção por Santos Dumont).
- O assassinato do presidente egípcio Anuar Sadat num desfile militar e o nome de seu assassino, Chaled.
- Uma luta racial americana que aconteceria em 1861 e 2005. Essa última versão foi interpretada como sendo o repúdio aos muçulmanos americanos.
- Possível epidemia de varíola em 2005, em que muitos acreditam ser um alerta para o surgimento da gripe do frango.
- Uma suposta blasfêmia religiosa que acontecerá no Monte Moriá, a colina onde esteve o famoso Templo de Salomão, em Jerusalém, no ano de 2008.
- O nome da Síria codificado com outros termos suspeitos como "Guerra Mundial" e "Magogue", uma das nações (ou seres sobrenaturais, para alguns) envolvidas na batalha de Armageddon prevista pelo Apocalipse. Para alguns também seria um sinal de que as armas da ex-União Soviética continuam a circular entre terroristas e que podem ainda dar início à Terceira Guerra Mundial.
- O próprio Pentágono americano teria pedido uma pesquisa no Código para receber orientações sobre a captura de Saddan Hussein em 2003. O rumor não foi confirmado até hoje.

Assim, vemos que conseguir bons resultados do Código, como em todos os tipos de textos cifrados e com profecias, depende do grau de conhecimento e da fé de quem está no comando da pesquisa. Drosnin cita em seu primeiro livro uma máxima de Albert Einstein, de 1955, que diz:

A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, embora persistente.

Para muitos, o trecho acima poderia se referir mais a uma viagem no tempo do que a uma capacidade de prever o futuro com exatidão.

Porém, isso não assusta o jornalista divulgador do Código. E em outro trecho ele acrescenta com suas próprias palavras: "Sou um repórter, não um adivinho". Se o Código é algo real ou produto de imaginações exaltadas, só o tempo e muita pesquisa poderão dizer com certeza. E enquanto isso o terceiro livro da série de Drosnin promete mais revelações extraídas do Código.

O PENTATEUCO OU AS SEPHIROT

Depois de conhecer o Código da Bíblia o leitor começa a achar estranho que tanta informação tenha sido encontrada num mesmo ponto do livro sagrado, ou seja, no Pentateuco (para os judeus, as *Sephirot*). Faz-se, então, importante que, para uma melhor compreensão do Código e de seu impacto nos dias modernos, se faça uma retrospectiva sobre o que se sabe sobre esses textos.

Comecemos pelos termos usados. Os cristãos conhecem os cinco primeiros livros da Bíblia sob o nome de Pentateuco, palavra derivada do grego *pentáteukhos*, que significa "os cinco rolos". Os judeus designam esse mesmo grupo de livros com o nome de *Sephirot* (às vezes grafado como Torá, com acento), um nome que se associa a ensinamento, instrução ou lei, mais especificamente à Lei de Moisés, o suposto autor dos livros. O termo judeu também designa a primeira parte do *Tanakh* (ou *Tanach*), um termo derivado do acrônimo (junção das primeiras letras ou de determinadas sílabas de palavras diferentes) usado para definir o conjunto principal de livros sagrados, a saber: além das *Sephirot*, o *Neviin* (o Livro dos Profetas) e o *Kethuvim* (os Escritos).

Para os judeus, a denominação *Sephirot* é muito mais ampla e engloba o ensinamento de seu modo de viver ao longo dos séculos. Assim, é possível também se pensar nas *Sephirot* como abrangendo outras obras além do *Tanakh*, como o *Mishnah*, o principal texto ligado ao judaísmo rabínico, uma espécie de compilação da Lei Oral que se acredita ter sido escrita por volta do ano 200 d.C.; o *Talmud*, uma compilação de leis judaicas datada de 499 d.C., composta de 63 livros que tratam de assuntos ligados a assuntos éticos, históricos e legais; e até a assim chamada literatura midrashica, que contém narrativas criadas por volta do século I a.C., desenvolvidas por meio da tradição oral (só foram escritas por volta de 500 d.C.), cujos conhecimentos mais tarde ficaram conhecidos como *Sephirot* Oral.

Assim também podemos afirmar que a termo *Sephirot* é usado de maneira mais ampla para definir todo e qualquer tipo de ensinamento filosófico, algo que é levado muito a sério na tradição judaica.

Vamos agora recapitular o que sabemos sobre cada um dos cinco livros do Pentateuco ou *Sephirot*:

- **Gênesis:** Um dos livros mais conhecidos de todo o Antigo Testamento e, por isso mesmo, um dos que mais gerou dúvidas sobre a existência do Código da Bíblia em suas páginas. Considerado um dos mais fáceis de ser lido e compreendido, pelo menos no seu assim chamado "texto aberto", ou seja, a parte que qualquer um pode ler sem a ajuda do Código. O Gênesis começa com a história da criação do mundo e do Jardim do Éden, passa pelo relato dos descendentes de Adão e pelo surgimento de Noé, que sobrevive ao Grande Dilúvio. Fala também da construção da Torre de Babel e do surgimento de Abraão e seus descendentes, Isaac e Jacó. Relata ainda a história de José e sua ascensão no Egito, além de lembrar a todo instante a promessa feita por Deus aos patriarcas sobre a Terra Prometida. Ao final do texto, a família de Jacó sai da Canaã e vai para o Egito fugindo da fome.
- **Êxodo:** Livro imortalizado no cinema graças à superprodução de Cecil B. de Mille, *Os Dez Mandamentos*, de 1956, estrelada por Charlton Heston no papel de Moisés. O livro descreve a ascensão de Moisés a líder dos então escravos hebreus e sua saída do Egito anos após a época de Jacó e seus filhos. Fala de sua passagem pelo Monte Sinai, onde recebe os Dez Mandamentos e descobre que seu povo tem tendências à idolatria quando montam um bezerro de ouro para adorarem. É também nesse livro que Moisés estabelece as regras para a montagem do Tabernáculo (em hebraico, *mishkan*), um santuário portátil onde, a partir daí, os objetos sagrados como a Arca da Aliança (construída para transporte dos Mandamentos) e a *Menorah* (candelabro de sete braços, feito de ouro) eram transportados. Essa tradição durou até os tempos do rei Davi.
- **Levítico:** Fala sobre o ritual dos sacrifícios, diferenciações entre o que é puro do que é impuro, entre outros assuntos. Fala sobre como usar o Tabernáculo e dita regras rituais chamadas de Código Sagrado.
- **Números:** O texto desse livro tem maior importância histórica, pois fornece preciosos dados sobre os judeus e o tempo que passaram no deserto logo após a saída do Egito, além de falar sobre os principais acampamentos que fizeram durante esse período. Possui basicamente três partes: recenseamento do povo junto ao Monte Sinai, com os preparativos para a retomada da marcha; a jornada do Sinai até Moabe (faixa de terra montanhosa que corresponde à Jordânia nos dias de hoje); e as lamentações dos judeus contra as dificuldades encontradas no caminho; enfatiza os eventos que ocorreram na planície de Moabe antes da travessia do rio Jordão. Por causa de sua falta de fé os judeus foram condenados a vagar por 40 anos no deserto próximo a Kadesh (palco da épica batalha de mesmo nome que consagrou o reinado do faraó Ramsés II). É aqui que Moisés conhece seu destino, pois também ele não resistiu e teve uma crise de fé, o que lhe custou a entrada na Terra Prometida. Ao final do livro, os judeus finalmente se mudam de Kadesh para Canaã, derrotando dois reis da Transjordânia chamados Og e Sião. É então

que se concentram próximos a Jericó, prontos para adentrarem naquelas que seriam suas terras.

- **Deuteronômio:** Uma coletânea dos discursos feitos por Moisés na planície de Moabe próximo a Jericó que exortam os judeus a obedecerem a Deus não apenas seguindo a Lei, mas também se dedicando à tarefa de coração. Ao final da narrativa, Moisés recebe permissão para observar a Terra Prometida do alto de uma montanha e morre. É então enterrado ali por Deus antes que os judeus comecem a conquista de Canaã.

A AUTORIA DO PENTATEUCO

Se há mesmo um código inserido nesses cinco textos é de se supor que o grupo inteiro, de fato, teria sido escrito pela mesma pessoa. O problema maior é identificar quem seria esse autor tão engenhoso a ponto de esconder informações tão precisas em textos que passam uma história diferente quando lidos de maneira aberta e acessível.

Drosnin, em seus livros sobre o Código, insiste em dizer que acredita ter sido alguém muito capaz de prever o futuro de maneira muito mais acurada do que qualquer Nostradamus. Para Rips e os outros cientistas envolvidos na pesquisa do Código, essa seria uma oportunidade de ouro para que os incrédulos acreditassem no poder de Deus, pois somente Ele conseguiria esconder algo tão poderoso de maneira tão sutil.

Porém, os pesquisadores acadêmicos são de opiniões totalmente diversas. Como todo texto antigo, assim afirmam, também estes passaram de mão em mão, sofrendo aperfeiçoamentos e alterações com o passar dos anos. Como Rips e seus colaboradores, há aqueles que acreditam na recepção dos textos feita por Moisés no Monte Sinai, crendo também que a forma mais original deles (sem espaços, títulos ou mesmo acentos) foi a maneira de Deus se manifestar com um livro conhecido (a Bíblia aberta) e outro desconhecido (o tal "livro selado" de que falam vários profetas por quase todo o Antigo Testamento).

Por causa dessa crença, o próprio Gênesis é muitas vezes chamado de O Primeiro Livro de Moisés, Êxodo seria o Segundo e assim por diante. De fato, o leitor mais interessado deve notar que os cinco formam uma narrativa contínua, retomando a história do ponto onde o anterior parou. Assim, o Gênesis explica como os judeus foram para o Egito enquanto o Êxodo fala como saíram de lá. Da mesma forma, este fala sobre a construção do Tabernáculo enquanto o Levítico fornece as regras para os sacrifícios e a adoração.

O Pentateuco pode, assim, ser comparado de maneira genérica com o *Hexateuco*, onde o mesmo grupo de livros é acrescido do Livro de Josué, que foi posteriormente separado dos demais. Para muitos analisadores da Bíblia, de fato, o Pentateuco, como história, parece incompleto sem o texto de Josué, que relata a conquista da Terra Prometida. Sua narrativa continua do ponto exato onde o Deuteronômio para e documenta a conquista de Canaã prevista nos outros. Esse fato levou os pesquisadores a propor que a verdadeira maneira de se ler a história seria com os seis livros na sequência, e não apenas com cinco. Outros acreditam que o Deuteronômio deve ser posto de lado e assim surge o *Tetrateuco* (grupo do Gênesis ao Números).

Essa visão mostra o Deuteronômio como um livro que influencia diretamente outras partes da Bíblia. Esse grupo de textos é chamado de História Deuteronomística e é composto pelos livros de Josué, Juízes, Samuel 1 e 2, além de Reis 1 e 2.

Enquanto os estudiosos brigam pela maneira correta de leitura dos livros e inventam nomes pomposos e que muitas vezes não dizem nada, há aqueles que continuam a encarar o Pentateuco como a maneira correta de ler os primeiros textos. Curiosamente, o "inventor" do Código da Bíblia parece concordar com esse ponto de vista. Em nenhuma outra parte de seus livros Drosnin fala sobre a possibilidade de usar outros textos do Antigo Testamento a não ser os livros de Moisés.

A HIPÓTESE DOCUMENTADA

E aqueles que estudam o Pentateuco como uma unidade não parecem pensar que Moisés teve tanto trabalho como escritor. Para eles, os livros possuem textos separados e identificáveis como sendo de pelo menos quatro autores diferentes, todos datados do período logo após a ruptura do reino estabelecido anos antes por Davi e Salomão. Esses quatro autores (no mesmo número dos quatro evangelistas do Novo Testamento) pertencem a um grupo conhecido como javistas.

Para entender melhor os javistas, precisamos compreender suas ideias. O termo foi usado pela primeira vez em 1753 por um físico católico chamado Jean Astruc (1684-1766). Ele escreveu um livro no qual falava que uma parte do Gênesis havia sido escrita por outra pessoa e que tais trechos exibiam o estilo dessa mesma pessoa, diferenciando-os do resto do texto.

A palavra usada para descrever os seguidores daquela teoria vem de Javé. Por causa de suas variações (como Jeová) também foram chamados de jeovaístas.

Foi com essa variação que Astruc começou a trabalhar em sua hipótese documentada, uma série de escritos que tentavam esclarecer e provar as diferentes mãos que manipularam o Pentateuco. De acordo com essa hipótese, os cinco livros representam uma combinação de documentos que teriam suas origens em quatro fontes identificáveis datadas de vários períodos entre os séculos VIII e V a.C. Essas quatro fontes foram chamadas de texto J (ou Yahvísta, de *Yahveh*, a forma mais tradicional do nome de Deus em hebraico), texto E (ou Eloísta, de *Eloim*, palavra que definia Deus na língua adâmica ou de Adão), texto P (ou de Sacerdotes, *Priests* no original) e texto D (ou Deuteronômico).

Além da identificação das diversas fontes, a hipótese também fala de um editor conhecido pela letra R (de Redator) que, além de editar, também teria feito pequenas adições, resultando na forma atual. Todavia, os estudos vão no máximo até aqui, pois não conseguiram sequer identificar a identidade dos quatro autores. Porém, elementos textuais foram utilizados para ligar cada suposto autor com um período específico da história judaica. Assim, os acadêmicos falam que o texto J seria ligado à época aarônica (na qual os sacerdotes se diziam descendentes diretos de Aarão, irmão de Moisés) no Reino de Judá no começo do século VIII a.C. O texto E seria ligado aos sacerdotes moisianos (que seriam descendentes de Moisés) no reino rival de Israel. O texto E teria sido combinado com o texto J, formando o texto JE, identificado com a época da destruição do Reino de Israel pelo Império Assírio por volta de 720 a.C.

Sobram então o texto P, que foi ligado à época da reforma religiosa realizada pelo rei Ezequias de Judá (entre 716 e 687 a.C.), e D, identificado como sendo da época do neto de Ezequias, Josias (entre 641 e 609 a.C.).

E quem teria sido R? Para muitos estudiosos foi Esdras, um sacerdote escriba conhecido por ter liderado cerca de cinco mil exilados israelenses da Babilônia para a cidade de Jerusalém em 459 a.C. Teria sido o autor do Livro de Esdras e do primeiro livro de Crônicas, ambos parte do Velho Testamento.

Outros textos menores em versos que constam no Pentateuco, como a canção do Mar (que aparece em Êxodo 15:1b-18), foram identificados como sendo ainda mais velhos que os quatro textos principais. Assim, os cinco livros teriam sido editados e combinados na forma atual pelo Redator.

EM BUSCA DE PROVAS DA HIPÓTESE DOCUMENTADA

A obsessão de Rips pelas misteriosas Sequências Equidistantes nas *Sephirot* não é, de jeito nenhum, uma exclusividade da religião judaica. Embora os livros tragam características próprias do comportamento judaico, muitos cristãos também se dedicaram a estudar sua forma e conteúdo. E também se meteram a analisar suas origens e formas antigas.

Isso se reflete bem na confusão que se seguiu após a adoção da hipótese documentada e as quatro possíveis fontes do texto dos livros. Essa confusão se formou após o começo da década de 1970. Antes dessa data, o Conselho Wellhauseniano (ocorrido no final do século XIX e que visava justamente debater as origens do Gênesis e dos demais livros do Pentateuco) fincava firme o pé nas divisões javistas/eloístas/deuteronômicas/de sacerdotes. Havia aqueles que contestassem suas origens, mas ninguém ousava propor algo diferente.

O tempo, entretanto, demonstrou ser implacável e, como a maioria das coisas atribuídas à Bíblia, logo ficou claro que a absoluta falta de confirmação histórica que aquela divisão propunha iria abalar essas convicções. Assim, nenhuma confirmação quanto às características do período salomônico ou as tais divergências encontradas na redação dos cinco livros confirmaram a proposta anterior tão arduamente debatida. Para piorar, nem mesmo o emprego de métodos mais tradicionais para conseguir essas confirmações resultou em provas irrefutáveis. O resultado, claro, não poderia ser outro: o esquema proposto anteriormente e tido como certo por quase setenta anos foi desconsiderado e os debates sobre as origens recomeçaram.

Desde aquela época rolaram muitos debates, discussões e tentativas de se explicar a questão de um modo convincente. Um estudo que se destacou nesse período é o atribuído ao jesuíta belga Jean-Louis Ska, um professor de exegese (ou seja, interpretação de obra literária) ligado ao Instituto Bíblico Pontifício de Roma. Esse estudo, que levou dez anos para ser concluído, foi originalmente publicado em 2000 pelo Centro Editorial Dehoniano, de Bolonha, e se chama *Introduzione alla lettura del Pentateuco* (publicado no Brasil com o nome de *Introdução à Leitura do Pentateuco*). O padre Ska revela, logo de cara, que *"não é fácil ler um texto de mais de vinte séculos atrás, ainda mais quando não se tem o original e nem mesmo uma 'assinatura' que nos remeteria ao autor do texto. E, nem sempre a Bíblia foi Bíblia, e nem seus livros foram escritos para ser Bíblia. Nem sempre seus livros foram livros e, também, nem sempre foram subdivididos em capítulos e versículos"*.

O padre prossegue ao analisar a forma canônica do Pentateuco, bem como os cinco livros que o compõem. Para obter uma explicação precisa de seu ponto de vista parte do significado da própria palavra "Pentateuco" e mostra que ela possui um significado diferenciado quando a comparamos com outros livros da versão hebraica.

Várias análises são feitas, desde a composição do grupo de cinco livros, passando pelo *Tetrateuco* (com o Deuteronômio à parte), pelo *Hexateuco* (com o acréscimo do Livro de Josué) e até mesmo por um *Eneateuco*, grupo composto pelo Pentateuco mais os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis, seguindo uma outra teoria que diz que a história de Israel não pode ser analisada na sua forma completa se não se estender do período da Criação do Mundo até o Exílio Babilônico, conhecido como *História Principal*.

Para continuar com a forma conhecida do Pentateuco o padre Ska destaca dois argumentos que devem ser levados em consideração. O primeiro afirma que os cinco livros possuem características que não são encontradas em nenhum outro ponto da Bíblia; o segundo mostra o fato de que constituem uma narrativa coesa com começo, meio e fim, baseada na vida e obra de Moisés. Também é citada a importância da estrutura do Pentateuco para melhor compreensão do Novo Testamento, já que a vida pública de Jesus inicia-se no mesmo rio Jordão que Moisés não pôde atravessar para entrar na Terra Santa. Moisés morre sem concluir seu trabalho, que ficará por conta de Josué terminar. Para Ska, Jesus tem uma missão semelhante e deve anunciar o Reino, ou seja, "apontar o dia em que Israel vai poder, finalmente, tomar posse definitiva da terra".

O padre Ska ainda apresenta uma divisão para a estruturação dos cinco livros e apresenta os problemas literários encontrados em sua pesquisa. São também comparadas as leis apresentadas como o Código da Aliança (Ex 20,22-23,33), o Código Deuteronômico (Dt 12,1-26,15), a Lei da Santidade (Lv 17-26) e até o Decálogo (Ex 20,1-17 e Dt 5, 6-21).

Todos esses problemas e questões de debate são levantados de uma só vez. Para muitos, é praticamente impossível dizer que um texto tão mexido traria mesmo mensagens ocultas e, portanto, as estatísticas matemáticas levantadas por Rips e seus colaboradores tornam-se coisas sem sentido, uma vez que, ao contrário do que pregam, não foram descobertas num texto "de três mil anos".

Drosnin cita em seu primeiro livro da série que há certos textos extraídos do Pentateuco e que são colocados em situações especiais, como em cima das portas das casas judaicas, conforme "ordens

diretas de Deus". Se não estiver de acordo, ou seja, estiver faltando uma única letra, não produzirá o efeito de proteção que se deseja.

INSPIRAÇÃO DIVINA

Para a maioria dos leitores, colocar em dúvida a autoria dos textos contidos na Bíblia parece ser a maior das blasfêmias. O que se deve levar em consideração num estudo de caso é que a presença ou não da inspiração divina não está em jogo, mas sim o fato de provar que esses textos tiveram maior nível de interferência do ser humano do que comumente se admite.

Até o século XVI admitia-se que a autoria era de Moisés. Mas, nos últimos séculos, um estudo profundo e detalhado dos textos mostrou que o legislador judeu não podia ser o autor incontestável. Isso porque sua morte é contada no Deuteronômio. Como ele poderia ter escrito sobre isso quando ainda estava vivo? A própria denominação de Deus (tratado como Javé em algumas passagens e *Eloim* em outras) mostra a mão de autores diferentes.

Além dessas pistas óbvias, há relatos em duplicata, como dois relatos da criação do mundo (em Gn 1,1-2,4a e 2,4b-25) e dois sobre a expulsão de Agar (em Gn 16,4-16 e 21,9-21), além dos relatos da aliança de Deus com Abraão (em Gn 15,1-21 e 17,1-27), da vocação de Moisés (em Ex 3,1-4 e 6,2-8) e da queda do maná e das codornizes (em Ex 16,2-36 e Nm 11,4-34). E isso só para citar alguns.

Para terminar, há também uma relação pequena de cortes e enxertos localizados. Por exemplo, em Gn 4,25s vemos o início da genealogia de Adão, que continua em Gn 5,1.

A CABALA

Uma das definições mais usadas sobre a Cabala diz:

Cabala: aquilo que é recebido. Aquilo que não pode ser conhecido apenas através da ciência ou da busca intelectual. Um conhecimento interior que tem sido passado de sábio para aluno desde o despertar dos tempos. Uma disciplina que desperta a consciência sobre a essência das coisas.

Se tal Código pode mesmo existir na Bíblia, não seria a interpretação de Drosnin a maneira errônea de se extrair as informações? Afinal, a Cabala está aí há mais tempo do que essas pesquisas recentes. Por isso é necessário que façamos uma breve introdução ao assunto.

Popularizada nos últimos tempos por celebridades como lado místico do Judaísmo, a Cabala é apresentada como uma revelação que, a cada geração, renova-se e se apresenta mais ampliada, por assim dizer.

Vamos pegar uma definição usada pela jornalista especializada em Judaísmo Kim Zetter. Em seu livro *Cabala – Para Viver Com Sabedoria no Mundo Moderno*, já publicado por aqui, ela diz:

A palavra Cabala (…), do hebraico, significa entre outras coisas 'aquilo que foi recebido' e se refere aos ensinamentos secretos sobre o Universo e a Criação, recebidos de Deus por Moisés, no cume do Monte Sinai, há cerca de três mil anos. Segundo os cabalistas, Deus revelou a Moisés não só os Dez Mandamentos e a história da Criação (…), mas também um diagrama secreto do universo: uma espécie de mapa que retrata a fonte e as forças da Criação, além de uma explicação sobre o relacionamento entre os seres humanos e o restante do universo, tudo isso oculto no interior do texto bíblico.

Seria o famoso Código da Bíblia apenas uma maneira de verificar cientificamente que de fato a Cabala existe no texto bíblico? O sistema é conhecido como um grupo de crenças sobre o mundo e Deus que vai além do ensinamento tradicional teológico. Como Moisés é a figura principal, ou seja, quem recebeu e delegou esse conhecimento oculto para nós, ele é considerado como o cabalista original.

E o que é que atrai as celebridades para a Cabala? Muitos analisam essa como uma maneira de fazer com que a mensagem chegue o mais longe possível ao maior número de pessoas. Afinal, quem melhor para propagar esse conhecimento do que um ator ou um cantor? O problema nesse caso é que, como qualquer um que vá a uma livraria pode verificar, hoje há livros que banalizam o assunto, "traduzindo" os princípios e definições da Cabala para adolescentes e crianças, além de apresentar o assunto em "especializações" como Cabala para inveja, comida, dinheiro ou mesmo para ser feliz, entre outros trabalhos.

Apesar dessas variações, o máximo que se pode dizer de uma crença como a do Código da Bíblia é que ela se trata de uma distorção do conceito, mas que mantém o conceito de que há mesmo algo na Torá que contém as chaves do universo, como costumam chamar os conhecimentos ocultos cabalísticos. Quem estuda a verdadeira Cabala concentra-se em decifrar a mensagem que os textos bíblicos possuem e aplicar os resultados para a prática diária.

Conta a jornalista Kim Zetter que, quando se usa a palavra Cabala, não apenas nos referimos às palavras iniciais ou aos ensinamentos entregues por Deus a Moisés, como também faz-se ligação com as interpretações e práticas que surgiram a partir daí, aprendidas por mestres cabalísticos e transmitidas a seus discípulos. Essa tradição remontada há séculos no passado tem permanecido como uma prática misteriosa para aqueles que não conhecem seus princípios, os quais serão tratados nos próximos capítulos deste livro. Diz ela:

A Cabala não é um sistema direto como os Dez Mandamentos, que nos prescreve em termos sucintos o que devemos e o que não devemos fazer. Trata-se de um sistema complexo de partes interligadas, semelhante ao do próprio universo. As ideias que expressa se entrelaçam e giram em torno umas das outras, tornando fácil perder-se em todos os conceitos que abrange.

Para se ter uma ideia, sua estrutura é comparada com a de uma cebola. No exterior, há a camada superficial, que no caso seria a história da Criação, contada linearmente. À medida que o interessado vai escavar mais a fundo nesses textos, descobre-se um número de camadas maior. O ponto de partida é a história de Adão, Eva e o Paraíso para, a partir daí, esmiuçar cada particular do universo, das relações humanas ao amor de Deus, das ações vegetarianas até as partículas subatômicas.

Curiosamente, os especialistas afirmam que tentar adentrar esse complicado caminho sem treinamento adequado pode levar a pessoa à loucura. Zetter cita uma história que ilustra esse perigo e que é encontrada no Talmude, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, à ética, aos costumes e à história do Judaísmo.

A história fala de quatro sábios que entraram no Pomar (uma representação da Cabala). Um deles contemplou o divino e enlouqueceu. Um segundo morreu. Um terceiro “tornou-se apóstata” (ou seja, afastou-se de sua fé), e um quarto, chamado Rabi Akiva, emergiu mais sábio e experiente. Foi o único dos quatro a “partir em paz”.

Pelo próprio fato de partir, nessa viagem espiritual, ser algo que poderia fazer com que o estudioso parasse de funcionar no mundo comum, acreditava-se que apenas com o fato de o homem (pois o estudo era proibido para as mulheres) ter uma família e passar por um treinamento extensivo eram as únicas coisas que fariam com que o candidato mantivesse seus pés na realidade.

Mais um ponto interessante é notado por Zetter:

Outro fator importante para a restrição do estudo da Cabala foi a crença de que essencialmente o Código da Bíblia revelava o funcionamento das forças da natureza. O Gênesis, pensavam os cabalistas, oferecia uma receita da Criação. Teoricamente, qualquer um que estudasse cuidadosamente as palavras poderia encontrar o conhecimento necessário para criar formas de vida.

A coisa parece ser bem mais profunda do que simplesmente sentar e contemplar caracteres hebraicos num fundo branco, como alguns afirmam. Neste livro, vamos ver as raízes históricas da Cabala e aprender mais sobre seus conceitos. Antes de tudo, é necessário aprendermos um pouco sobre o Gnosticismo, que possui certa ligação com a Cabala. Esse será o tópico do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2
GNOSTICISMO

Certamente, para a maioria das pessoas, falar em Cabala traz a imagem imediata de um rabino vestido de preto com um rolo das sagradas escrituras a tiracolo. Para outras, entretanto, o tema ainda não possui uma forma concreta. Entender exatamente do que se trata é um assunto complicado, já que os judeus que se dedicam ao seu estudo o fazem depois de seguir uma série de exigências.

Um ponto é importante que seja colocado aqui: a própria Cabala não seria considerada uma espécie de tesouro antigo da sabedoria se não tivesse algo que confirmasse sua antiguidade histórica. Isso é obtido por meio do Gnosticismo, que age como uma espécie de testemunha. As referências de seu valor podem ser encontradas na literatura gnóstica. O próprio Gnosticismo (que equivaleria à *Chochmah* cabalística, em hebraico המכח, que significa "sabedoria") foi a primeira tentativa por parte dos estudiosos judeus de dar ao assunto uma tradição mística empírica. O problema maior foi que, ao fazer isso, trouxeram outras influências, principalmente de ideias dos sábios gregos Platão e Pitágoras. Isso fatalmente levou ao campo herético, do qual algumas famosas personalidades como os rabinos Akiva e Ben Zoma lutaram para separar os conceitos genuínos.

Mas estamos com um passo à frente de uma explicação importante, que fará com que o leitor entenda melhor. No momento vamos dedicar este capítulo ao estudo do Gnosticismo, sem o qual seria difícil entender a importância da própria Cabala.

Comecemos pela definição: o nome Gnosticismo vem do grego (na grafia original, γνώσις). O termo *gnosis* significa "conhecimento" e se confunde com a própria sabedoria judaica.

O Gnosticismo em si não é fácil de ser definido, uma vez que, em geral, se refere a um movimento religioso histórico que ocorreu durante os séculos II e III da Era Cristã. Eles reivindicavam a posse de conhecimentos secretos, identificados como a "gnose apócrifa" (termo também derivado dos equivalentes em grego). A posse desses conhecimentos diferenciava o cristão normal do iniciado. Sua origem geográfica se deu na Ásia Menor, quando o Cristianismo entrou em expansão por todo o mundo.

Muitas filosofias pagãs agiram como influências catalisadoras, encontradas principalmente em países como a Babilônia, o Egito, a Síria e a Grécia. O resultado foi uma verdadeira miscelânea de conhecimentos nos quais, no mesmo ambiente, tínhamos elementos astrológicos e mistérios de religiões gregas (como os de Elêusis), do hermetismo e do próprio Cristianismo. No geral, ensinavam que os humanos são almas divinas que estão encarceradas num mundo material criado por um deus imperfeito, conhecido como o "demiurgo", frequentemente identificado com o Deus do Antigo Testamento.

Parece estranho que a Cabala tenha uma espécie de "apoio moral" justamente vindo de um sistema de crenças que afirma ser o deus deste mundo um ser imperfeito. Vamos dar uma aprofundada no assunto e verificar mais sobre os conceitos gnósticos para entendermos melhor.

Comecemos pelo conceito do Demiurgo. Essa entidade é representada como a síntese do Mal, ou em outras instâncias, como sendo meramente imperfeito e benevolente quando quer. Ele existe juntamente com outra entidade, mais distante, conhecida como o Ser Supremo, este sim a verdadeira fonte do Bem. Para se livrar do mundo material, considerado inferior, a pessoa necessita obter a "gnose", ou o conhecimento espiritual esotérico, que se torna disponível apenas com a experiência direta do contato com esse Deus desconhecido.

No Gnosticismo apenas os psíquicos obtêm a gnose. Os demais estariam condenados às agruras do mundo material. Jesus, por exemplo, é identificado pelos gnósticos como a representação do Ser Supremo que encarnou para trazer a gnose até nós. Entretanto, mesmo sendo assim considerado, há setores do Gnosticismo que não compartilham dessa ideia, como os *Notzrim* (um grupo ou seita que começou durante o reinado da rainha dos Macabeus, Salomé Alexandra [139 a 67 a.C.], entre os aliados de Roma na Judeia) e os Mandeístas (seita que venerava João Baptista como o verdadeiro Messias e que praticava o ritual do batismo de uma maneira ainda primitiva). Esses dois grupos, considerados gnósticos, consideram Jesus como *mšiha kdaba* (falso profeta), alguém que perverteu os ensinamentos passados a ele por João Baptista.

Um detalhe interessante: anteriormente, o Gnosticismo era considerado, na sua maior parte, como uma corrupção do Cristianismo. Hoje em dia, no entanto, seus sistemas de crença podem ser claramente rastreados até uma época anterior à Era Cristã.

Um bom resumo das crenças gnósticas pode ser encontrado no site Canção Nova. Lá podemos ler o seguinte:

O Gnosticismo acredita que há como que dois deuses; um deus bom e outro mau; e o mundo teria sido criado pelo deus mau, um deus menor, que eles chamam de Demiurgo; este seria o nosso Deus da Bíblia, daí todas as tragédias contadas nela. Para essa crença, as almas dos homens já existiam em um universo de luz e paz (Plenoma); mas houve uma 'tragédia' – algo como uma revolta – e assim esses espíritos foram castigados sendo aprisionados em corpos humanos, como em uma cadeia, pelo deus Demiurgo, e que os impede de voltar ao estado inicial. A salvação dessas almas só seria possível mediante a libertação dessa cadeia que é o corpo, que é mau, e isso só seria possível através de um conhecimento (gnose, em grego) secreto, junto com práticas mágicas (esotéricas) sobre Deus e a vida, revelados aos 'iniciados', e que dariam condições a eles de se salvarem. Por isso os gnósticos não acreditam na salvação por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo; não acreditam no pecado, nos anjos, nos demônios, e nem no pecado original. Para eles, o mal vem da matéria e do corpo humano, que são maus. A Igreja muitas vezes teve que se pronunciar contra isso e muitas vezes relembrou que 'tudo o que Deus fez é bom'.

ESTRUTURA

Durante os séculos II e III, o Gnosticismo se espalhou em áreas amplas do Mediterrâneo e do Oriente Médio. Tornou-se uma heresia dualística para o Judaísmo, para o Cristianismo e também para a Filosofia Helenística em áreas controladas pelo Império Romano, pelos godos e pelo Império Persa.

Na Idade Média, o número de adeptos gnósticos diminuiu violentamente graças às conversões ao Islamismo e às ações da Cruzada Albigense, que atacou redutos dos cátaros durante os anos de 1209 e 1229. Embora essas ações fossem decisivas na propagação das ideias gnósticas, algumas comunidades isoladas continuam a existir nas mesmas áreas até os dias de hoje. Durante os séculos XIX e XX, muitos movimentos filosóficos e esotéricos usaram suas ideias a ponto de se tornarem influentes na Europa e na América do Norte.

Mas, afinal, o que marca um sistema de crenças gnósticas? Vejamos algumas de suas características principais:

1) A crença numa única divindade suprema e superior que, em geral, é conhecida por nomes como *Plenora* e *Bythos* (grego pra “profundo”).

2) A introdução por emanação de outras divindades, que no entanto são identificadas como aspectos do deus do qual procedem (algo que veremos com mais detalhes nos próximos capítulos quando falarmos sobre as *Sephirot* e a Árvore da Vida). Essas emanações progressivas são concebidas metaforicamente como graduais e progressivas à medida que se distanciam da fonte divina, que traz uma certa instabilidade no “tecido da natureza divina”.

3) A subsequente identificação da Queda do Homem como uma ocorrência com suas origens na própria divindade em vez de ter ocorrido por uma falha humana. Esse estágio na emanação divina é geralmente representado pela figura recorrente da *Sophia* (grego para “sabedoria”), cuja presença em grande parte dos textos indica sua importância central.

4) A introdução de um deus criador distinto, o Demiurgo, conforme a tradição platônica. Há evidências históricas que comprovam que esse conceito viria das obras *Timeu* e da *República*. Na primeira, o Demiurgo é um criador benevolente de matéria preexistente, cujas limitações estão na criação do Cosmo. Na segunda, a descrição do desejo no modelo socrático de psique tem uma forte semelhança com a descrição do Demiurgo, que assume o formato de leão. Em algumas fontes essa figura é conhecida como *Ialdabaoth*, *Samael* (em aramaico, “deus cego”) ou *Saklas* (em sírio, o tolo), que por vezes não conhece o Deus Superior, e por vezes se opõe a ele, assumindo assim uma posição malévola. Por vezes, o Demiurgo cria um grupo de “coatores” conhecidos como Arcontes, que comandam o reino material e, em alguns casos, apresentam obstáculos para a alma que busca ascender.

5) O fato de esse mundo ser, em geral, uma simulação inferior de uma realidade ou consciência de nível mais alto. A inferioridade pode ser comparada a uma técnica de pintura, escultura ou outros modos de artesanato para as coisas que são por elas geradas. Em outros casos é entendido como sendo mau ou uma prisão deliberada para seus habitantes.

6) O uso de uma mitologia cosmológica complexa com elementos que “caem” no mundo material e se abrigam no interior de certos seres humanos. Desse ponto podem retornar ao Reino Divino por meio da participação de um processo de despertar que leva à salvação. Esta é um espelho da restauração da natureza divina.

7) O conhecimento de um tipo específico como fator central no processo de restauração, atingido por meio da meditação de uma figura redentora (em alguns casos, Cristo, em outros, *Seth* ou *Sophia*).

RELAÇÕES E MOVIMENTOS

Durante o primeiro e a maior parte do segundo século de nossa Era, o relacionamento entre Gnosticismo e Cristianismo foi vital para que conseguíssemos entender as doutrinas pregadas pelos gnósticos. Vamos observar algumas particularidades com a Cabala, principalmente na questão das emanações divinas.

Até antes da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto (os *chamados Manuscritos de Nag Hammadi*, cujo assunto discuti longamente em meu livro *A Extraordinária História da Bíblia*), muito do que sabíamos sobre o Gnosticismo só havia sido preservado nos ensinamentos das primeiras igrejas. Afinal, o fato de os conceitos se misturarem de maneira intrínseca era especialmente atrativa para os recém-convertidos ao Cristianismo que, de uma maneira ou de outra, queriam manter algumas de suas crenças pagãs.

No geral, os sistemas de crença gnósticos são descritos como sendo dualísticos em natureza, ou seja, veem o mundo como o conhecemos, como influenciado pelas duas entidades já descritas, o Ser Supremo e o Demiurgo.

No site Evolução Espiritual lemos o seguinte:

Os pensamentos gnósticos eram muito mais coerentes e fiéis aos ensinamentos de Jesus, especialmente no que diz respeito à Sua natureza, do que os demais cristãos, mas que incorria no erro básico de admitir a matéria como sendo hostil ao bem. Isso tornou ainda mais sério o problema de como a perfeição poderia ter produzido a imperfeição, de como aquela poderia de qualquer modo estar veiculada com esta. Os gnósticos constituíram uma corrente filosófica forte nos primeiros séculos, embora sejam predecessores do próprio Cristianismo. Antes da vinda de Jesus havia uma corrente dentro da religião hebraica que adotava conhecimentos místicos com forte influência da Doutrina Pitagórica, do Platonismo, do Culto de Mitras (Mitraísmo) e até mesmo ensinamentos oriundos do Antigo Egito – Hermetismo – e da Mesopotâmia – Zoroastrismo e Mazdeísmo. Os gnósticos admitiam que o conhecimento, que denominavam de Gnosis, podia chegar ao homem por meio de transes – quando o espírito fica livre para circular pelas diversas esferas – assim como pelos sonhos, conforme muitas citações bíblicas dizem ser possível.

A moralidade da gnose só pode ser resolvida ao ler os textos de escritores contemporâneos. Inúmeros escritores cristãos acusaram professores gnósticos de evitar o reino material, enquanto simultaneamente perdoavam seus apetites físicos. É claro que essa discussão vai muito longe e é possível ver os pontos de vista de ambos os lados nos inúmeros fóruns e comunidades espalhados por toda a Internet.

As escolas gnósticas podem ser definidas como sendo membros de duas vertentes, a da Escola Persa ou do Leste e a da Escola Sírio-Egípcia. A primeira possui tendências dualistas mais fáceis de serem demonstradas e que refletem a influência das crenças dos zoroastras (seguidores de Zoroastro) persas. Já as escolas sírio-egípcias são mais monoteístas. Entre as exceções estão movimentos relativamente modernos que incluem elementos de ambas as categorias, como os cátaros, os bogomilos e os carpocratianos.

As escolas persas, que apareceram na Babilônia e cujos escritos foram produzidos originalmente em dialetos aramaicos falados por lá, são representativos das crenças e formas mais antigas de Gnosticismo. Esses movimentos são considerados pela maioria dos estudiosos do tema como religiões, não apenas emanações do Cristianismo ou do Judaísmo.

Já as escolas sírio-egípcias são derivadas de influências platônicas, conforme já foi explicado. Em geral, retratam a criação como uma série de emanações de uma força única primal, algo muito similar ao que se pensa na Cabala. Como resultado dessa crença há uma tendência de enxergar o mal em termos materiais e com uma falta de *insight* espiritual e bondade. Isso vem em oposição à ideia mais comum de que o mal seria uma força equivalente ao bem. Essas escolas usam os termos “bem” e “mal” como relativos e autodescritivos.

GNOSTICISMO E CABALA

As ideias gnósticas encontraram uma variação judaica no estudo místico da Cabala. Os cabalistas tomaram muitas das ideias gnósticas e usaram-nas para reinterpretar dramaticamente as primeiras fontes de seu povo como uma nova influência estrangeira.

Fontes históricas indicam que os cabalistas se originaram na Provença, na França. Por muito tempo a região foi o centro dos cátaros gnósticos e há até hoje uma ideia muito divulgada que diz serem os cátaros que persuadiram os judeus a assimilarem as ideias gnósticas, o que levou ao desenvolvimento da Cabala em si. Outra facção que teria exercido muita influência na criação dos estudos cabalísticos seriam os muçulmanos ismaelitas, mas pouco se sabe sobre essa teoria.

A Cabala, entretanto, não usa as terminologias do Gnosticismo, e sim adota terminologias próprias da linguagem da Torá. Entretanto, durante períodos em que o Gnosticismo atraía membros de várias religiões e criou versões gnósticas dessas mesmas religiões, vários judeus aderiram à versão mística do Judaísmo, reconhecidamente similar em vários aspectos às crenças gnósticas.

Há vários pontos em comum entre a Cabala e o Gnosticismo, como a multiplicidade de níveis celestes, seus arquétipos e a importância do conhecimento místico destes. Porém, isso não significa que crenças gnósticas distintas são possíveis de serem identificadas, como, por exemplo, atribuir o mundo material (e por consequência a Bíblia hebraica) ao trabalho de um Demiurgo, muitas vezes considerado uma entidade malévola. Para muitos pesquisadores não seria correto atribuir a Cabala como uma forma de Gnosticismo, mas sim colocar tanto um quanto o outro como membros da família das tradições místicas orientais neoplatônicas ou neopitagóricas, que incluiriam também o sufismo, a corrente mística e contemplativa do Islã.

É importante entender o conceito da dualidade gnóstica porque todo o sistema de poderes divinos bons e maus, como o conhecemos hoje, possui uma raiz significativa no Zoroastrismo e, por meio da difusão dessa crença, atingiu o movimento gnóstico e influenciou a cosmologia da antiga Cabala antes de ela ter atingido a Idade Média. Isso pode ser visto mais facilmente com o conceito da Árvore da Vida, sobre a qual falaremos mais nos próximos capítulos. Nesse que é o desenho mais significativo e resumido dos conceitos cabalísticos, o lado direito é a fonte da luz e da pureza, enquanto o esquerdo é a fonte da escuridão e da impureza a que os gnósticos se referem.

Outro fator que se deve levar em consideração é o fato de o conceito das Kelippot (em hebraico, תופילק, que são as “cascas” primais de impureza) poder ser encontrado em antigos encantamentos babilônicos, o que atestaria a antiguidade da maioria das ideias cabalísticas.

É claro que algo dessa magnitude não é exclusividade de certas tradições. Como já citado no capítulo anterior, também a pesquisa do Código da Bíblia seria uma variação sobre o tema da Cabala. E mesmo assim essa não teria sido a descoberta mais recente, já que outras ocorreram antes mesmo da publicação dos trabalhos de Michael Drosnin. Porém, voltaremos a esse assunto mais para o final deste capítulo.

DESTAQUES DAS ESCOLAS GNÓSTICAS

O verdadeiro relacionamento entre os vários movimentos gnósticos é retratado de maneira mais acurada por Bentley Layton, professor de estudos religiosos da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Em sua introdução aos textos gnósticos, publicada na obra *The Gnostic Scriptures*, ele fala sobre o Gnosticismo clássico influenciado por Valentino, um místico gnóstico que teria sido aluno de Thedoras, um amigo de São Paulo. Sabe-se quase nada sobre sua vida, a não ser que fundou sua própria escola de Gnosticismo nas cidades de Alexandria, no Egito, e em Roma. Para Layton, Valentino é "o grande reformador gnóstico" e o "ponto focal" do desenvolvimento desse movimento.

O Valentianismo, como é chamado, floresceu durante os primeiros séculos da Era Comum. Seu fundador teria vivido entre os anos 100 e 180 aproximadamente. Sua escola tornou-se extremamente popular, o que não impediu que o nome de Valentino entrasse numa lista de heréticos entregue ao primeiro imperador cristão, Constantino. A doutrina de Valentino pode ser descrita como a forma mais elaborada e densa das escolas sírio-egípcias.

Por muito tempo, as escolas gnósticas tiveram períodos de destaque seguidos de alguns em que caíam no esquecimento. Porém, a passagem do tempo só serviu para fortalecer seus ideais, que sempre terminam por ser redescobertos pelas gerações posteriores.

Os pensadores do século XIX estudaram o Gnosticismo extensivamente e se deixaram influenciar por suas ideias. Entre os nomes conhecidos estão William Blake, Arthur Schopenhauer, Albert Pike e, claro, a fundadora da Teosofia, Madame Blavatsky. Além desses, é sabido também que escritores do calibre de Herman Melville e W. B. Yeats também foram influenciados, embora de maneira tangencial. A França de 1890 viu o restabelecimento de uma igreja gnóstica, fundada por Jules Doinel, que permanece na ativa até hoje.

No começo do século XX outros pensadores também se entregaram ao estudo da gnose, como Carl Jung (que apoiava o movimento), Eric Voegelin (que se opunha às ideias), Jorge Luis Borges (que incluiu elementos em muitos de seus contos) e, claro, o mago Aleister Crowley.

Quando os manuscritos de Nag Hammadi foram descobertos, em 1945, houve um grande impacto mundial. A descoberta praticamente ofuscou o fato de que aquele era o ano em que a II Guerra Mundial terminara. Novos nomes aderiram ao ideal gnóstico, como Hans Jonas, Philip K. Dick e Harold Bloom, sendo os mais famosos os escritores Albert Camus e Allen Ginsberg.

Um grande número de grupos eclesiásticos que se imaginavam como gnósticos foram estabelecidos ou fundados novamente desde a II Guerra Mundial, incluindo a Sociedade do Novus Spiritus, a Ecclesia Gnostica, a Igreja Thomasina, a Igreja Apostólica Joanista, a Igreja Gnóstica de Alexandria e o Colégio Norte-americano de Bispos Gnósticos.

Ironicamente, foi graças ao *best-seller O Código da Vinci*, de Dan Brown, que o interesse pelas igrejas gnósticas dobrou nos últimos tempos, com o estabelecimento de novas igrejas e organizações em grande parte dos países europeus.

A TEOMÁTICA

Como tudo isso se aplica à Cabala? A resposta está na análise do processo que levou às descobertas de “novidades” como o já citado Código da Bíblia, que muitos consideram apenas uma reinterpretação da Cabala. Retomemos esse exemplo.

Michael Drosnin alega que o Dr. Rips estava destinado pelo Código da Bíblia a trazer a verdade à tona com sua “descoberta”. Mas em momento algum ele realmente encara seu papel como jornalista e vai atrás da existência de outras pesquisas realizadas em cima do Velho Testamento. Para muitos, Rips nada mais fez do que pegar trabalhos já começados de outras pessoas e partir atrás de um colaborador que montou um programa de computador para descobrir as tais Sequências Equidistantes ocultas no livro.

Uma rodada em qualquer catálogo acadêmico de livrarias que trabalham com produtos importados mostra que, de fato, a Bíblia já foi motivo de muitas pesquisas. Uma delas, entretanto, ganhou muitos adeptos desde que foi divulgada, a ponto de seus defensores apelidarem-na de “o Código da Bíblia Original”.

Trata-se da chamada Teomática, que como o leitor mais avisado deve perceber, tem um nome que já diz tudo (combinação da palavra grega *Theos*, Deus, e matemática). Assim, a Teomática nada mais seria que a matemática de Deus.

Por milhares de anos os homens tentaram partir em busca de provas da existência de Deus. Alguns queriam provas a favor, outros, contrárias. Os esforços acabaram resultando em fracasso para ambos os lados. Muitos cristãos e outros crentes similares sempre se convenceram de que havia alguma prova firme, sólida, da existência do Criador e desde os tempos medievais acredita-se que a Bíblia possui mesmo um código oculto. O mais famoso desses pesquisadores, Sir Isaac Newton, foi, como vimos, um dos mais persistentes.

Porém, essa leva de pesquisadores acreditava que essa versão do Código era um pouco diferente da pregada por Drosnin. Em vez de mostrar mensagens *ipsis litteris* do futuro apocalíptico e de grandes desgraças, essa versão mostraria uma descrição matemática complexa que estaria além da mentalidade humana. Já foi descrita de várias formas de “um tipo de marca d´água que prova a autoria dos textos como sendo de Deus” até “uma pegada deixada pelo Espírito Santo”.

A Teomática seria uma técnica de análise que busca provas dessa matemática complexa inserida na Bíblia e que mostraria a existência de uma inteligência superior (no caso, Deus) na confecção dos textos que fazem parte da Bíblia.

Essa técnica difere inteiramente do Código de Drosnin por justamente não se basear nas Sequências Equidistantes, mas sim nos sistemas de conversão das letras das palavras em números.

Os defensores desse Código “original” falam que a análise dos textos da Bíblia revela padrões numéricos que não são explicáveis por si mesmos. E juntos anseiam achar a prova da existência de Deus de uma forma numérica perfeita e inconcebível por mentes humanas. As SE, base do Código de Drosnin, estão, segundo a visão dos defensores da Teomática, destinadas ao fracasso porque se apoiam na premissa desacreditada de que seu texto é o mesmo desde os tempos bíblicos. Como prova disso citam estudos arqueológicos e linguísticos que comprovam diferenças significativas entre vários manuscritos antigos que reproduzem o Velho Testamento e que sobreviveram à ação do tempo. Mais ainda: afirmam que não há como determinar qual era o formato original.

DESCOBERTA

Seria a Teomática mais uma maneira de se descobrir o conhecimento oculto gnóstico dentro da Cabala? Vamos ver um pouco sobre a história desse antepassado do Código da Bíblia.

A descoberta da Teomática remonta ao ano de 1975 e surgiu originalmente na cidade de Portland, no Oregon, Estados Unidos. A partir daí, milhares de horas foram investidas nessa pesquisa a fim de validá-la.

Desde então seus resultados, tratados com absoluto sigilo, foram mantidos longe da mídia e de jornalistas curiosos, exatamente o inverso do que aconteceu com a pesquisa de Rips. “Do ponto de vista matemático e científico, a Teomática é um fenômeno muito mais provável. Se os mundos cristão e secular tivessem alguma compreensão dessa descoberta ou de suas implicações, mudaria para sempre o espaço entre ciência e religião como lembrança da história deste planeta”, diz o site oficial da pesquisa.

Na Teomática, é possível aprender como Deus escreveu Suas palavras matematicamente, graças a uma espécie de *design* oculto na Bíblia. “Nenhum outro livro na literatura já escrita, aparentemente, contém qualquer coisa que se assemelhe à Teomática”, afirma o texto oficial. E acrescenta: “É totalmente único aos 66 livros”, referindo-se ao fato de que esse padrão (ou *design*) está presente na Bíblia inteira, e não apenas no Pentateuco como afirmam Drosnin e o Dr. Rips.

Seus pesquisadores, o matemático Del Washburn e o pesquisador Jerry Lucas (conhecido por trabalhos no campo do basquete), lançaram em 1978 um livro chamado *Theomatics: God’s Best Kept Secret Revealed* (*Teomática: O Melhor Segredo de Deus Revelado*, inédito no Brasil). O livro vendeu, na época, 90 mil cópias em suas versões *pocket* e capa dura e rendeu aos autores maciça divulgação em canais de televisão. O segundo volume, *Theomatics II*, saiu em 1994 e mais uma vez chamou a atenção por conter informações mais sólidas do que as da pesquisa do Dr. Rips, embora a intenção de manter a vida acadêmica de Washburn no anonimato seja maciça. É quase impossível encontrar informações sólidas sobre o pesquisador, o que faz com que se pense imediatamente na legitimidade do trabalho.

Tudo parte da estrutura numérica atribuída ao texto original em hebraico ou em grego. A tabela de valores usada na Gematria também é usada aqui. A diferença está nos valores atribuídos ao texto quando assume a forma grega, uma vez que sabemos serem essas duas línguas as originais tratadas nos primórdios do Cristianismo e que foram responsáveis pela preservação dos mais antigos manuscritos. Enquanto a tabela dos caracteres hebraicos vai até 400, a tabela grega segue os mesmos valores, porém chega a 800. E o que é melhor: a análise não é limitada a funcionar apenas nessas línguas, ao contrário do Código de Drosnin, que não funciona se não for em hebraico. Porém, é claro, aconselha-se se manter nessas duas variações por causas históricas.

Essa atribuição de valores numéricos não se aplica apenas às letras em si. Pode ser usada para determinar o valor de certas palavras. Por exemplo, colocamos aqui a análise de suas palavras gregas, *Eeaysooce* (pronúncia da versão grega para o nome *Jesus*) e *kosmos* (palavra que significa *mundo*). Ao decompô-las em suas respectivas letras e seguir a tabela de valores, dão o resultado total de 888 para a primeira e 600 para a segunda.

Para ajudar o leitor a visualizar a tabela grega de valores basta consultar o modelo da Tabela 2.1:

Caracter grego	**Valor**
α	1
β	2
γ	3
δ	4
ε	5
ξ	6

ζ	7
η	8
θ	9
ι	10
κ	20
λ	30
μ	40
ν	50
ζ	60
ο	70
π	80
ξ	90
ρ	100
σ	200
τ	300
ν	400
φ	500
χ	600
ψ	700
ω	800

Tabela 2.1.: Correspondência numérica dos caracteres gregos.

O mesmo esquema pode ser utilizado também para compor os valores de frases inteiras, tanto numa quanto em outra língua. Por exemplo, se tomarmos o primeiro versículo do Gênesis 1:1, que fala sobre

a criação do Céu e da Terra (“No princípio criou Deus os céus e a terra”) em sua forma original hebraica, e seguirmos a tabela de atribuição de valores, teremos como resultado 2.701.

No caso desse versículo, a ordem de leitura ficaria algo como “terra-ecéu-***-Deus-criou-noinício”. Vejam a diferença: não existe para os judeus a expressão “no início”, que corresponderia a uma só palavra, enquanto o espaço com asteriscos indica a presença em hebraico de uma palavra que, apesar de não ter uma tradução exata em nosso idioma, é levada em consideração na hora de levantar os valores. Assim temos os seguintes valores:

terra – 296 / e – 407 (palavra hebraica constituída de três letras) / céu – 395 / *** (palavra hebraica sem tradução composta de três letras) – 401 / Deus – 86 / criou – 203 / noinício (palavra hebraica única) – 913

Total da soma - 296 + 407 + 395 + 401 + 86 + 203 + 913 = 2.701.

Assim, quando tudo é colocado junto em frases e expressões, gera valores que são mantidos em determinados trechos, mostrando um lado da Bíblia que poucos conhecem, o da perfeição numérica, uma dimensão que, segundo alguns pesquisadores, seria o ambiente ideal para que Deus se manifestasse em toda Sua perfeição.

Embora a magnitude dessa descoberta esteja apenas começando a se revelar para os pesquisadores, com o passar dos anos muitos povos especularam, acreditaram e até mesmo ensinaram que havia mesmo alguma espécie de fenômeno sobrenatural, mas baseado nesses padrões matemáticos e não em profecias literais ocultas, presente nos textos hebraico e grego da Bíblia.

Esses povos antigos acreditavam que uma chave revelaria um significado simbólico e espiritual por trás das palavras desses textos, posto lá por Deus, sem o conhecimento dos homens que os redigiram.

O NASCIMENTO DE JESUS

Um estudo de caso foi publicado nos livros sobre a Teomática e divulgado pela Internet. O que se estudou aqui foi, claro, uma referência ao nascimento de Jesus, um dos milagres mais estudados de toda a Bíblia. Com o passar dos anos muitas pesquisas foram feitas para tentar analisar os fatos. Há aproximadamente 60 referências ao nascimento no Novo Testamento e algumas no Velho Testamento que falam sobre a concepção, o nascimento, o bebê na manjedoura, entre outros. Virtualmente, todas essas referências estão cheias de múltiplos de 111. As probabilidades matemáticas dessa análise remontam a uma em vários milhões e que a maneira como os autores da Teomática mostram a explicação seguinte foi feita para aqueles que não são matemáticos possam acompanhar com detalhes simples a explicação.

A análise do nome de Jesus em grego dava um valor de 888. Se dividirmos esse valor ao meio, teremos 444 que, por sua vez, dá 222 e, por fim, 111. Esse número é predominante nas referências ao Messias, apesar de não ser o único ligado a seu nome. Esse número, na verdade, aparece predominantemente nas referências ao nascimento.

O exemplo divulgado mostra uma passagem do Evangelho de Mateus. A passagem inteira, Mateus 1:16, possui valor de 111x66:

E a Jacó nasceu José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama Cristo.

Desse trecho temos os valores:
Jesus (Ihsouv) – 111x8
Cristo (Xriston) – 111x12

A segunda referência ao nascimento acontece no versículo 18:

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, ela se achou ter concebido do Espírito Santo.

Ora, o nascimento de Jesus Cristo(…)", que corresponde no grego à frase *tou Ihsouv Xristou genesiv outwv hn*, assume o valor 111x49.

Antes de se ajuntarem, ela se achou ter concebido do Espírito Santo, que corresponde à frase *eureje en gastri ek*, assume o valor 111x11.

A próxima parada será no versículo 20, quando um anjo aparece a José em sonho:

E, projetando ele isso, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo.

"Pois o que nela se gerou é do Espírito Santo", que corresponde à frase *auth gennhjen ek pneumatov estin agiou*, assume o valor 111x28. Já "o que nela se gerou", que corresponde a *auth gennhjen*, assume valor 111x8, que gera o agora conhecido resultado 888.

No versículo 21 há vários múltiplos de 111. A seguir, aparece apenas um deles:

E ela dará à luz um filho, a quem chamarás JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.

"E ela dará à luz um filho", que corresponde à frase *tecetai de uion*, assume o valor 111x11.

Dois versos depois, no número 23, vemos a mais famosa declaração sobre o nascimento de Jesus:

"Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, o qual será chamado EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco."

"Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho(…)", que corresponde à frase *Idou h parjenov en gastri ecei kai tecetai uion*, assume o valor 111x27.

Dois versos mais adiante, depois que Jesus nasce, aparece novamente as palavras descritas acima:

“Ela deu à luz um filho e O chamou JESUS.”

A frase, que corresponde a *eteken uion kai ekalesen onoma autou* (que seria a tradução da frase acima sem o nome de Jesus), assume o valor de 111x34.

Por todas as descrições anteriores dá para se ter uma ideia do funcionamento desse Código da Bíblia. Tudo se resume a mostrar ao crente a validade dos fatos narrados por meio de números e operações que ocorrem em padrões que se repetem constantemente e atuam como uma espécie de “marca registrada matemática” e “assinatura digital” de cada personagem enfocado pelos textos bíblicos.

POLÊMICA

Porém, como toda pesquisa ligada a essa área, os pesquisadores e acadêmicos bíblicos modernos ridicularizaram ou ignoraram completamente a Teomática. De um modo geral, eles não reconhecem a possibilidade de tal Código existir por se tratar de uma pesquisa fora do campo convencional.

Há quem defenda a ideia, como um matemático que prefere se esconder por trás de certos codinomes na Internet que não vêm ao caso citar por aqui. Em um longo texto, ele declara:

Se a técnica da Teomática é válida, então seria possível demonstrar matematicamente que Deus interveio de maneira sobrenatural na redação da Bíblia. Esse seria um importante avanço no campo da apologia cristã, talvez a mais profunda descoberta de todos os tempos. Mas, se for falsa, então há potencial para um grande perigo que envolva o nome do Nosso Senhor Jesus Cristo.

No campo religioso, há uma grande discussão sobre a validade de tal teoria. Por exemplo, muitos agnósticos, ateus e humanistas rejeitam a ideia da interferência divina na Bíblia. Muitos se referem ao livro apenas como uma coleção de documentos históricos, cada um destinado a promover as crenças e convicções espirituais de seus autores e, assim, seria inútil pesquisar coisas que lá estejam ocultas. Uma posição de ateus que Drosnin, que se declara como um deles, ignora totalmente.

Alguns céticos, que se dedicaram a pesquisar provas da existência de Deus, apoiam-se nos Códigos da Bíblia, sejam eles quais forem, como uma maneira de que, se o Criador é algo real, Ele deseja se comunicar, e aguardam que isso aconteça. Já alguns conservadores cristãos estudam esses mesmos códigos para obterem visões mais amplas sobre o conteúdo verdadeiro, que eles consideram a real palavra de Deus.

E mesmo entre os judeus há aqueles que preferem evitar certos estudos numéricos da Bíblia, como o rabi Asher Lopatin da Congregação Anshe Shalom B'nai Israel em Chicago, nos Estados Unidos. Ele declarou que se preocupa que isso possa levar a uma forma de falsa idolatria, quando os números em si se tornam mais importantes do que o próprio Deus. Já os fundamentalistas cristãos rejeitam essas pesquisas como sendo parte do estudo do oculto. Acreditam que, quando se realiza experimentos com a numerologia ou decodificação dos textos bíblicos, portais abrem-se em suas vidas e espíritos malévolos possuem as pessoas que as realizam.

O CÓDIGO DE BULLINGER

Uma outra versão do Código da Bíblia foi divulgada anos antes dessa polêmica toda começar. Trata-se do trabalho de um escritor e teólogo inglês chamado Ethelbert W. Bullinger (1837-1913), cujo livro mais popular é um Compêndio Bíblico, um estudo da versão mais famosa da Bíblia em língua inglesa, a do Rei James.

Também é o autor de *Number In Scripture: Its Supernatural Design And Spiritual Significance* (*Números nas Escrituras: Seu Design Sobrenatural e Significado Espiritual*). Nessa obra, reimpressa no exterior pela última vez em 1993, ele descreveu as fontes que originaram os números mais usados atualmente (como os 12 signos do zodíaco ou os 360 graus de um círculo).

Mas seu estudo mais detalhado foi mesmo o da Bíblia e dos números nela contidos. Ecos do trabalho da Teomática podem ser aqui encontrados com uma similaridade espantosa. O autor afirmava que o significado espiritual e simbólico dos textos é associado a vários valores numéricos, conforme aparecem nas Escrituras. Por exemplo:

- O número 3 representa Deus.
- O número 9 representa o Julgamento Final.
- O número 15 representa os atos inspirados pela Graça de Deus.
- O número 40 representa a provação, o julgamento e a punição.
- O número 1.290 representa a desolação.
- O número 1.335 representa a bênção.

Em seguida, Bullinger detecta padrões onde esses números ocorrem nas versões cristã e hebraica da Bíblia. Conclui, assim, que essas repetições não ocorrem naturalmente e sim foram inseridas por dezenas de autores que trabalharam de maneira independente nos 66 livros das Escrituras. Por fim, declara que Deus é o responsável pela criação dos textos e que esses misteriosos padrões seriam uma prova de Sua existência.

PADRÕES NUMÉRICOS NA TEOMÁTICA

Essas estranhas ocorrências também podem ser observadas nas pesquisas da Teomática. De acordo com Del Washburn, os padrões provam que Deus é o verdadeiro autor da Bíblia e que tudo nos textos é composto por matemática. “Deus, O Criador, às vezes num passado eterno, orquestrou e planejou cada palavra na Bíblia como seria por fim”, diz o pesquisador. “Cada palavra tem que ser grafada de maneira precisa para que se obtenha seu valor numérico, e então seja colocada numa determinada posição no texto”.

Assim, vemos presentes nessas pesquisas os seguintes padrões:

- 12 discípulos escolhidos por Jesus para serem seus Apóstolos.
- 153 peixes pegos pelos discípulos.
- 800 anos como a idade que Adão tinha quando se tornou pai.
- 300 cúbitos de largura como o tamanho da Arca de Noé.
- 30 dias como o período de luto que os judeus observaram após a morte de Moisés.

Esses valores são comparados com outros obtidos por meio das análises das palavras, grupos de palavras, frases ou sentenças localizadas próximas, nos mesmos moldes do exemplo retirado e já explicado do Evangelho de Mateus sobre o nascimento de Jesus. Outro exemplo é o caso dos peixes, mencionados no Evangelho de João 21:11:

Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, cheia com cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede.

O número 153 reaparece em frases próximas ao trecho citado, algumas das quais são:

- A palavra grega para “peixes” tem valor 1.244, que equivale a 153x8.
- “A rede”, usada pelos discípulos, também tem valor de 1.244.
- O termo “pescadores de homens”, encontrado mais à frente, vale 2.142, que é igual a 153x14.

Entre as descobertas mais importantes da Teomática está a ocorrência do já citado valor teomático 111 para o nome de Jesus, além das ocorrências similares por todos os textos referentes ao Salvador, onde a frequência matemática é maior do que poderia se supor.

Na tentativa de provar a legitimidade desse Código, os defensores da Teomática realizaram o seguinte experimento: misturaram os valores da tabela descrita neste capítulo e atribuíram os valores incorretos. O resultado foi analisado com a ajuda de um programa de computador e que usou valores atribuídos de forma randômica. Pouquíssimas ocorrências similares foram encontradas. Outras tentativas com valores diferentes produziram os mesmos resultados. Aparentemente, o Código original só funciona com os valores atribuídos tradicionalmente, que, segundo seus defensores, foram escolhidos. Apenas o tempo pode dizer se esse ou qualquer outro Código encontrado na Bíblia é mesmo obra de Deus.

No próximo capítulo saberemos com mais detalhes os elementos que caracterizam a Cabala e como todos esses “códigos” encontrados podem ser diretamente ligados à tradição mística dos judeus.

CAPÍTULO 3
FUNDAMENTOS DA CABALA

A pergunta maior que deve passar pela mente dos leitores, depois de lermos os capítulos anteriores, é se todas essas histórias sobre códigos ocultos na Bíblia são para serem levadas em consideração ou não. Afinal, o que mensagens ocultas em sequências equidistantes têm a ver com a Cabala?

Se analisarmos por um lado, o da Cabala mais tradicional, teremos certeza de ser pouco ou quase nada. Todo esse papo de mensagens ocultas só serve para aguçar ainda mais a curiosidade para que possamos entender o verdadeiro significado do misticismo judaico. E agora começa a verdadeira viagem aos mundos ocultos no texto da Torá, também conhecida como os Cinco Livros de Moisés ou Pentateuco.

Gente como Michael Drosnin, que se maravilha com o que é descoberto nesses textos, chega a ir mais longe e afirmar que o autor dessas mensagens pode ser até de outro planeta. Mas a Cabala já não é dessa opinião. Vejamos um trecho do livro *Cabala – Para Viver Com Sabedoria no Mundo Moderno*, da jornalista Kim Zetter:

O que é Cabala? Nada menos que a resposta às perguntas do nosso universo e de todas as épocas. Mais especificamente, a Cabala é o lado místico e esotérico do Judaísmo, que dá um mergulho na compreensão mais profunda da Bíblia dos hebreus (ou Antigo Testamento), indo além da interpretação literal para nos oferecer informações sobre a alma, sobre a natureza de Deus, da Criação e do mundo espiritual, e sobre nosso relacionamento individual com Deus e os demais.

Vemos, só com esse único parágrafo, que, ao contrário do que se propaga, achar mensagens na Bíblia não é uma redescoberta da Cabala. Esta se foca na relação com Deus e na compreensão do papel humano dentro do esquema da Criação. Encontrar valores numéricos ocultos pode ser o mais próximo de uma "redescoberta", mas ainda assim não é o objetivo principal de tal filosofia.

A palavra Cabala (que é pronunciada "Cabalá") significa várias coisas, entre elas "aquilo que foi recebido". É usada para definir os ensinamentos secretos sobre o universo e a Criação em si que foram transmitidos para Moisés por Deus há cerca de três mil anos.

Todos conhecem, de uma maneira ou de outra, a história dos Dez Mandamentos, assim não há necessidade de uma recapitulação. Só é necessário lembrar que os Cinco Livros de Moisés vão do Gênesis ao Deuteronômio. Assim, os cabalistas sustentam que, quando Moisés recebeu as tábuas, não foram apenas os Dez Mandamentos e a história da Criação que lhe foram revelados, mas também um diagrama secreto do universo, ou, nas palavras de Zetter, "uma espécie de mapa que retrata a fonte e as forças da Criação, além de uma explicação sobre o relacionamento entre os seres humanos e o restante do universo, tudo isso oculto no interior do texto bíblico". Para nós, que nos dias de hoje estamos acostumados a ver hordas de fiéis evangélicos e até católicos debruçados sobre uma Bíblia tentando decifrar cada palavra em português, parece mais uma tarefa de fanáticos do que um estudo sério.

Porém, há um ponto em comum entre os supostos códigos da Bíblia e o estudo da Cabala. Para se obter os resultados que foram tão propagados pela mídia, é necessário debruçarmo-nos na versão original do texto. Tanto para encontrar uma sequência equidistante quanto para compreender as tais instruções recebidas por Moisés. Apesar do famoso Código da Bíblia ser, na verdade, uma distorção

do conceito da Cabala, seu mérito é manter a crença de que há instruções codificadas para compreensão do universo.

Novamente recorro às palavras de Zetter, que afirma:

Ela (a Bíblia) é, pode-se dizer, o guia original do universo para levarmos na mochila, capaz de responder a todos os mistérios que têm intrigado cientistas, filósofos e teólogos durante gerações, além de proporcionar também um guia prático para a vida no mundo de hoje. Para quem reclama que 'a vida não vem com um livro de instruções', os cabalistas diriam: 'Procure de novo'.

É necessário abrirmos aqui um parênteses. O termo "Cabala" também significa *tradição*, algo que se transmite pelas gerações e que permite que se conserve na lembrança costumes, histórias e ensinamentos. Assim, essa denominação abrange não só os ensinamentos entregues a Moisés, mas também as interpretações e práticas que daí surgiram com um único objetivo: entender Deus.

Também se faz necessário lembrar que a Cabala é uma tradição que remonta a séculos atrás e que, apesar disso, tem permanecido com o passar dos séculos uma teosofia desconhecida e misteriosa para os não-iniciados. Para se ter uma ideia, há uma série de exigências para que alguém seja iniciado em seus estudos. E uma quantidade enorme de histórias sobre pessoas que teriam enlouquecido ou até morrido quando adentraram seus mistérios. Fora que seu estudo é proibido para as mulheres. O que é irônico, já que, fora dos círculos judaicos, as celebridades que mais dão força para que a Cabala seja propagada e estudada são justamente mulheres. O que leva a outra questão, muito colocada pelos verdadeiros pesquisadores do assunto: para se entender os ensinamentos, é necessário no mínimo mergulhar de cabeça na cultura judaica. Isso inclui aprender hebraico, já que é necessário analisar o texto no original, com caracteres hebraicos.

Por muitos anos, o estudo dessa tradição ficou restrito a homens com mais de 40 anos de idade. Outras restrições foram acrescentadas em algumas comunidades judaicas, como a permissão para os estudos ser dada apenas a homens com formação rabínica ou ainda para aqueles que tivessem essa idade e fossem casados. A Cabala em si é considerada muito sagrada e importante para que qualquer pessoa possa mergulhar nela de cabeça, agindo de modo perturbador para aqueles que são inocentes e perigosíssima para aqueles que não a merecem. Para os mestres cabalistas, a falta de experiência de vida e maturidade poderia simplesmente acabar com a vida do estudante.

ESTRUTURA

Como já vimos, compara-se a estrutura da Cabala com a de uma cebola. Isso porque esse sistema é complexo demais, com partes interligadas que se assemelham à própria estrutura do universo. As ideias que podem ser encontradas por lá giram em torno umas das outras e chegam até a se entrelaçar.

O ponto de partida da maioria dos estudos é a história da Criação, na qual aparecem Adão e Eva. Assim, se usarmos a comparação da cebola, podemos concluir que a camada superficial é a história que conhecemos, apresentada de forma linear (com começo, meio e fim). Porém, a cada análise, descobrimos outras camadas de significado, sob a narrativa acessível, na qual é possível encontrar referências diversas, do vegetarianismo até assuntos como as partículas subatômicas.

Se formos analisar por esse ângulo, podemos concluir que o Gênesis é um texto que, estudado de forma correta, traz fórmulas para a Criação. Em outras palavras, qualquer um que estude com cuidado suas palavras (sempre no original, claro) poderia encontrar o conhecimento necessário para criar formas de vida.

Se é assim, por que então os ocidentais (e as celebridades) se voltam para a Cabala? Basicamente porque muitas pessoas inescrupulosas oferecem-na como se fosse uma espécie de oráculo que dá respostas como a verdadeira razão de estarmos aqui. Isso porque é possível encontrarmos aspectos que lembram práticas como a do I Ching, do Budismo Tibetano ou ainda do Tantra Yoga, além de práticas de meditação com exercícios respiratórios e que mexem com crenças antigas como a reencarnação e a ressurreição.

A tradição judaica explica que a Torá possui quatro níveis: o literal, o metafórico, o alegórico e o secreto ou esotérico. Cada uma dessas palavras em suas versões hebraicas (p, r, d, s) forma a palavra *pardes*, que significa pomar (eis o motivo pelo qual se define assim a esfera do divino). Lembre-se que a língua hebraica não escreve as vogais, que são entendidas apenas quando a palavra é pronunciada.

Da mesma maneira como sabemos, hoje, que usamos uma pequena parte de nossa capacidade cerebral, também os cabalistas acreditam que tocamos numa pequena parte da Bíblia. Já que seu autor (ou seja, Deus) é onipotente e onisciente, é uma questão de lógica partir do princípio de que o texto realmente possui outros níveis além do literal. Zetter afirma que, nesse aspecto, a Torá não é diferente de nenhum dos grandes clássicos literários, que também apresentam níveis de significado entrelaçados. Diz ela:

Além desses quatro níveis de leitura da Torá, a obra também tem, segundo a tradição, ‘70 caras’, significando que, espalhados entre esses quatro níveis, encontram-se 70 possíveis interpretações do texto. Imagine a complexidade de tudo isso. Setenta interpretações possíveis significa que cada passagem, cada ideia expressa na Bíblia, está ligada a 70 significados possíveis.

Como se chegou a esse número? Novamente apelamos para a tradição judaica, que afirma ser essa a quantidade de povos ou culturas que habitavam o mundo na época em que a Torá foi entregue. Reza a tradição que a Torá foi oferecida a todos esses povos na mesma ocasião em que foi entregue aos judeus, mas muitos deles a rejeitaram quando viram a quantidade de leis que iriam obedecer. Assim, Deus teve que escrever os textos de maneira que qualquer um desses 70 povos pudesse compreendê-la. Há uma corrente de sábios que vai mais longe e afirma que esse total subiria para espantosos 600 mil, que seria o número de israelitas presentes quando a Torá foi entregue a eles.

Muitos se perguntam se há mesmo tais mensagens ocultas na Bíblia porque não foram entregues de maneira que as pessoas pudessem entendê-las de cara. Para os cabalistas, a Bíblia foi entregue dessa maneira para que as pessoas procurem nela seus mistérios e assim conheçam a natureza real do conhecimento. Nem sempre estamos prontos para aprender certas coisas, e quando finalmente estamos no estágio certo, aprendemos melhor, principalmente quando buscamos a lição e não quando ela nos é imposta.

Assim, o verdadeiro objetivo da Cabala é ensinar que existe uma verdade mais profunda na vida e que assim que a descobrirmos estaremos mais próximos de Deus. Em outras palavras, é provocar a ascensão espiritual das pessoas.

O ALFABETO HEBRAICO

O alfabeto hebraico é o ponto de partida para o estudo teórico da Cabala. Sem esse alfabeto, composto por 22 símbolos, ela não haveria. Para os que a estudam, as 22 letras, cada uma com um valor numérico designado, são os verdadeiros instrumentos da Criação conforme são colocadas durante a história do Gênesis.

Assim, quando lemos que Deus disse "Faça-se a luz", temos que lembrar que essas frases são ditas em hebraico, portanto, são representadas com o uso desses caracteres. Assim, uma pessoa que medita com o uso dessas letras está entrando em contato com Deus. Se essa pessoa combinar as letras umas com as outras, então ela estará manipulando uma combinação de números e letras ao mesmo tempo. Cada letra individual é conectada com as forças criativas da natureza. Portanto, podem ser usadas como fórmulas mágicas. Eis o porquê das primeiras palavras da Bíblia serem tão significantes: *Bereshit bara Elohim* (que significa "No princípio Deus criou…").

Aqui vale uma observação: Deus não é chamado por seu verdadeiro nome, já que Este não deve ser desonrado pelos seres humanos. Em vez disso, a palavra *Elohim* (termo hebraico para designar divindades e poderes celestiais, em especial os que emanam de Deus) expressa um conceito plural.

Vejamos na Tabela 3.1 os caracteres hebraicos e seu significado numérico.

Tabela 3.1.: Alfabeto hebraico e sua correspondência numérica.

A importância da linguagem nas Escrituras pode ser mais bem ilustrada com o exemplo a seguir. No hebraico antigo a palavra *behemah* (que significa *gado*) tem a mesma raiz que a palavra que significa "não ter palavras" ou "sem palavras". Assim, apenas este termo expressa uma diferença significativa entre humanos e animais: esses últimos são capazes de emitir sons e se comunicam num certo grau, mas, comparados com os seres humanos, são mais inarticulados. No Judaísmo, os seres humanos são as únicas criaturas criadas por Deus que possuem o poder da fala.

Para entender melhor a língua hebraica e suas peculiaridades, é necessário termos alguns dados em mente. A língua pertence à família das línguas semíticas, que incluem o siríaco (língua falada pelos jacobitas na região da Síria), o aramaico (a língua usada por Jesus) e muitas outras, além de incluir numerosos dialetos árabes. Nessas línguas, a base de uma palavra é frequentemente formada por três consoantes. Estas se mantêm reconhecíveis como a raiz de todas as variações linguísticas e formas gramaticais.

Os cabalistas explicam que as letras Aleph a Yod representam o mundo invisível, ou seja, o mundo dos anjos. As letras Kaf até Ayin simbolizam vários grupos de anjos que habitam o mundo visível. Da letra Pe até a Tau vemos indicações do mundo que foi designado para o espírito, ou seja, o ser interior que dá vida e alma a todas as criaturas.

A letra Aleph também representa o primeiro nome de Deus. Os cabalistas chamam Deus de "Aquele cujo olho nunca viu". Seu atributo é a Coroa e a Diadema. A letra Beth é o segundo nome de Deus e representa os anjos da segunda ordem, os querubins.

A hierarquia dos anjos termina com Yod no mundo invisível. Ayin completa o mundo dos arcanjos e Kuf simboliza a Terra.

Tau corresponde ao microcosmo, o terceiro princípio divino. É a letra dos seres humanos, porque mostra o propósito de tudo que existe, já que os humanos são o maior feito em toda a Criação.

A Tabela 3.2 a seguir mostra os atributos divinos correspondentes a cada letra do alfabeto hebraico:

Letra	Atributo	Significado
Aleph	AHIH (Aheieh)	"Sou o que sou". Essência divina invisível a todos os seres.
Beth	BaCHOR	Jovem
Ghimel	GaDOL	Grande
Daleth	DaGOL	Insigne
He	HaDOM	Majestoso

Vau	VeZIO	Esplendoroso
Zain	ZaKhal	Imaculado
Khet	ChaSID	Misericordioso
Teth	TeHOR	Puro
Yod	IaH	Deus Eternamente Vivo
Kaf	KhaBIR	Poderoso
Lamed	LiMUD	Sapientíssimo
Mem	MeBoRaKh	Bendito, abençoado
Nun	NoRA	Formidável
Samekh	SOMeKh	Apoio
Ayin	HwaZaZ	Forte
Pe	PoDeH	Redentor, salvador
Tsadi	TsaDeK	Justo
Kuf	KaDOSh	Santo
Resh	RoDeH	Governador
Shin	ShaDai	Providência
Tau	TheCiNaH	Graça

Tabela 3.2.: Correspondência entre o alfabeto hebraico e os atributos divinos.

Vale lembrar que cada uma das letras do alfabeto hebraico na tabela anterior corresponde a uma ordem de inteligências ou espíritos.

O NOME INDIZÍVEL DE DEUS

Um dos nomes mais conhecidos de Deus é o chamado tetragrama (YHWH). Para as leis judaicas há certo tabu para se pronunciar essa palavra em voz alta (lê-se *Yahweh*, de onde teria vindo a forma mais conhecida, Javé). Nas preces, por exemplo, o rabino fala de Deus como “O Sagrado, abençoado seja”. Dessa forma, o status de Deus é preservado e seu nome não é reduzido ao nível mundano das coisas terrenas.

Em todo o Antigo Testamento o tetragrama aparece mais de 6.800 vezes, seja sozinho ou junto com outro dos muitos nomes atribuídos a Deus. A forma também pode ser lida como YeHoVaH (que gerou a forma mais conhecida Jeová).

Historicamente falando, temos a antiguidade e legitimidade do tetragrama comprovadas pela famosa tradução para o grego da Bíblia em hebraico, conhecida como Septuaginta. Lá, esse nome aparece escrito em hebraico arcaico ou páleo-hebraico. Tem-se notícia de fragmentos de cópias primitivas nas quais YHWH é representado por letras gregas.

Cópias posteriores da Septuaginta, originárias do final do século I d.C., mostram que o tetragrama foi substituído pela palavra grega *Kýrios*, que significa SENHOR (grafado assim mesmo, totalmente em letras maiúsculas), e por *Theós*, que significa *Deus*. Essa foi a razão pela qual o nome sumiu do texto do Novo Testamento em algumas traduções.

Estudioso bíblicos afirmam que essa representação é originária de um deus da natureza que era adorado no sul de Canaã e por nômades de desertos que ficavam ao redor, ligados diretamente ao Monte Horebe, na Península do Sinai.

Segundo a Bíblia, foi YHWH que se revelou a Abraão quando este ainda se encontrava em Ur, na Baixa Mesopotâmia. Historicamente, isso é colocado em dúvida e incita alguns debates, já que os historiadores consideram difícil haver um princípio monoteísta dentro de uma sociedade fortemente marcada como politeísta.

Além do tetragrama, há outras formas de se chamar Deus na Bíblia, sendo as mais conhecidas *Adonai* (que significa *Soberano Senhor*), *Elohím* (“Deus”, no sentido majestático), *Ha Adhóhn* (o [Verdadeiro] Senhor), *Elyóln* (Deus Altíssimo) e *El-Shadai* (Deus Todo-Poderoso).

Mas como surgiu o tabu sobre pronunciar esse nome? Pelo fato de ele constar tantas vezes assim nas Escrituras pode-se concluir que era um nome muito conhecido. Com o passar do tempo, o significado fonético, de acordo com estudos recentes, terminou por se perder. Alguns estudiosos de literatura judaica afirmam que, por ser um nome originalmente impronunciável, é natural que não se saiba sua verdadeira pronúncia. Já os judeus alegam que sua fé impedia-os de pronunciar esse nome porque não queriam quebrar o terceiro dos Dez Mandamentos, que dizia:

Não tomarás o nome de YHWH, teu Deus em vão, pois YHWH não considerará impune aquele que tomar seu nome em vão.

Dessa forma, surgiu a ideia supersticiosa de que era errado até mesmo pronunciar o tetragrama. Historicamente, não se sabe o verdadeiro motivo pelo qual isso tenha se tornado proibido. Há quem afirme que o nome, por ser muito sagrado, não devia ser pronunciado por lábios imperfeitos. Porém, não foi encontrada nenhuma evidência disso no Velho Testamento, ou mesmo um registro de que os seguidores israelitas hesitassem em pronunciar o nome de Deus, o que iria contra o fato desse mesmo nome aparecer nas Escrituras tantas vezes. Correspondência histórica encontrada na Palestina e datada do fim do século VII a.C. mostra que era comum usar YHWH.

Há quem diga, ainda, que essa foi uma manobra dos judeus para que povos gentios (ou seja, não-judeus) “conhecessem o Nome e o usassem para praticar o mal”. A própria Bíblia desmente essa hipótese, pois trechos como Êxodo 9:16, Isaías 64:2 e Jonas 1:1,17 afirmam que o Nome deveria ser conhecido até pelos adversários dos Hebreus e sabe-se que também era usado por nações pagãs, tanto antes quanto depois do início da Era Cristã.

Assim, hoje não se sabe como essa superstição começou, nem mesmo quando. Alguns estudiosos afirmam que esse costume começou após o exílio na Babilônia, embora o profeta Malaquias, um dos últimos do Antigo Testamento (que viveu por volta do século V a.C.), dê bastante destaque ao Nome.

Há estudos que afirmam que tudo teria começado no ano 300 a.C., já que não há nenhuma transliteração do Nome na Septuaginta, que começou a ser produzida por volta de 280 a.C.

A existência de tal superstição surgiu comprovadamente no século I, com o historiador judeu Flávio Josefo. Após relatar a revelação que Deus forneceu a Moisés no local da sarça ardente, ele se refere ao Nome de Deus com uma única menção: este é “O Nome sobre o qual estou proibido de falar”.

A tradição judaica já vai mais longe e diz que o fato das pessoas comuns não pronunciarem o nome de Deus se deve ao fato deste fazer parte de um esquema constante de nomes e língua. Ou seja, quem conhece os verdadeiros nomes e valores numéricos de Deus é um cabalista por natureza.

No próximo capítulo, falaremos sobre o Talmude, suas doutrinas místicas e a famosa história do Golem.

CAPÍTULO 4
LIVROS E DOUTRINAS MÍSTICAS

O grupo de conhecimentos chamado de Cabala inclui vários textos que falam sobre ideias que explicam a natureza de Deus, do céu e da terra, a natureza do ser humano e nosso potencial para reconhecer a verdade. Historicamente falando, sabemos que a primeira compilação sistemática do pensamento cabalístico ocorreu há cerca de mil anos e, ao contrário do que se pode pensar, não foi na Terra Santa, mas sim na Catatonia, região nordeste da Espanha, e na Provença, no sudoeste da França.

Seus precursores foram fontes místicas antigas que estavam em circulação entre as pessoas já há séculos, consideradas verdadeiros tomos de conhecimento por vários acadêmicos e filósofos judeus, e que eram passados de geração a geração.

Neste capítulo vamos dar uma boa olhada nos livros mais importantes para o estudo e a compreensão da Cabala. Comecemos pelas duas principais obras da religião judaica: a Torá e o Talmude. Sobre a primeira já falamos algo nos capítulos anteriores, mas mesmo assim vale a pena acrescentarmos mais alguns dados. A Torá contém 613 mandamentos separados, conhecidos como *mitzvoth*, que são subdivididos em 248 “mandamentos positivos” e 365 “mandamentos negativos” ou mandamentos dos quais o fiel deve se abster de praticar. Apenas se seguir essa complicada lista é que a pessoa pode viver sua vida direcionada a Deus.

Vale também lembrar que a Torá se divide oficialmente em cinco partes, que são nomeadas de acordo com a primeira palavra de seu texto. Vamos verificar os significados originais desses livros (Tabela 4.1):

Nome em hebraico	Transcrição	Observação
תישארב	*Bereshit*	O conhecido livro do Gênesis (ou Gênese)
תומש	*Shemot*	Os nomes (entre nós, Êxodo)
ארקיו	*Vaicrá*	E chamou (Levítico)
רבדמב	*Bamidbar*	No ermo (Números)
םירבד	*Devarim*	Palavras (Deuteronômio)

Tabela 4.1.

De acordo com a crença judaica, como o texto é sagrado em sua forma original, alguns cuidados são seguidos para a sua reprodução e preservação. Por exemplo, as cópias são feitas à mão e quando estas ficam velhas ou gastas por causa do uso, não são jogadas fora, mas sim enterradas. Só são usadas para fins litúrgicos quando seu uso segue certas regras de composição. Essas versões são conhecidas como *Sefer Torah*.

O processo de cópia inclui algumas regras, como o uso de certos tipos de pergaminho conhecidos como *gevil* ou *qlaf*, com seu texto escrito com uma pena de escrita mergulhada em tinta. Escrita totalmente em hebraico, a cópia deve conter no total 304.805 letras. Cada uma deve ser duplicada de maneira precisa por um *sofer* (escriba) devidamente treinado para esse fim, num esforço que pode durar aproximadamente um ano e meio para ser realizado. A maioria das cópias das *Sifrei Torah* (plural de *Sefer Torah*) é escrita no formato de 24 linhas de texto por coluna, com exceção das produzidas pelos judeus do Iêmen, que usam 50 linhas por coluna.

Isto não significa que não há versões impressas da Torá para uso mais comum. Estas, que não assumem a forma de pergaminhos e sim de livros mais comuns, são conhecidas como *Chumash*.

A segunda das principais obras do Judaísmo é o Talmude que, como já foi dito nos capítulos anteriores, trata-se de um registro de discussões rabínicas sobre as leis judaicas, bem como sobre ética, costumes e história. É o texto central do rabinismo judaico e só perde em importância para a Torá.

O Talmude é uma obra composta por duas partes: a *Mishnah*, que teria sido escrita aproximadamente em 200 a.C. e é considerada o primeiro compêndio escrito de Leis Orais; e a *Gemara*, escrita por volta de 500 a.C., uma discussão da *Mishnah* e de escritos tanaíticos (termo que vem de *Tannaim*, que designa as sagas dos sábios rabinos).

Os termos Talmude e *Gemara* são usados de maneira intercambiável. A *Gemara* é a base para todos os códigos da lei dos rabinos e é muito citada na literatura correspondente. O Talmude em si é chamado tradicionalmente de *Shas*, uma abreviação em hebraico de S*hisha Sedarim*, ou as “seis ordens” da *Mishnah*.

ELEMENTOS MÍSTICOS NA TORÁ

Antes de vermos os demais livros que compõem a literatura da Cabala, é necessário fazermos um pequeno parênteses para falar um pouco sobre como a Torá pode influenciar o misticismo judaico.
Uma corrente de seguidores cabalísticos afirma que sua verdadeira origem não começaria com os segredos entregues a Moisés ou a Abraão, mas sim aos que foram parar nas mãos de outra figura bíblica: Adão. Veremos mais sobre esse ponto mais para frente.
De acordo com a *Midrash*, quando Deus criou o Universo, fez uso, por assim dizer, de dez aspectos de Si mesmo, conhecidos como as *Sephirot*. E aqui vale introduzir um outro conceito importante, o de que, para a Cabala, Deus é um ser de pura energia e de aspecto que não pode ser compreendido pelos humanos, daí a tradição de que o próprio nome de Deus não poder ser pronunciado. Esse aspecto misterioso de Deus é conhecido pelo nome de *Ein Sof*, um ser autocontido e autossuficiente que não pode de nenhuma maneira ser limitado pela própria existência, condição que limita todos os seres que a possuem. Esse é um ponto polêmico da Cabala, já que põe abaixo a concepção tradicional do Deus de artistas do Renascimento, como Michelângelo, que o retratou como um ser essencialmente de aspecto humano e masculino.
O conceito de *Ein Sof* é assim explicado pela jornalista Kim Zetter:

No início do início só havia Ein Sof, que era representado pela luz branca que está em toda parte e em tudo. A luz que era Ein Sof preenchia tudo; não havia espaços vazios ou escuros, somente a luz branca, não refratada, e ilimitada, que se irradiava por toda parte. Não havia começo para tal luz, e tampouco havia fim. Não havia nada fora de Ein Sof; só havia Ein Sof, que representava uma singular unidade e uniformidade.

O relato cabalístico apresentado pela jornalista continua ao explicar que seria esse estado incompreensível de Deus que teve a "ideia" de criar um mundo. Assim, *Ein Sof* removeu uma parte de si mesmo para criar um espaço onde a Criação surgiria. Em outras palavras, Ele criou uma espécie de ponto de escuridão ou um vácuo dentro de sua própria luz. Esse espaço, minúsculo se comparado à imensidão da entidade em si, é explicado da seguinte forma: se Deus é Tudo, então Ele precisava criar um lugar onde não existisse para poder criar algo distinto de Si. Zetter compara a ação com um arquiteto que limpa sua prancheta para criar uma área de trabalho. Assim, Deus teria removido a Si mesmo a fim de criar o espaço necessário para haver a Criação. Esse espaço negro é conhecido pelo nome de *Tzimtzum*.
É então que entram em cena as *Sephirot*, que seriam as emanações de Deus que ajudaram na Criação do universo como o conhecemos. A Cabala ensina que, como *Ein Sof* é um princípio que permanece não manifestado e é incompreensível à inteligência humana, aspectos da divindade suprema é que se envolveram com a Criação em si.
A primeira *Sefirah*, *Keter*, representa o ato de contração de *Ein Sof* e simboliza o nada. O *tzimtzum* é um espaço onde a luz de Deus regrediu, ou seja, seria como se "Deus sugasse uma parte da luz que era Ele mesmo e depois soprasse para fora um jorro menor daquela luz". Assim que Deus sopra as letras do tetragrama pra dentro do vazio, o universo é criado. Quando o Gênesis fala do "sopro da vida", ele se refere ao ato de Deus soprar as letras do alfabeto hebraico que formam YHWH para criar a vida.
Parece um tanto abstrato para nós, mas se pensarmos que essa descrição bate com a de um buraco negro, começamos a ver as semelhanças. Afinal, um buraco negro é um lugar onde as leis da Física não podem ser aplicadas.
Zetter continua a narração da Criação segundo a Cabala da seguinte forma:

Uma vez criado o espaço negro, Deus derramou uma quantidade medida de Sua energia para dentro daquela área. Ele enviou uma emanação, uma corrente de pura luz branca, para o centro das trevas ou espaço negro(…). A luz branca, ao mesmo tempo, desceu para o centro do espaço negro e permaneceu conectada com sua fonte. Os cabalistas chamam isso a corrente de Ein Sof Or, ou a luz de Ein Sof.

Essa luz é branca por ser a cor que é composta de todas as outras e ao mesmo tempo não é nenhuma delas. Assim como a luz branca se decompõe em cores separadas quando passa por um prisma, o *Ein Sof Or* está composto de vários aspectos de Deus, que não são outra coisa senão as *Sephirot*. Essa emanação da luz para dentro das trevas é representada pela segunda *Sefirah*, *Chochmá*.

Para os cabalistas, a interação entre a primeira e a segunda *Sefirah* dá origem à terceira, *Binah*, que é a “mãe” de todas as demais *Sephirot* subalternas. Zetter descreve que cada *Sefirah*, à medida que emana de *Ein Sof*, torna-se um vaso para a energia de Deus. Cada uma desempenha um papel na Criação, já que a energia divina escorre por elas e mistura-se com as qualidades e elementos que encontra para criar algo novo, que será transferido para a *Sefirah* seguinte.

Notemos que, a cada emanação, temos uma nova “camada”, por assim dizer, de energia que se afasta da fonte original, que é o *Ein Sof*. Por isso uma das representações mais comuns desse afastamento da energia é um desenho que mostra um núcleo, um ponto de energia, do qual emanam dez camadas de energia em círculos concêntricos. Mais uma vez vejamos o que Zetter tem a dizer sobre isso:

A cada um desses estágios no caminho em que desce das regiões espirituais mais elevadas para as regiões mais densas e físicas, a forma pura de energia ou luz que emana de Ein Sof é ‘reduzida’ ou refratada, até que finalmente a propriedade produzida é matéria, nosso mundo físico. Lembra um pouco a fervura de uma panela que contém água fluvial. Quando a água evapora, o que resta são as partículas mais densas – os minerais –, que não conseguiram ser carregadas pelas partículas mais leves do vapor.

O processo de Criação também é descrito pelos cabalistas como uma fonte de água que, no decurso de seu curso, se divide em sete correntezas separadas. E notem que tudo isso teria sido aprendido apenas no ato da Criação, ou seja, com a primeira história da Bíblia.

ADÃO E OS MUNDOS DA CRIAÇÃO

A descrição da Torá sobre a Criação do Universo foi lida por muitas gerações, que procuraram nela os segredos que teriam sido entregues a Adão logo no começo dos tempos. É nessa história que podemos aprender mais sobre Deus, a verdadeira natureza de Adão e Eva, o Jardim do Éden, as Árvores do Conhecimento e da Vida, bem como a interação com a Serpente, que resultou na queda do ser humano e na perda dos conhecimentos cabalísticos, que só voltariam para as mãos humanas com Abraão (em algumas versões, com Moisés, já que foi este e não o primeiro patriarca o autor da Torá).

Outro ponto importante a ser ressaltado é a crença cabalística de que nosso universo é composto por quatro mundos que representariam quatro níveis da Criação: o nosso mundo físico e três outros, localizados entre o nosso e a fonte, ou seja, *Ein Sof*.

Esses quatro mundos seriam as fases pelas quais a Criação teria passado desde o *Tzimtzum* até o mundo físico, que seria o produto final. Esses quatro mundos seriam:

1) *Atzilut*, o mundo da Emanação. É uma representação do processo do *Tzimtzum* e o mundo mais próximo de *Ein Sof*. É diferente dos demais por pertencer à esfera da unidade.

2) *Briah*, o mundo da Criação. É uma representação do estágio do qual as forças divinas emergiram como forças opostas, o que geraria um certo equilíbrio.

3) *Ietzirah*, o mundo da Formação. É uma representação do estágio de atividade em que as coisas começaram a tomar forma. É o ambiente que caracteriza a interação entre as *Sephirot* e a energia emanada de *Ein Sof.*

4) *Assiah*, o mundo da Manifestação. É a representação de nosso mundo físico, o resultado de toda essa atividade.

Cada um desses mundos é representado por uma das letras do tetragrama divino. Assim, *Atzilut* é a letra hebraica *Yod*, *Briah* é *Heh*, *Ietzirah* é *Vav* e *Assiah* é o *Heh* final. Isso pode ser traduzido como a representação da força propulsora da Criação por meio do nome sagrado divino. Assim, pronunciar o Nome é conjurar as mesmas forças que se envolveram na Criação. O problema é que, como vimos anteriormente, ninguém sabe a maneira exata de pronunciá-lo.

Até aqui vemos muita coisa diferente que não aprendemos na história linear tradicional do Gênesis. Para muitos, dizer que não foi Deus “pessoalmente” quem criou todas as coisas, mas sim aspectos de Sua Divindade pode soar como uma espécie de blasfêmia. Ou, ainda, pode confundir a cabeça dos mais tradicionais religiosos, que não entendem bem o papel das *Sephirot* no esquema da Criação.

E o que a Cabala nos ensina é justamente um jeito para que possamos explorar o fluxo universal de energia emitido por esses aspectos para que possamos ficar mais próximos de Deus. Por isso é que muitas celebridades têm aderido à Cabala.

Mas a história não acaba por aqui. Fala-se que Deus teria criado e destruído sete universos antes de criar o nosso. Os cabalistas afirmam que este em que vivemos sobreviveu por ser fundamentado em princípios de equilíbrio e harmonia. Nos anteriores, segundo Zetter, “a justiça era demasiado severa e os universos não conseguiram sobreviver”.

DOUTRINAS MÍSTICAS NO TEMPO DO TALMUDE

É claro que o que foi relatado no tópico anterior não poderá ser encontrado, por exemplo, no Talmude. Mesmo assim vale a pena falar um pouco sobre as doutrinas místicas que eram facilmente encontradas naquele tempo.

Vimos, no começo deste capítulo, a época em que as partes do Talmude teriam sido redigidas. Sabe-se que na mesma época termos como *Ma'aseh Bereshit* (que significa Trabalhos da Criação) e *Ma'aseh Merkabah* (traduzido como Trabalhos do Divino Trono ou da Divina Carruagem) indicam uma ligação com o já citado *Midrash*. Outras denominações como *Sitre Torah* e *Raze Torah* indicam um caráter secreto.

O que significa isso? A partir dessas observações no Talmude é possível afirmar que há no mínimo uma diferença entre a história da Criação como a conhecemos. Para muitos, Deus criou não apenas o mundo como também a matéria do qual ele é feito. Porém, com os cabalistas, isso toma uma nova forma: Deus, na verdade, criou o mundo da matéria que encontrou à Sua disposição.

Vários pesquisadores rabinos mantêm essa posição até hoje. Para eles, a matéria existia antes da Criação em si. E os místicos do período talmúdico afirmam, quando discutem sobre a natureza de Deus e do universo, que "Deus é o lugar-morada do universo, mas o universo não é o lugar-morada de Deus". Isso porque, para o filósofo judeu-helenista Fílon de Alexandria (25 a.C. – 50 d.C.), Deus é chamado de *ha makom* (que significa "o lugar"), uma vez que é Ele quem abarca o universo, mas Ele em Si não é abarcado por nada.

Mais recentemente, teólogos que atuam na Palestina e na cidade de Alexandria, no Egito, reconheceram dois atributos de Deus: *middat hadin*, que se refere à Justiça, e *missa ha-rahamim*, relativo à Misericórdia. O contraste entre esses dois conceitos é uma das doutrinas fundamentais da Cabala.

O ZOHAR

Outra obra presente na Cabala é o *Zohar*, também conhecido como Livro do Esplendor, uma coletânea de ensinamentos místicos que se originou na Espanha no século XIII. É escrita na forma de parábolas em aramaico, o qual, como já foi dito, foi a língua usada por Jesus.

O *Zohar* usa o aramaico como o reverso do hebraico, ou seja, é na verdade seu lado oculto. O fato de essa obra não estar em hebraico mostra aos judeus que é o trabalho de seres humanos, ao contrário do que se acredita ser a Torá, por exemplo. O livro traz uma série de comentários sobre a Torá e traz trechos em aramaico e hebraico medieval. Entre os assuntos que aborda estão a natureza de Deus e considerações sobre a origem e estrutura do universo, a natureza das almas, pecado, redenção, o bem e o mal, entre outros.

De acordo com a lenda, um rabino, chamado Simeon bar Yohai, foi um dos cinco rabinos que conseguiram escapar da revolta liderada por Simon Bar Kokhba contra a autoridade romana na Palestina ocorrida entre os anos 132 e 135 d.C. Esse grupo de rabinos buscou refúgio numa caverna e permaneceu por lá durante 13 anos. Foi lá que o *Zohar* foi escrito.

Reza a lenda que o rabino Yohai viveu e aperfeiçoou 125 passos místicos que uma pessoa deve percorrer durante seu tempo de vida em nosso mundo. Além disso, duas profecias atribuídas a ele chegaram até nós. Numa delas fala-se que um dia mesmo uma criança de seis anos terá acesso ao conteúdo espiritual da Cabala. A segunda diz que o texto por ele composto ficaria oculto por um período de exatos 1.200 anos.

Foi o cabalista Moses de Leon (1250 - 1305, cujo nome em hebraico é Moshe ben Shem-Tov) que contribuiu significativamente para a compilação do texto em 1270, embora só tenha sido publicado pela primeira vez em 1290, mais de 1.200 anos após a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C.

De acordo com o filósofo e historiador judeu nascido na Alemanha, Gershom Scholem (1897-1982), que estudou o *Zohar*, a maior parte da obra é escrita com a utilização de um estilo excêntrico e exaltado de aramaico. Scholem se baseou em contos contemporâneos de Leon e em evidências encontradas no texto do *Zohar*, como algumas particularidades do espanhol, para concluir que o autor original das traduções era mesmo Leon.

Porém, segundo registros históricos, Leon atribuiu a autoria a *Yochai*, uma espécie de fruto do tempo em que este ficou escondido na caverna e dedicou a Torá em companhia de seu filho Eleazar. *Yochai* teria dito que foi inspirado por Deus para escrever o livro.

A autenticidade da obra, entretanto, foi colocada em dúvida desde que foi constatada a inclusão no texto de acontecimentos do período pós-talmúdico. Há uma história que tenta explicar essa discrepância: um homem rico de Ávila (província do centro-oeste da Espanha) chamado Joseph ofereceu para a viúva de Moses, que não dispunha de nenhuma forma de sustento após a morte do marido, uma grande soma de dinheiro em troca da venda do original da obra. Ela teria confessado na época que de fato era seu marido quem escrevera o livro e que não entendia por que ele creditava seu trabalho a outras pessoas.

Outra lenda diz que o *Zohar* passou algum tempo escondido numa caverna próxima ao Mar da Galileia, onde só foi descoberto séculos depois por árabes que se estabeleceram na área. Uma segunda versão faz uso de mais imaginação e conta que o livro foi descoberto por um cabalista de Safed (uma das quatro cidades sagradas de Israel, juntamente com Jerusalém, Hebron e Tiberíades). O tal cabalista comprava peixe de um pescador árabe no mercado e reconheceu o verdadeiro valor do papel no qual o peixe havia sido embrulhado. Ele comprou todos os pedaços de papel que restavam do pescador e os compilou no que hoje é o *Zohar*.

O livro trabalha com o pressuposto de um período de desenvolvimento humano que cobre cerca de seis mil anos e que começa com a Criação. Durante esse período, as almas passam por um processo dinâmico, de geração a geração. Ao final desse processo, as almas alcançam o “fim da correção”, um estado alto de espiritualidade e perfeição. O *Zohar* também trata da “hierarquia do mal”, nome pelo qual trata das chamadas “*Sephirot* não sagradas”, que contrastam com o mundo divino da luz.

Em sua abertura, o livro parece ser um texto obscuro, misterioso e até mesmo impenetrável, embora tenha exercido grande fascínio nas pessoas que tiveram a oportunidade de estudá-lo.

Ele abre com a frase

No começo da manifestação da vontade do Rei, OU SEJA, QUANDO O REI DESEJOU CRIAR O MUNDO, uma faísca intensa faz uma marca na luz sobrenatural…

O texto continua com a descrição de como as cores se desenvolveram do nada, libertaram-se a partir de um determinado ponto e emanaram por todo o universo. Essas faíscas ou raios desenvolveram-se nas *Sephirot* já citadas. Além desse ponto, entretanto, estão as coisas mais ocultas

dentre tudo que se tem notícia, seladas da percepção humana e à espera de um cabalista devidamente preparado para desvendá-las.

Numa das passagens mais apreciadas, o rabino Shimon ben Yochai diz a seus discípulos:

Os dias que hão de constituir a vida do homem estão todos unidos no momento de seu nascimento. Então eles descem à terra, um depois do outro, e cada um exorta o homem a não pecar em seu dia. Quando um dia vê que o homem não o escutará, mas está determinado a pecar, ele se enche de vergonha. Então retorna para as regiões superiores e dá o testemunho dos atos do homem. Mas é apartado do resto de seus dias para sempre. Entretanto, se o homem se arrepende, então o dia, que foi banido do céu devido aos pecados do homem, tem permissão para voltar.

Ariel Bension diz em texto publicado na mais recente versão em português do *Zohar*:

O Zohar não é uma obra literária no sentido corrente do termo, nem pode ser comparado a qualquer das obras místicas que o precederam. Ao percorrê-lo, o leitor pode por vezes ter a impressão de entrar em uma mansão espiritual cujo ar rarefeito e luzes brilhantes põem seus sentidos ordinários à prova. Em outros momentos, pode deparar-se com frases e trechos de rara beleza e frescor de espírito. Mas essa não é a beleza comum às obras místicas que buscam mais a perfeição literária do que a revelação mística. Há uma atmosfera mística que pode surgir do silêncio de uma completa absorção, ou por meio de um repentino raio de iluminação. Aqueles que não imergem na atmosfera do Zohar e não conseguem apreciar suas belezas, podem julgá-lo apressadamente como um conjunto de sonhos fantásticos. E outros são incapazes de apreciar o valor do Zohar porque acreditam somente naquilo que seus olhos podem observar: o material e o concreto. São incapazes de penetrar esse véu de prata límpida, além do qual o mundo do espírito e da alma torna-se o mundo real.

O GOLEM

O *Zohar* é apontado em várias fontes como uma das origens de uma famosa lenda que se tornou tão universal que poucos sabem que possui suas raízes no misticismo judaico. É claro que o assunto aqui são os famosos golens, criaturas animadas sobrenaturalmente e que já apareceram em filmes e desenhos animados para adultos.

A palavra *Golem* é usada na Bíblia para se referir a uma substância embriônica ou incompleta em Salmos 139:16: "Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe; e no teu livro todas essas coisas foram escritas; as quais em continuação foram formadas, quando nem ainda uma delas havia". O verdadeiro sentido da expressão "informe" é uma forma não definida.

O *Mishnah* usa o termo para uma pessoa não desenvolvida do ponto de vista cultural. Da mesma forma, o golens são frequentemente usados nos dias de hoje como metáforas para brutamontes sem cérebro ou como entidades que servem ao homem sobre condições controladas, mas hostis para si mesmo e para outros. Também é uma gíria iídiche para alguém lento ou desastrado.

As primeiras histórias de golens datam do começo do Judaísmo. Adão é descrito no Talmude como tendo sido criado inicialmente como um *Golem* quando seu pó foi "misturado numa massa disforme". Como Adão, todas essas criaturas são criadas de argila.

Segundo a lenda, o poder de dar vida aos golens viria de conhecimentos cabalísticos. Tudo o que vimos até agora sobre o mito da Criação e de como Deus "soprou" a vida por meio de seu nome teriam a ver com essa estranha história.

O folclore judaico pegou a história e a transformou numa de suas mais conhecidas. A ponto de, durante a Idade Média, correr o comentário de que, quem quer que possuísse um desses monstros como servo, seria visto como uma pessoa de grande santidade e de sabedoria inigualável.

Na maioria das versões sobre a história, o *Golem* é imbuído de palavras mágicas ou religiosas que o mantinham animado. Escrever um dos nomes de Deus em sua testa ou colocá-lo num pedaço de papel e inseri-lo na boca do monstro ou dentro de seu corpo de argila eram as maneiras mais conhecidas de trazê-lo à vida. Outra versão diz que a palavra hebraica *Emet* (que significa "verdade") era o que o animava. Ao se apagar a primeira letra desse nome transformava a palavra em *Met* (que significa "morto") e o *Golem* se desativava.

A narrativa clássica fala sobre Judah Loew ben Bezalel que, no final do século XVI, atuava como rabino chefe em Praga. Ele teria criado um *Golem* para defender um gueto de ataques antissemitas. Essa história apareceu pela primeira vez em 1847 na *Galerie der Sippurim*, uma coletânea de contos judaicos publicada em Praga. Em 1911 um relato em hebraico e iídiche foi publicado e era supostamente baseado no diário de seu cunhado, que havia ajudado a criar o *Golem*, porém essa versão carece de uma confirmação histórica e de autenticidade.

A lenda é simples: a criatura foi feita com a argila do rio Moldava que banha Praga. De acordo com certas fórmulas cabalísticas, o rabino o construiu e lhe deu vida recitando um encanto especial em hebraico (em algumas versões escreveu a palavra *Emet* em sua testa). O *Golem* deveria assim obedecer às ordens do rabino e tinha como principal missão ajudar e defender o gueto judaico. Durante o dia, o rabino escondia sua criação no sótão da sinagoga. Mas, com o passar do tempo, ele cresceu, tornou-se violento e começou a matar pessoas, o que só ajudava a espalhar o medo. O rabino tornou-se desesperado pela atitude de sua criação e não sabia o que fazer. Terminou por descobrir que a violência cessaria se o *Golem* fosse destruído, o que ele fez apagando a primeira letra da palavra em sua testa.

Essa temática de algo bom com problemas seria mais tarde reutilizada na literatura fantástica ocidental, principalmente na história de Mary Shelley, Frankenstein.

No próximo capítulo veremos mais alguns detalhes do *Zohar* e de dois outros livros importantes para a Cabala: o *Sefer Yetzirah* e o *Bahir.*

CAPÍTULO 5
OS NOMES DE DEUS E OUTROS LIVROS

Já foi falado nos capítulos anteriores sobre os verdadeiros nomes de Deus, dos quais o tetragrama YHWH é o mais conhecido. Uma das partes mais importantes da Cabala é conhecer (ou pelo menos ser introduzido a) esses nomes. Como também já foi explicado, a justaposição das letras do alfabeto hebraico teria gerado toda a Criação como a conhecemos hoje.

Porém, o que fica na mente dos que se interessam pelo assunto é justamente a vontade de entender melhor essa questão dos nomes e como funciona a meditação quando essas letras se fazem presentes. Para tanto, é necessário que verifiquemos antes dessa explicação a existência de outros livros importantes para o estudo e compreensão dessa doutrina. E, depois do já citado *Zohar*, o mais importante é o *Sefer Yetzirah*, que se traduz como Livro da Formação ou Livro da Criação.

Esse é o livro mais antigo do início da Cabala. Sua autoria, como já era de se esperar numa obra tão antiga, é desconhecida. Surgiu por volta do meio do primeiro milênio na Palestina e existe em duas versões diferentes, uma maior e uma menor. Seu conteúdo é formado por ideias místicas fundamentais e incluem o conceito das dez *Sephirot*, que já foram apresentadas no capítulo anterior.

Por volta do ano 1000 d.C., o *Sefer Yetzirah* era comentado com mais frequência que qualquer outro documento místico, em parte porque supostamente data de um período histórico anterior à época do patriarca Abraão.

O livro fala principalmente do alfabeto hebraico e das dez *Sephirot*. Juntos, esses dois grupos de símbolos formam os chamados 32 caminhos secretos que, segundo seus escritos, “é a tarefa do ser humano descobri-los”. Lá também fala dos três níveis de existência do mundo: o da escrita, o da fala e dos números. Esses três níveis permitem que as pessoas sigam caminhos diferentes e interligados para experimentar o mundo espiritual e o material.

Já foi explicado sobre a maneira como as letras do alfabeto hebraico possuem um valor numérico. Assim, o mundo e todos os objetos que nele existem, bem como os eventos que acontecem, estão ligados tanto a números quanto a seus nomes. Nesse sistema as três letras-mãe (*Aleph*, *Mem* e *Shin*) têm um papel especial, já que em seus significados simbólicos respectivos (com valores 1, 40 e 300, respectivamente) eles são elementos fundamentais que estabilizam o universo. Assim, é possível associar *Aleph* com ar, *Mem* com água e *Shin* com fogo. Curiosamente, vemos a ausência de uma letra diretamente ligada ao elemento terra.

Dessa forma, uma pessoa que medita sobre essas letras pode experimentar estabilidade e equilíbrio. Entretanto, mesmo cabalistas mais experientes reconhecem que o *Sefer Yetzirah* é muito difícil de ser interpretado. Os comentários e interpretações mais importantes conhecidos foram escritos pelo poeta hebreu Yehuda Halevi (1075-1141).

ORIGEM DO SEFER YETZIRAH

Quase todos os documentos ligados à Cabala estão relacionados a histórias que dão parcas dicas sobre sua verdadeira origem. E com o *Sefer Yetzirah* não é diferente. Assim vamos encontrar no Talmude babilônico uma delas. Lá conta-se que, na véspera de cada Sabá (o sábado ou dia de descanso dos judeus), dois deles, chamados Rab Hanina e Rab Hoshaiah, que haviam se dedicado especialmente à Cosmogonia (ou seja, uma teoria sobre a origem do universo geralmente fundada em lendas ou em mitos e ligada a uma metafísica), costumavam criar um bezerro por um período de três anos de acordo com instruções encontradas no *Sefer Yetzirah*. Esse bezerro era comido no Sabá. Todas as criações miraculosas atribuídas a outros rabinos na época do Talmude são relacionados a comentaristas rabínicos que ditavam o uso daquele mesmo livro.

A *Mishná*, uma das principais obras do Judaísmo rabínico, também conhecida como a Torá Oral, diz que o patriarca Abraão foi o recipiente da revelação divina da doutrina mística. Embora filósofos como Saadia, Donnolo e Judah ha-Levi nunca duvidassem de que o verdadeiro autor do *Sefer Yetzirah* fosse o patriarca, há uma vertente de estudos que diz que o mítico rabino Akiba (cerca de 50 a 135 d.C), um famoso rabino da província de Judeia do segundo século, grande autoridade em assuntos de tradição judaica e um dos principais que contribuiu para a Torá Oral, foi o autor do livro. Há aqueles, ainda, que afirmam que foi Abraão quem escreveu e que Akiba o redigiu na forma atual.

De acordo com historiadores modernos, a origem do texto é uma questão difícil de ser debatida quando certos aspectos de doutrina são deixados de lado. Alguns pesquisadores acadêmicos chegaram a afirmar que suas referências, encontradas em textos cabalistas medievais, começaram depois do século X, enquanto outros enfatizam as primeiras tradições, que faziam referência às suas formas iniciais. Algumas das ideias centrais do livro parecem ainda ter origem babilônica.

A concepção de um poder criativo dos vários sons, por exemplo, parece ter sua origem no Egito, enquanto que a divisão das letras em três classes (vogais, mudas e consoantes) é helênica, embora esta última tenha que ser modificada quando aplicada ao alfabeto hebraico. O conceito mais aceito hoje em dia é de que o livro surgiu mesmo no século II. A forma da gramática hebraica aparece mais ou menos na mesma época.

Por fim, um manuscrito pertencente à coleção do famoso Museu Britânico traz um texto em que o *Sefer Yetzirah* é chamado de *Hilkot Yetzirah* e declara que a obra é parte de uma doutrina esotérica acessível apenas para os mais humildes ou devotos e que deve ser usada apenas para propósitos cabalísticos.

As versões disponíveis do livro são na verdade quatro, com pequenas diferenças entre elas. Além das já citadas versões maior e menor, há também a versão Saadia e a versão Gra. A versão menor possui cerca de 1.300 palavras enquanto que a maior tem quase duas vezes essa quantidade. No século XIII, Abraham ben Samuel Abulafia (1240-1291), um espanhol considerado o fundador da escola de Cabala Profética, foi o primeiro a notar a existências dessas duas versões.

A versão Saadia tem esse nome porque possui comentários feitos durante o século X por Saadia Gaon, um filósofo judeu e rabino proeminente, que viveu entre 882 e 942. Por fim, há a versão Gra, datada do século XVI. Foi redigida pelo rabino Isaac Luria (1534-1572), um místico da cidade de Safer. Sua redação harmonizou essa obra com o *Zohar*. Essa versão tem esse nome por ter sido “atualizada” pelo rabino Eliyahu ben Shlomo (1720-1797), excepcional cabalista e estudioso do Talmude. O termo *Gra* vem do acrônimo em hebraico pelo qual ele era conhecido, Gaon Rabbi Eliyahu.

ELEMENTOS GNÓSTICOS

Há certas semelhanças entre os vários sistemas gnósticos e o *Sefer Yetzirah*. Assim como este divide o alfabeto hebraico em três grupos, também os gnósticos dividem as letras gregas em três classes, reconhecidas como as emanações simbólicas dos três poderes, que incluem o número total de elementos superiores.

Ambos os sistemas atrelam grande importância ao poder das combinações e permutações das letras para explicar a gênese e o desenvolvimento da multiplicidade para a unidade. Os Escritos de Clemente (nome dado a um antigo romance religioso que possui os registros feitos por um tal Clemente, por vezes identificado como sendo o papa Clemente I) apresenta outra forma de gnose que concorda em muitos pontos como o *Sefer Yetzirah*. Assim como o volume cabalístico, também o romance mostra Deus não apenas como o início, mas também o fim de todas as coisas. Diz ele que Deus é o תישאר (começo) e o תילכת (fim) de tudo que existe. Assim ele concorda nesse ponto com a obra cabalística ao afirmar que as quatro primeiras *Sephirot* são o espírito de Deus, a água, o ar e o fogo. As demais *Sephirot*, ou limitações de espaço pelas três dimensões em uma direção dupla, também estão nos Escritos, onde Deus é descrito como o limite do universo e como uma força de seis dimensões infinitas.

O site *Ciências Afins* traz a seguinte definição do livro:

O Sepher Yetzirah é considerado um texto da Cabala meditativa com fortes sobretons de magia. Assim expressam as primitivas tradições talmúdicas, que indicam que ele podia ser utilizado para a criação de criaturas vivas. Significativas são as muitas referências e lendas de que o Sepher Yetzirah podia ser utilizado para criação de um Golem, uma espécie de andróide místico. Um filósofo do século XII disse que o texto não contém filosofia, mas sim a sabedoria Divina da criação.

Uma curiosidade: essa é a fonte da famosa palavra Abracadabra, tão usada em shows de magia e até por certas correntes de *wicca*. A palavra é grafada originalmente como ABRA K'DaBRA e significa "eu criarei enquanto eu falo", o que implica no poder da fala enquanto se está em pleno processo de Criação.

Uma segunda versão da origem dessa palavra a coloca como resultado da expressão em aramaico *Avra Kedabra*, que significa curiosamente a mesma coisa que a versão anterior. Como se a confusão não bastasse, há também quem acredite que a palavra venha do termo gnóstico *Abraxas*, um termo próprio do gnosticismo para Deus.

Seja como for, é mesmo difícil entender o conteúdo desse livro. Vejamos a seguir apenas os quatro primeiros versículos da obra:

1:1 – Com 32 caminhos místicos de Sabedoria, gravou Yah, o Senhor das Hostes, o Deus de Israel, o Deus vivente, Rei do Universo, El Shaddai, Misericordioso e Gracioso, Alto e Exaltado, Morando na eternidade, Cujo nome é Santo – Ele é sublime e santo, e Ele criou Seu universo, com três livros (Sepharim), com texto (Sepher), com número (Sephar) e com comunicação (Sippur).

1:2 – As dez Sephiroth do Nada e 22 Letras da Fundação: três mães (letras fundamentais ou primeiros elementos), sete duplas (consoantes) e doze elementares (simples).

1:3 – A Sefirah do Nada, no número dos dez dedos, cinco opõem-se a cinco, com uma aliança singular, precisamente no meio, na circuncisão da língua e na circuncisão do membro.

1:4 – Dez Sephirot do Nada, dez e não nove, dez e não onze. Entenda com Sabedoria. Seja sábio com Entendimento. Examine com elas e teste com elas. Faça (cada) coisa firmar-se em sua essência, e faça o Criador sentar em Sua base.

Com certeza entender o conteúdo dessas obras não é uma tarefa fácil. Porém, é necessário ter em mente que os demais conceitos da Cabala partem de sua compreensão. Por exemplo, vamos ver no trecho a seguir, da tradução feita pelo famoso médico, escritor, ocultista, rosacrucianista, cabalista e maçom Gérard Anaclet Vincent Encausse, mais conhecido pelo pseudônimo de Papus (1865-1916), desses mesmos trechos. Numa maneira mais compreensível para nós, temos a seguinte análise:

É com as trinta e duas vias da sabedoria, vias admiráveis e ocultas, que IOAH (Iod-He-Vau-He), DEUS de Israel, DEUS VIVO e Rei dos Séculos, DEUS de Misericórdia e de Graça, DEUS Sublime tão

Exaltado, DEUS vivendo na Eternidade, DEUS santo, grava seu nome por três numerações: SEPHER, SEPHAR e SIPPUR, isto é, o NÚMERO, O QUE NUMERA e o NUMERADO (Também traduzido por Escritura, Número e Palavra – Abendana), contido nas dez Sephirot, isto é, dez propriedades, com exceção do inefável, e vinte e duas letras. As letras são constituídas por três mães, sete duplas e doze simples. As dez Sephirot, com exceção do inefável (EN SOF), são constituídas pelo número dez, como os dedos das mãos, são cinco mais cinco, mas no meio deles está a aliança da unidade. Na interpretação da língua e da circuncisão encontram-se as dez Sephirot, com exceção do inefável. Dez e não nove, dez e não onze, compreende isto em tua sabedoria e saberás dentro de tua compreensão. Exercita o teu espírito sobre elas, pesquisa, relaciona, pensa, imagina, restabelece as coisas em seus lugares e assenta o Criador no seu Trono. Dez Sephirot, com exceção do inefável, cujas dez propriedades são infinitas: o infinito do princípio, o infinito do fim, o infinito do bem, o infinito do mal, o infinito em elevação, o infinito em profundidade, o infinito ao Oriente, o infinito ao Ocidente, o infinito ao Norte, o infinito ao Sul. Só o Senhor está acima; Rei fiel, ele domina tudo do alto do seu Trono pelos séculos afora. Vinte e duas letras fundamentais, três mães: Aleph, Mem e Shin, a elas correspondem ao prato do mérito, ao prato do demérito e à balança da lei que conserva o equilíbrio entre eles; sete duplas, Beth, Ghimel, Daleth, Caph, Phe, Resh e Thau, que correpondem à vida, à paz, à sabedoria, à riqueza, à posteridade, à graça, à dominação; doze simples: He, Vau, Zain, Cheth, Teth, Iod, Lamed, Nun, Samech, Hain, Tsade, Cuph, que correspondem à visão, ao ouvido, ao olfato, à palavra, à nutrição, à coabitação, à ação, ao caminhar, à cólera, ao riso, ao pensamento e ao sono. Pelo qual Yah, Eterno Sabaoth, Deus de Israel, Deus Vivo, Deus Onipotente, elevado, sublime, vivendo na Eternidade e cujo nome é santo, propagou três princípios e suas posteridades Ar, Água e Fogo, sete conquistadores e suas legiões (Os Planetas e as Estrelas), doze arestas do cubo. A prova das coisas é (dada por) testemunhos dignos de fé, o mundo, o ano e o homem, que tem a regra das dez, três, sete e doze; seus prepostos são o dragão, a esfera e o coração.

Outro site da comunidade hebraica, o *Cafetorah*, afirma:

O homem é um microcósmico, por isso em seu corpo pode-se entender a obra da Criação. Assim como ao homem, no universo é um centro de onde emana em dez direções. O autor do livro declara somente três princípios, uma 'chama de fogo, água e vento', ele não acrescentou o pó que segundo ele teria sido criado em sua opinião da água e do ar (vento). Apesar das formas de contagem do autor serem bem variadas, não é muito clara a sua intenção em nenhuma delas. A única coisa que se consegue determinar é que o autor tentou demonstrar a metodologia pela qual Deus teria criado o universo, segundo o declarado, que o mundo teria sido criado pelas palavras proclamadas por Deus.

Sobre a influência do livro, é dito o seguinte:

Esse livro foi de grande influência para os rabinos considerados da era medieval na região de Provença. Apesar disso, é necessário declarar que esse livro não é uma cerimônia cabalística, as contagens que são descritas na Cabala são um conjunto de características que formam a divindade, estas não são as contagens existentes aqui, trata-se somente de números principalmente porque textos que foram escritos anteriores ao século XII não pertencem à literatura da Cabala aceita nos dias de hoje.

A CRIAÇÃO E OS 72 NOMES DE DEUS

Como podemos atestar no trecho acima, não é fácil entender os detalhes das leituras cabalísticas. Começa então a fazer sentido, de certa maneira, as exigências impostas para aqueles que resolvem seguir essa trilha de estudo e meditação. E porque a Cabala, como imposta pelas estrelas de Hollywood, soa mais como um item falsificado do que com o original.

Mesmo assim, quando conseguimos entender alguma coisa do conteúdo tanto do *Zohar* quanto do *Sefer Yetzirah*, é possível nos depararmos com histórias, no mínimo, curiosas. Por exemplo, o Gênesis se inicia com a frase “No princípio criou Deus os céus e a terra”, enquanto o *Zohar* diz que “O início criou Deus…”. Sabemos, como já foi explicado, que, no *Zohar*, Deus é *Ein Sof*, o princípio fundamental, que permanece imaterial e irreconhecível para os humanos. Por meio de canalização de energia, foi *Ein Sof* quem criou *Elohim*, o Deus de nosso universo. Esse tipo de divindade subordinada é chamada de Demiurgo, como vimos quando discutimos os princípios gnósticos. Foi *Elohim* quem criou o céu e a terra, como relatado na Bíblia.

Ainda segundo o *Zohar*, a Criação foi iniciada por meio de palavras sagradas. Basta examinarmos o Gênesis para ver que o termo mais usado nesse episódio foi “que haja…”. Nesse processo, as dez *Sephirot* vieram a se tornar emanações do Espírito de Deus. Assim, a Cabala interpreta o Deus da Bíblia como um “subordinado” e, por causa disso, temos outras histórias nas quais o próprio Deus não saberia de Sua real condição…

Uma das perguntas que mais intrigam os cabalistas é para onde foi Deus depois da Criação. Suponhamos que Ele tenha acabado Seu trabalho e depois simplesmente Se retirado. Seria a Sua ausência um motivo pelo qual o mal teria aparecido para nós?

Os cabalistas de maneira geral rejeitam essa ideia. Para eles, Deus e o Universo são a mesma coisa, embora alguns cabalistas acreditem que é Deus quem conserva o universo e que Ele teria, de certa forma, Se retirado deste. Confuso, não acha?

É aí que entra o terceiro livro mais importante da Cabala, o *Bahir*, sobre o qual falaremos em seguida. Nele, encontramos um texto que afirma que o mundo inteiro é feito de Deus, mesmo que nós, seres humanos, só consigamos ver uma única superfície e que não passemos desse ponto.

Chegamos, então, a um outro conceito importante no estudo da Cabala, os chamados 72 nomes de Deus. Vamos pensar de uma forma um pouco diferente: da mesma maneira que nosso corpo é composto pelo DNA, e que este, por sua vez, possui quatro diferentes tipos de bases nitrogenadas (adenina, citosina, guanina e timina) que se combinam entre si para criar “palavras” e “frases” que originam nosso corpo, o universo possui seu DNA espiritual. A diferença é que, em vez de apenas termos quatro letras, na verdade há 22, ou seja, o alfabeto hebraico completo. Assim, é comum ouvir a afirmação de que esse alfabeto contém “profundos segredos da Criação”.

É no site *Os 72 Nomes de Deus* que temos uma explanação curiosa para esses segredos:

Um dos grandes erros da humanidade foi achar que essas figuras são simplesmente símbolos para uma língua chamada hebraico, de uso particular do povo judeu. O alfabeto hebraico transcende religião, raça, geografia e o próprio conceito de linguagem, elas são figuras universais, do alfabeto genético de todo o universo, para todas as pessoas, o tempo todo. Essas letras, pela característica de suas formas, ressonância e vibração de seu som, atuam como antenas parabólicas, que estimulam e liberam as formas da mesma energia invisível da criação. Cada letra individualmente representa uma energia específica.

Assim, temos os seguintes nomes por ordem de aparição nos reinos angelicais, mostrados na Tabela 5.1:

Tabela 5.1.: Ordem de aparição dos reinos angelicais.

Como vimos nos capítulos anteriores, a tradição da Cabala considera o nome de Deus sagrado e impronunciável. A primeira transcrição de um dos nomes aconteceu quando um grupo de judeus conhecido como Massoretas, que eram escribas dedicados a preservar e cuidar das escrituras que compõem a Torá, acrescentou “acentos” que funcionavam como vogais e viabilizavam a pronúncia do tetragrama. Assim apareceram as formas conhecidas de nomes como Adonai. Então, as formas Jeová, Iehovah, Javé, Iavé, ou ainda Yahweh, são adaptações para a língua portuguesa e pouco ou nada possuem como o Tetragrama.

É claro que histórias sobre essas palavras correm até hoje. Uma delas fala que a própria palavra Torá seria parte de um nome divino. Outra fala que se pegarmos os nomes originais de Adão e Eva (*Yod* e *Chawah*, respectivamente) veremos que uma combinação desses dois nomes resultaria numa

variação do Tetragrama, o que sugeriria que os nomes são uma maneira de estabelecer uma relação entre o Criador e suas criaturas.

O BAHIR

Por fim, falta apenas falar um pouco sobre a última das obras importantes da Cabala. O *Bahir* apareceu em algum ponto entre a publicação do *Sefer Yetzirah* e a do *Zohar* no final do século XIII. O nome *Bahir* vem do primeiro versículo citado em seu próprio texto, que é nada menos que Jó 37:21, que diz: "E agora não se vê luz, o céu é luminoso (*Bahir*)". Portanto, o *Sefer haBahir* significa algo como "O Livro da Luminosidade".

De acordo com a lenda (sempre há uma história por trás de cada livro da Cabala, como já foi dito), o livro foi escrito pelo rabino Nuhunya ben Ha-Kanah no século I, mas apenas descoberto no século XII.

O *Bahir* também fala sobre a criação do mundo e dos humanos, bem como do bem e do mal, ponto no qual a influência gnóstica é óbvia. Vejamos mais sobre esta perspectiva: segundo o texto há dois poderes que regem o universo, um Deus benevolente e uma entidade má que se opõe a Deus.

Entretanto, como o Judaísmo ensina que Deus não pode ser derrotado por nada no Universo, essa entidade maléfica é entendida como algo que está em constante desafio contra Ele, embora nem sempre como inimigo. O *Bahir* explica que há uma qualidade positiva e negativa atribuída a cada uma das *Sephirot*. Por isso, para alcançar a Verdade (ou seja, a luz de Deus), a pessoa deve se libertar do mundo. Para tanto, o livro recomenda jejuns, orações e meditações.

Também há uma discussão no mínimo polêmica: a transmigração da alma no sentido de sua "reutilização". Assim, coisas que a pessoa experimenta em sua vida atual têm suas raízes nas vidas passadas. Dessa forma, o *Bahir* também fornece uma explicação para o sofrimento humano.

Inicialmente, o texto foi lido e estudado no sul da França que, como já se sabe, é região famosa por ter abrigado várias vertentes de pensamento que a Igreja Católica considerou heréticas. Só depois é que ganhou o mundo e foi mais amplamente divulgado e conhecido.

O site *Ciências Afins* fala o seguinte sobre o livro:

Acredita-se que o Bahir foi composto em meados do século XII (1175), na escola cabalística de Provença (França) e circulou por quase cinco séculos em forma de manuscrito, restrito a um círculo restrito de cabalistas judeus, antes que fosse impresso em Amsterdã no ano de 1651. Sua primeira edição em outra língua deu-se em 1923 para o alemão e depois em 1980 para o inglês. Assim, o Bahir é, como o Zohar, um trabalho não muito popular: seu texto é muito menor que o do Zohar, em torno de 12.000 palavras, e maior que o Sepher Yetzirah. Embora o Bahir seja considerado como produto dos ensinamentos do Rabi Nehuniah, partes consideráveis do trabalho são atribuídas a outros autores de sua escola ou descendência. Dentre estes, são citados o Rabino Akiba, o Rabino Eliezer – o Grande, Rabino Berachia, Rabino Yochanan ben Dahabai, Rabino Levitas ben Tavros e Rabino Rahumai, o mais citado dentre todos, sucessor do Rabi Nehuniah como líder da escola, que também conheceu o Rabi Pinhas ben Yair, sogro do Rabi Shimon bar Yochai, autor do Zohar. Diz a lenda que Rabi Rahumai estava junto com o Rabi Pinhas, quando Rabi Shimon saiu de sua caverna no Kineret, onde o Zohar lhe foi revelado.

Uma das histórias mais conhecidas do *Bahir* conta que o rabino Rachumai estava explicando aos seus alunos que a luz (a alma humana que reconhece a Verdade de Deus) existia mesmo antes da Criação do Universo. Seus alunos não entenderam. O rabino explicou a seguinte história: um rei queria um filho de todo o seu coração. Um dia ele descobriu uma coroa brilhante. Pensou: "esta coroa será para meu filho" e a guardou. Outros perguntaram a ele como saberia que o filho seria digno daquela coroa. E ele respondeu: "Quieto! Eu criei especificamente meu universo dessa maneira".

O *Bahir* é dividido da seguinte forma:

- 1 (versículos 1 a 16): comentários sobre os primeiros versos do Gênese.
- 2 (versículos 17 a 44): fala sobre o alfabeto hebraico e se inspira no *Sefer Yetzirah*, que liga essas letras ao misticismo apresentado na Torá.
- 3 (versículos 45 a 122): discursa sobre as *Sephirot*.
- 4 (versículos 124 a 193): continuação da seção anterior.
- 5 (versículos 193 a 200): completa o discurso e é chamada de Mistérios da Alma.

No próximo capítulo veremos com mais detalhes os dois símbolos mais importantes e difundidos da Cabala: a Árvore da Vida e as dez *Sephirots*.

CAPÍTULO 6
A ÁRVORE DA VIDA E AS *SEPHIROT*

Chegamos agora a um ponto crucial no estudo da Cabala. Já foram citados neste livro os dois conceitos mais conhecidos, o da Árvore da Vida e das *Sephirot* ou emanações de Deus. Para aquele que está mais enraizado no meio religioso parece algo abstrato demais afirmar que Deus criou o mundo não diretamente, mas sim por meio de emanações de Seu espírito. E as *Sephirot* são as personificações desse fenômeno.

Para entender melhor esses conceitos é necessário que façamos uma parada pra explicar alguns princípios fundamentais da Cabala. Como já foi dito nos capítulos anteriores, trata-se de um sistema multifacetado que permite várias descobertas e interpretações, daí as recentes pesquisas do Código da Bíblia que enveredam por caminhos semelhantes aos vistos na Gematria e em outros supostos códigos descobertos na Torá. Por isso, é importante afirmar que a Cabala não é organizada em forma linear e que possui suas informações distribuídas de forma entrelaçada como um novelo de barbante composto não por um, mas sim por muitos fios.

Esse conceito não chega bem a ser algo incompreensível. É fato que todo aquele que se aventurar pelos caminhos desse "Pomar" (como já foi explicado no começo deste livro) encontrará visões muito sensatas e congruentes sobre o nosso papel no grande esquema das coisas. Voltemos à obra de Kim Zetter e nela encontraremos a seguinte explicação:

Por exemplo, poderíamos discorrer sobre o significado do número sete no livro do Gênesis, e precisaríamos desenhar uma árvore complexa para todos os modos pelos quais o número aparece através da Cabala e da história tradicional judaica.

Qualquer um que já ouviu a história da Criação do Mundo vai lembrar que tudo aconteceu no período de uma semana. Para a Cabala, esses sete dias são metáforas para explicar as sete forças envolvidas na Criação e as sete esferas da Árvore da Vida.

Mas espere um pouco: se voltarmos aos capítulos anteriores, veremos que essas esferas (que nada mais são do que as *Sephirot*) são mencionadas como sendo dez e não sete. Isso se explica da seguinte forma: os seres humanos só conseguem entender sete delas, embora as três restantes também estejam no Gênesis, mas presentes de maneira implícita.

Voltemos à obra de Zetter. Lá a jornalista explica que no nível esotérico aparecem apenas sete dessas esferas. Para ela, os sete dias da Criação, no nível mundano, convertem-se nos sete dias da semana, "que introduzem a ordem em nossas vidas". Para a tradição judaica, sete também é o número de dias em que amigos e familiares se dedicam ao luto daqueles que se foram. Também entre os judeus o sétimo ano é sabático, ou seja, que se dedica ao descanso. Nele, os campos de cultivo, por exemplo, são postos para descansar e o proprietário deles vê de volta a terra arrendada ou vendida, as dívidas são terminadas, e os escravos, libertados.

Graças a essas camadas intermitentes de significado é que a Cabala se concentra principalmente na história da Criação. Diz Zetter:

Tal concentração se justifica pelo fato de ser através dessa história da Criação que nós chegamos a 'conhecer' Deus, que Deus revela aspectos de Si e nos fornece indícios de quem Ele é, e de quem nós somos em relação a Ele.

E por mais simples que esse episódio do Antigo Testamento possa parecer, na verdade esconde uma simbologia muito complexa. Para os cabalistas, é essa história que apresenta as melhores pistas sobre a natureza e a característica de Deus e a natureza dos seres humanos e da alma. É a partir desses itens (todos relacionados a Deus, a Criação e ao ser humano) que os cabalistas resgatam uma compreensão íntima sobre a ambição, a inveja, o orgulho, a humildade, a caridade e a luxúria, entre outros assuntos que nós todos conhecemos tão bem em nossa vida diária.

Antes de avançarmos ainda mais nessas questões, é necessário lembrar que falar sobre essa ou aquela crença dos cabalistas não é falar de uma opinião unânime. Ao longo dos séculos os pesquisadores e estudiosos desse sistema concentraram-se em diferentes aspectos da Criação e ofereceram várias interpretações para esse e outros episódios do Gênesis. Por isso, é importante o leitor ter em mente que não há como apresentar qualquer conceito como sendo o mais adotado pelos cabalistas, justamente pela própria natureza ampla que suas interpretações permitem. Assim, vamos ter principalmente esse detalhe em mente quando analisarmos qualquer ponto de vista apresentado não só neste trabalho mas também nos demais que estão espalhados por aí. Por exemplo, para muitos cabalistas a descoberta do Código da Bíblia não passa de uma nova visão do conteúdo codificado da Torá, enquanto outros afirmam que se trata de uma distorção dos ensinamentos ocultos. Por estarmos a caminhar em terreno pantanoso (como na maioria dos assuntos de cunho esotérico), nada pode ser tomado como uma verdade absoluta.

Outro fator deve ser levado em consideração. Como também já foi dito neste trabalho, a Torá possui 70 faces e mais de uma delas é cabalística. Isso, por si só, não é bem uma contradição, mas sim uma dica de que, quem quiser uma resposta: não é possível encontrar uma resposta específica, mas várias. E o mais complicado é que não há uma resposta correta ou errada, todas as interpretações são plausíveis. Novamente apelo para Zetter, que explica:

Embora possam divergir da linguagem específica e do simbolismo dos cabalistas, (todas as interpretações) estão descrevendo o mesmo fenômeno: a Criação de nosso universo por um força que se originou em Deus. Quer os cabalistas descrevam essa força como um processo em que Deus se divide, derrama-se, ou envia pensamentos divinos para dentro do espaço aberto, isso de fato não tem a menor importância.

Se levarmos essa afirmação em consideração, chegaremos à conclusão de que a Criação não é um ato que aconteceu anos atrás, mas sim que se repete de maneira contínua. Com isso em mente, vamos verificar a seguir alguns conceitos básicos da Cabala.

DEUS NÃO PODE SER CONHECIDO

Como vimos, os cabalistas acreditam que Deus não é humano, e retratá-lo como uma pessoa é torná-Lo mundano. Ou seja, é vestir de carne um conceito que está muito além da compreensão de qualquer um de nós.

A frase que diversas facções buscam responder de maneira coerente transforma-se, assim, numa espécie de dogma da Cabala. Quando alguém pergunta “afinal, o que é Deus?”, está na verdade tentando chover no molhado, já que é estabelecido que Deus não pode ser conhecido. Isso pode, a princípio, parecer um tanto incoerente, já que um dos principais objetivos da Cabala é justamente conhecer Deus e compreender Seus poderes.

Os cabalistas afirmam categoricamente que todos nós podemos conhecer Deus, mas até certo ponto. É possível que aquele que adentra “o Pomar” conheça algumas das características, aspectos ou mesmo partes de Deus que nos são reveladas por Ele mesmo. Porém, para tudo há um limite e esse caso não é bem uma exceção.

Se isso é verdade, toda essa história dos 72 nomes de Deus, que já vimos nos capítulos anteriores, não seria uma maneira de torná-lo mais próximo de nosso mundo material? Para tanto, basta lembrar um comentário de Zetter: se Deus é tudo, atribuir-lhe um nome é dizer que Ele é tal coisa, mas não é aquela outra, o que nós, com a nossa compreensão limitada, não podemos fazer. Diz ela:

Deus, a congruência de todas as coisas passadas, presentes e futuras, a representação de todo o tempo e de nenhum tempo ao mesmo tempo é, em sua essência, ilimitado, e por ser ilimitado, então é indefinível, e por ser indefinível, então é inominável, e por ser inominável, então será incognoscível.

A CRIAÇÃO FOI OBRA DAS DEZ EMANAÇÕES DE DEUS

Já foi falado neste trabalho sobre o *Ein Sof*. Esse termo não diz respeito a um nome para Deus, mas sim uma definição de Seu esplendor. Esse nome não aparece na Bíblia, que prefere nomes como *Eliyeh*, *Asher Eliyeh*, *Yah*, *YHWH*, *Elohim*, *Adonai*, *El Chai*, entre outros. Por isso, o conceito de que foi a partir do esplendor infinito de Deus, ou seja, de uma energia (que não tem nada da forma antropomórfica que conhecemos) que partiram as dez *Sephirot*, variações que representam "as características distinguíveis de *Ein Sof*, e não O próprio".

O site *Mistérios Antigos* traz o seguinte texto sobre as emanações:

A palavra Sefirah (no singular) tem dois significados: um é contar, o outro é limite ou fronteira. De acordo com a Cabala, existem 10 dimensões para a nossa realidade, que são as 10 Sephirot. Elas funcionam como canais por meio dos quais a Luz do Mundo Infinito chega até nós, animando o nosso universo inteiro, incluindo nossas almas. Cada Sefirah, como um filtro, reduz sucessivamente a emanação da Luz, diminuindo gradativamente seu brilho para um nível quase imperceptível em nosso mundo físico dos cinco sentidos. Por cada Sefirah que passa, a Luz se manifesta de forma diferente, mas sem nunca mudar sua essência. É como se colocássemos um filtro colorido na luz do Sol; nós a veremos azul, vermelha ou verde, mas a Luz não muda nunca, o que muda é o recipiente. Elas também são conhecidas como atributos divinos, já que cada uma delas está relacionada a um atributo ou qualidade de Deus. Cada uma delas também se relaciona a uma parte do nosso corpo.

Assim temos o conceito do *Ein Sof Or*, ou a luz de *Ein Sof*. Quando o universo foi criado *Ein Sof*, que era tudo, tirou uma parte de Si mesmo e depois preencheu aquele mesmo espaço com uma luz branca, que desceu do Criador e permaneceu conectada com sua fonte. Essa luz representa a pureza sem refração. É branca porque é composta de todas as outras cores, da mesma maneira que é composta de vários aspectos de *Ein Sof*. Esses aspectos são as emanações conhecidas como *Sephirot*. A seguir vamos conhecer cada emanação e suas principais influências.

A criação do espaço negro sem luz é o já citado *tzimtzum*. O ato de contração é representado pela primeira *Sefirah*, chamada *Kether* ou Coroa, símbolo do potencial puro das manifestações que acontecem nas outras dimensões. É uma representação da própria essência, atemporal e livre, a primeira que recebe as emanações de *Ein Sof* e as repassa para as outras *Sephirot*.

Chochmá (também grafada como *Chokmah*) é a segunda *Sefirah* e simboliza o ato de emanação de *Ein Sof* para dentro das trevas. É a sabedoria, o salto da intuição que gera manifestações criativas. É também ligada ao lado direito do cérebro, de onde flui tanto a criatividade quanto as ideias.

Daqui partimos para a terceira *Sefirah*, que surge da interação da emanação com as trevas. Ou seja, ela é o resultado da interação da primeira e da segunda *Sephirot* e recebe o nome de *Binah* (ou *Biná*). É a *Sefirah* que representa o entendimento, a lógica que dá definição à inspiração. Seria a energia que rege o lado esquerdo do cérebro, origem da razão. É a *Sefirah* das demais subalternas, de onde as demais surgem uma após a outra, como num intrincado esquema de encaixe.

Até aqui temos pelo menos dois dos mundos da Criação representados. *Kether* e *Chochmá* pertencem ao Mundo da Emanação (*Atzilut*), enquanto *Binah* pertence ao Mundo da Criação (*Briah* ou Briá).

Continuemos nosso caminho pelas emanações. A quarta *Sefirah* é chamada *Chesed*, que é ligada à misericórdia. É o desejo de compartilhar e simboliza a vontade de dar tudo de si mesmo. É a primeira das sete *Sephirot* inferiores, com as quais os seres humanos se relacionam diretamente (as primeiras três fazem parte do escopo que nos é incompreensível por estarem mais próximas de *Ein Sof*).

A quinta é chamada *Guevurah* (ou *Geburah*). Está situada numa posição logo abaixo de *Binah*. É o julgamento e representa contenção e de questionador de impulsos. É um canal para que as energias ao redor se juntem com um único objetivo, o de superar obstáculos.

A sexta é chamada *Tiferet* (também conhecida como *Tipareth*). Está entre *Chesed* e *Guevurah*. Essa *Sefirah* cria a harmonia juntamente com as duas citadas anteriormente numa trindade conhecida pelo nome de *Maguen David*. Rege a sabedoria e o entendimento sob a orientação do conhecimento.

A sétima é conhecida como *Netzach*. É a vontade e rege a busca pelo próximo e a superação dos próprios limites. Funciona como princípio fertilizador feminino presente no sêmen.

Na oitava *Sefirah* está *Hod*, que corresponde ao esplendor. É o princípio receptivo do óvulo feminino, um canal no qual se deve usar sua energia para aprimoramento interno e identificação com próximo por meio da aceitação do pensamento. A melhor definição para *Hod* está num parágrafo, do site *Mistérios Antigos*, que diz:

Hod permite que a energia repassada de Netzach seja apropriada e aceitável para quem a recebe, sendo responsável por criar um espaço interno para que se possa identificar com o outro e, consequentemente, aceitar o outro. Assim como dissemos anteriormente que Netzach é o artista, Hod é o cientista, o lógico, o craque da matemática e o contador.

Como nona *Sefirah* temos *Iesod* (também grafado *Yesod*), que é o fundamento e funciona como uma espécie de reservatório para onde as inteligências humanas emanam seus atributos que terminam por se misturar e são preparados para a revelação material. Essa é a última do grupo das *Sephirot* (iniciado com *Chesed*) que habitam o chamado Mundo da Formação, ou *Ietzirah*.

A última delas é *Malchut*, também conhecida como *Malkuth*. Representa a majestade e o mundo físico, onde há o resultado das oito emanações anteriores e é o receptáculo de todas as demais emanações. É o meio por onde há desejo das demais *Sephirot*, causado em grande parte pela distância de *Kether*. É também a única *Sefirah* que é associada ao Mundo da Manifestação, como conhecemos o universo em que vivemos.

Um ponto importante é ressaltado pelo texto já citado do *Mistérios Antigos*:

A Cabala explica ainda que, cada um dos dez níveis das Sephirot também contém mais dez níveis, os quais contém mais dez, e assim por diante, infinitamente, como fractais. Essa estrutura atua como um prisma que refrata a Luz em várias frequências, gerando a diversidade que compõe o espectro inteiro da criação. Toda criatura neste planeta também está imbuída dessa mesma estrutura, e tudo o que existe em nosso mundo físico, origina-se no reino não-físico das Sephirot.

Assim, podemos concluir que o trabalho da Cabala é o da unificação dos mundos da Criação. Como já foi falado, um dos princípios mais conhecidos é o de que o mundo do alto (o espiritual) e o mundo de baixo (o material) são reflexos um dos outros. Essa máxima, incrivelmente similar a uma lei hermética conhecida como Lei da Correspondência (que diz “o que está em cima é como o que está embaixo e o que está embaixo é como o que está em cima”), rege todo o trabalho da unificação, ou seja, se a alma é uma centelha divina separada da fonte primordial e que desceu ao quarto mundo, deverá trabalhar para poder unificar os quatro mundos da Criação a fim de poder escalar seu caminho de volta. Isso é feito por meio das *Sephirot* em ordem inversa à mostrada na Árvore da Vida.

A ÁRVORE DA VIDA

E agora resta falar um pouco mais sobre este que é um diagrama importante no trabalho cabalístico. Se pensarmos nas dez *Sephirot* como uma espécie de esquema, no qual cada uma assume uma posição relativa a sua proximidade com *Ein Sof*, teremos uma disposição que se assemelha a uma espécie de caminho. Todas as *Sephirot* possuem a mesma essência divina, mas cada uma, como vimos, rege uma propriedade em particular.

Para a Cabala, a Árvore da Vida é muito mais do que um simples diagrama que mostra as relações entre as *Sephirot* e os caminhos que as une, cada um deste regido por uma letra do *Aleph Beit*. É também a síntese de *Adam Kadmon* (também chamado de *Adão Kadmon*), que é o Homem Arquetípico, o Homem primordial, uma espécie de modelo do que Adão deveria ter sido caso não tivesse caído.

A Tabela 6.1 relaciona as *Sephirot*, por ordem de aparição na Árvore da Vida, com os mundos que regem:

Mundo	***Sephirot***
Atzilut, o Mundo das Emanações	*Kether, Chochmá, Binah*
Briah, o Mundo das Criações	*Chesed, Guevurah, Tiferet*
Ietzirah, o Mundo das Formações	*Netzach, Hod, Iesod*
Assiah, o Mundo das Ações	*Malchut*

Tabela 6.1.

Algumas versões da Árvore classificam *Kether* e *Chochmá* em *Atzilut* e *Binah* em *Briah*, enquanto colocam *Chesed* e *Guevurah* juntamente com as demais *Sephirot* constantes em *Ietzirah*. Mas o conceito, no geral, é o mesmo em qualquer versão: tudo é um “mapa” do caminho que a energia que emana de *Ein Sof* faz para chegar do mundo mais elevado (*Atzilut*) até o nosso mundo material (*Assiah*). Portanto, para poder retornar ao seu meio, a energia gerada aqui deve fazer o caminho contrário.

As três primeiras *Sephirot* formam um mundo totalmente abstrato e representam o estado potencial, enquanto as seis seguintes compõem uma dimensão chamada *Zeir Anpin* e formam o elo entre o abstrato e a matéria, com uma conexão entre elas bem firme e forte. Por fim, temos a décima e última *Sefirah*, símbolo do mundo material.

As *Sephirot* estão distribuídas numa formação que compõe basicamente três triângulos cujos vértices são feitos conforme a tabela anterior. O primeiro, composto de *Kether* no topo, *Chochmá* e *Binah*, tem seu vértice voltado para cima, em direção a *Ein Sof*, enquanto os outros dois têm seu vértice voltados para baixo, em direção ao mundo material regido por *Malchut*.

No mesmo diagrama vemos a distribuição dos princípios masculino (composto pelo pilar direito, por onde passam *Chochmá*, *Chesed* e *Netzah*), feminino (composto pelo pilar esquerdo, por onde passam *Binah*, *Guevurah* e *Hod*) e, por fim, a ligação entre os dois princípios (no pilar central, por onde passam *Kether*, *Tiferet*, *Iesod* e *Malchut*). O topo da Árvore, onde está a Coroa de *Kether*, representa o bem, e a base, onde está *Malchut*, o mal. O site *Mistérios Antigos* explica um pouco mais sobre a relação entre as *Sephirot* na Árvore da Vida:

Os triângulos são ligados entre si por vinte e duas linhas ou caminhos. (…) Os círculos representam estágios no desenvolvimento das coisas – em especial a evolução do universo e da alma. Os círculos são numerados de 1 a 10 de acordo com a linha em ziguezague chamada raio, que às vezes é ligada ao diagrama da Árvore. Se você quiser perguntar por que as esferas da Árvore não podem simplesmente ser dispostas em linha como uma série de contas, a razão é que a Árvore representa um conjunto de relações, não apenas uma sequência de eventos.

A pergunta que a maioria das pessoas faz quando conhece esse conceito é “de onde ele vem”. Se lermos com atenção o Livro do Gênesis, veremos que havia no Jardim do Éden duas árvores: a do Conhecimento, de onde veio a maçã que a serpente ofereceu a Adão, e a da Vida, sobre a qual há pouco nas escrituras que dê mais detalhes sobre ela. Assim, para a Cabala, a tal Árvore seria esse diagrama.

Na verdade, essa representação mostra todas as forças e fatores atuantes no universo e na humanidade. Não há nenhum tipo de característica, influência ou energia que não esteja nele representada. Os cabalistas acreditam que há como ver o passado, o presente e o futuro nas dez *Sephirot* e nos vinte e dois caminhos que as ligam.

Temos também aqui um detalhe, no mínimo, interessante. O desavisado pode pensar que, uma vez de posse do conhecimento sobre as *Sephirot* e uma certa "intimidade" com a Árvore da Vida, é possível simplesmente elevar seu pensamento por meio desses vasos divinos e alcançar *Kether* sem obstáculos. Bem, é aí que mora o perigo, pois é justamente quando entram em cena os anjos guardiões do caminho. No site *Ciências Afins* encontramos a seguinte explicação:

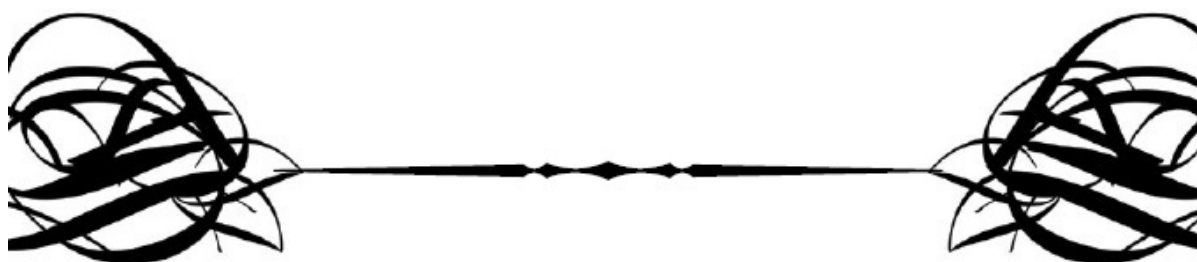
Essencialmente centrados em dois símbolos, O Palácio de Deus e Seu Trono ou Carruagem, essas 'subidas' e 'descidas' nunca se tornaram propriedade do homem comum. Os místicos que praticaram essas técnicas entre os anos 200 a.C. e 200 d.C. eram usualmente professores que, antes mesmo de começar essas práticas, eram completamente versados na Tradição intelectual e mística de Israel. Além disso, eram perfeitamente aderentes aos preceitos da Torá em sua vida quotidiana e tinham atingido um estado de santidade, que lhes conferia o direito de iniciar essa jornada. A partir das descrições de suas experiências, nós apreendemos um mundo repleto de criaturas vivas de fogo que enchem o mundo de alegria e canções que somente os iniciados perfeitos podem ouvir sem arriscar suas vidas.

Um dos símbolos mais conhecidos no esoterismo em geral – muito usado, inclusive, em sociedades secretas como a Maçonaria – é a chamada Escada de Jacó, que retrata um episódio onde esse patriarca teve um sonho no qual via uma enorme escada que subia até o céu e de onde via uma miríade de anjos em ascensão e descida. A tradição maçônica define esse símbolo como "o ciclo involutivo e evolutivo da vida, em seu perpétuo fluxo e refluxo, através de nascimentos e mortes, a desdobrar-se em hierarquias de seres, potestades, mundos, reinos e vida e raças". Para os cabalistas, a Escada de Jacó nada mais seria do que uma representação do fluxo de energias que corre pela Árvore da Vida. Guardadas as devidas proporções, claro: lembremos que as *Sephirot* são dez, enquanto a tradição maçônica fala que a escada conteria 14 degraus, que são tantos quanto as virtudes necessárias ao aperfeiçoamento de cada um.

O site *Ciências Afins* parece concordar com essa interpretação. Veja só o que diz:

Depois de passar por sete estados de consciência, que precedem a primeira visão do Hekhalot (Salas do Palácio de Deus), o místico atravessava mais sete 'céus' antes de chegar ao Trono de Deus. A visão usualmente culminava aqui com a forma projetada de um homem cósmico pousado sobre um brilhante assento de glória. O Caminho não era sem obstáculos. Para pacificar os guardiães que tentavam barrar o seu caminho, o iniciado carregava 'selos' contendo os nomes de Deus que correspondiam a Seus Atributos: Compreensão, Julgamento, Amor-Delicadeza, e assim por diante. Quando se sentiam distraídos pelos guardiães (projeções psicológicas que podiam se manifestar de forma sedutora ou horripilante), o iniciado visualizava o selo e simultaneamente pronunciava o nome apropriado. Adonai, por exemplo, é o nome conectado com o atributo Julgamento. Caso o meditador desejasse obliterar uma imagem aterrorizante, ele meramente visualizava a esfera do Julgamento na Árvore Cósmica pintada de vermelho brilhante e repetia Adonai até que a imagem horrível desaparecesse.

A seguir veremos mais sobre a alma humana segundo a tradição cabalística.

CAPÍTULO 7
A ALMA HUMANA E A CABALA CRISTÃ

É por meio do *Zohar* que ficamos sabendo que a alma humana possui três elementos, chamados de *Nefesh*, *Ruach* e *Neshamah*. O primeiro é encontrado em todos os seres humanos e assume o corpo físico durante o nascimento, além de ser o responsável por constituir a origem da natureza física e psicológica da pessoa.

Os outros dois não estão presentes na hora em que nascemos, mas tornam-se parte integrante de nós com o passar do tempo de maneira lenta. Para que possam se desenvolver a pessoa deve ter claras suas crenças e a natureza real de suas ações individuais. Segundo algumas fontes, esses elementos só existem por completo em pessoas espiritualmente despertas. A Tabela 7.1 traz outras características de cada elemento:

Elemento	**Característica**
Nefesh	Parte inferior ou animal da alma, ligada aos instintos e desejos corporais.
Ruach	Alma mediana ou espírito que contém as virtudes morais e a habilidade de distinguir o bem e o mal.
Neshamah	Alma superior ou super-alma. Separa o homem de todas as outras formas de vida. Relaciona-se com o intelecto e permite aproveitar e se beneficiar do pós-vida. Essa parte é fornecida tanto para judeus quanto para não-judeus no nascimento e permite ter alguma consciência da existência e presença de Deus.

Tabela 7.1.: Elementos da alma humana.

Há mais algumas pistas encontradas em manuscritos que foram incorporados posteriormente ao *Zohar*. Um deles, chamado *Raaya Meheimna*, fala de outros dois elementos: o *Chayyah*, que permite ao homem a percepção do poder divino, e o *Yehidah*, que provoca num nível mais elevado a total integração com Deus.

Outros textos falam sobre outros elementos que podem aparecer na alma humana conforme o indivíduo e o passar do tempo. Por exemplo, o *Ruach HaKodesh*, que permite a capacidade profética; o *Neshamah Yeseira*, que permite uma maior profundidade espiritual ao judeu durante o Sabá, uma habilidade que é adquirida e que pode fazer com que ela se desenvolva ou retroceda totalmente, de acordo com a fé do judeu praticante; e o *Neshoma Kedosha*, um elemento que teoricamente se manifesta nos judeus quando atingem a maioridade e que se relaciona ao estudo dos mandamentos da Torá. Destes últimos elementos temos mais alguns detalhes, conforme mostrado na Tabela 7.2:

Elemento	Característica
Ruach HaKodesh	Estado da alma que possibilita a profecia. Sabe-se que desde o fim da era da profecia clássica, ninguém mais recebeu a alma da profecia.
Neshamah Yeseira	Alma suplementar que permite um maior prazer espiritual do dia. Existe somente quando se observa o Sabá e pode ser ganha ou perdida dependendo na observação do costume.
Neshoma Kedosha	Cedida aos judeus quando alcançam a maioridade (13 anos para meninos e 12 para meninas). Como está relacionada com o estudo e seguimento dos mandamentos da Torá, pode também ser ganha ou perdida de acordo com a observância do costume.

Tabela 7.2.: Demais elementos da alma humana e seus detalhes.

Seria isso uma pista sobre a verdadeira natureza de nossa alma? A parte que fala sobre a profecia ou o dom profético pode levar à conclusão de que esse seria um caminho. Sabe-se, pelos escritos de cabalistas, que um pequeno número de adeptos tentou predizer acontecimentos. Desde esse período a Igreja Católica começou a ver o assunto com maus olhos, porém isso não impediu de vermos o surgimento de uma vertente no mínimo curiosa, a Cabala Cristã.

CRISTO E A CABALA

A Cabala Cristã apareceu na Europa por volta do final do século XV, quando o fascínio que vinha da Cabala Judaica alcançou os círculos intelectuais cristãos. Pesquisadores como o italiano renascentista Pico della Mirandola (1463-1494), o humanista alemão Johann Reuchlin (1455-1522) e o teólogo e alquimista alemão Agrippa von Nettesheim (1486-1535) buscaram uma conexão entre a Cabala e a espiritualidade cristã. Reuchlin, por exemplo, notou que a seção superior das *Sephirot*, composta por *Kether*, *Chochmá* e *Binah*, correspondia à Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo).

Pico della Mirandola, entretanto, tentou usar métodos cabalísticos para provar que o nome *Jesus* era o nome completo de Deus. Ele comparou o tetragrama YHWH com o equivalente em hebraico para o nome (*Yehoshua*). Esse nome tornou-se JHSVH ou YHSVH. Devido ao fato de que *Yehoshua* contém apenas o S a mais do que a palavra *Yahweh*, Mirandola concluiu que Jesus devia mesmo ser o Verdadeiro Filho de Deus.

Outro expoente importante que analisou a Cabala pelo ponto de vista cristão foi Christian Knorr von Rosenroth (1636-1689), um estudioso da cultura hebraica nascido na República Tcheca. Em 1677 ele publicou um livro, *Kabbala Denudata* (que significa *Cabala Revelada*) que traduzia partes do *Zohar* para o latim pela primeira vez na História. O pesquisador ainda revelou que Jesus era mesmo o Messias profetizado na Bíblia. Até hoje sua obra é considerada o texto padrão para adaptações do antigo misticismo hebraico, e é o primeiro em que a terminação *Cabala Cristã* é utilizada.

Mas afinal o que é que os chamados cabalistas cristãos procuravam? Em particular eles se dedicavam ao estudo do conceito do *Ein Sof*, de onde derivam as *Sephirot*. Para eles, Deus era *Ein Sof* (ao contrário da Cabala tradicional, que considera esta uma manifestação da glória de Deus) e Seu filho Jesus, *Adam Kadmon*, o homem primordial e mediador entre o *urgrund* (nome da fonte primordial) e o mundo material. De acordo com cabalistas do mundo ocidental, Jesus possuía os poderes das *Sephirot*, que por sua vez dirigia os poderes do *urgrund* pelo universo. Entre Deus e os seres humanos há várias criaturas espirituais, um conceito que mostra a incorporação da ideia dos anjos no misticismo cristão.

Desde 1673 o enfeite de altar cabalístico da princesa Antonia von Wurttemberg (1613 -1679) está numa igreja protestante localizada na Alemanha. O objetivo principal dessa mulher com um dom artístico tão apurado era adquirir a fé de seu tempo com a compreensão cristã da salvação combinada com ideias cabalistas. Durante seus estudos da língua hebraica ela teve contato com escritos de antigos místicos judeus. O assunto de sua criação é cheio de referências bíblicas e ao criá-lo a princesa estava menos preocupada com o esoterismo em si, pois só pensava em ajustar os ensinamentos de Cristo segundo a visão da Cabala.

Já um teólogo chamado Friedrich Christoph Oetinger (1702-1782) foi um passo além. No Livro do Apocalipse, Deus é mencionado num termo triplo que pode ser encontrado em Apocalipse 1:4: “João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte **daquele que é, e que era, e que há de vir**, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono”. Para Oetinger, todas essas coisas (os sete espíritos mais a tríplice nomeação de Deus) combinam-se para revelar as dez *Sephirot*.

CAPÍTULO 8
A TRADIÇÃO ESOTÉRICA OCIDENTAL

Mais do que entender sobre a natureza de Deus, a Cabala também se preocupa com questões éticas e psicológicas. Como vimos nos capítulos anteriores, apenas a crença cabalista sobre a reencarnação já daria motivos para escrevermos um livro sobre isso. É claro que há outros pontos a serem levados em conta, e por isso veremos a seguir uma análise das demais crenças popularizadas nos meios cabalísticos e como elas contribuíram para a chamada Tradição Esotérica Ocidental ou Hermética.

Comecemos com a questão da preexistência. Para os cabalistas, a alma não é criada no momento da concepção, mas já possui uma existência anterior. Ela se localiza numa parte do Céu onde há muitas almas que aguardam a oportunidade de regressarem à existência física ou mesmo que se entregarão à vida material pela primeira vez. A razão pela qual elas passam por essa experiência é atingir a perfeição espiritual e também para completar sua função junto à Criação.

Uma pessoa que não se purifica numa vida irá fatalmente renascer. Entretanto, alguns cabalistas não descartam a possibilidade de que isso aconteça no corpo de um animal. Esse é um conceito que pode ir contra algumas correntes kardecistas, que afirmam que apenas espíritos não evoluídos encarnam em animais e que, uma vez humano, a reencarnação só ocorre em corpos humanos.

O pesquisador cabalista Isaac Luria, já citado neste trabalho, acreditava que ele próprio possuía a alma do Messias da casa de José e que tinha como missão apressar a vinda do Messias da linha de Davi pelo melhoramento místico das almas. Era ele quem afirmava ter condições suficientes para reconhecer quando a alma de alguém vinha ao mundo pela primeira vez ou se estava numa passagem de sua jornada.

Porém, a primeira pergunta que vem à mente das pessoas é "afinal de contas, por que há a necessidade da transmigração da alma?" Para outro cabalista famoso, Menasseh ben Israel (1604-1657), que nasceu em Lisboa, Portugal, e ensinou em Amsterdã como pregador e rabino, "pessoas boas e justas constantemente experimentam infortúnios, e pessoas ruins desfrutam de uma felicidade imaculada, mesmo que o oposto pareça ser correto", conforme escreveu em seu livro *Nishmat Hayim* (*Alma Viva*). Além dessa afirmação, que é o centro de seus ensinamentos, há uma segunda que diz que "crianças sofrem muitos problemas a partir do nascimento; sem dúvida, elas vêm a este mundo como monstros desafortunados, o que parece contraditório com a benevolência característica de Deus, pela qual, por definição, apenas os bons é que deveriam vir". E, por fim, há ainda uma terceira afirmação, que diz: "crianças que morrem muito jovens, antes de terem a possibilidade de pecar em suas existências terrenas, são uma contradição aparente na misericórdia de Deus".

A partir dessas três afirmações o pesquisador conclui que os justos que sofrem o fazem para pagar erros cometidos numa vida anterior. Portanto, concluem os cabalistas, essas almas estarão melhores em suas próximas existências. Assim, os maus que estão felizes são aqueles que eram bons numa existência anterior. Na ilusão de que serão agora recompensados, eles se comportam de maneira ainda pior, o que resultará numa vida seguinte cheia de sofrimento.

As pessoas que nascem com deformidades, diz Israel, pecaram de maneira muito grave na sua vida anterior, enquanto que crianças que morrem cedo devem ter se dedicado ao mal numa vida anterior e como punição não têm permissão de permanecerem vivas por muito tempo. Em vez disso, passam por vários corpos por meio de morte e renascimento.

Apenas as almas perfeitas podem entrar no Além; portanto, a vida em nosso planeta tem por objetivo purificar-nos do mal pela reencarnação.

CONSEQUÊNCIAS DO TZIMTZUM

Já falamos sobre o ato de Deus contrair a Si mesmo para dar espaço para a Criação. O *Zohar* comenta sobre esse conceito que, segundo o site *Ciências Afins*, constitui-se num paradoxo. Vejamos o seguinte trecho:

A razão do Tzimtzum é a solução de um aparente paradoxo, detectado pelos cabalistas: Deus deve estar no mundo, contudo, se Ele não Se restringir, toda a criação seria completamente dominada por Sua Essência. O Bahir alude tanto ao paradoxo, como à sua solução. O Tzimtzum traz também um paradoxo mais difícil: a Sua Essência deveria estar então ausente do espaço vazio, pois Deus removeu dali a Sua Luz. Todavia, Deus deve também preencher esse espaço, pois 'não existe lugar onde Ele não esteja'. Esse paradoxo relaciona-se com a dicotomia da imanência e transcendência de Deus. A Lâmpada das Trevas citada no Zohar, assim como a própria abertura do Bahir, mostrada no início, escolhida pelo Rabi Nehuniah, tratam desse tema da Cabala teórica: como Deus absolutamente transcendental pode interagir com a sua criação? A estrutura das Sephirot, e os conceitos a elas ligados, é que formam a ponte entre Deus e o Universo segundo a Cabala.

Isaac Luria, que introduziu essa doutrina nos estudos cabalísticos, diz que Deus criou o mundo do nada, embora crenças mais antigas afirmem que Deus fez a criação de Si mesmo, enquanto outras linhas já afirmem que matéria que já flutuava no espaço do *Tzimtzum* seria o verdadeiro ponto de partida, ou seja, o mundo foi criado com matéria que já existia previamente.

Outra questão que atrai a atenção dos cabalistas é uma bem simples: se o mundo foi criado de Deus, como o mal surgiu? Qual seria a origem dos males que afligem o mundo? Para Luria, Deus, durante o processo de Criação e após estabelecer o espaço vazio com a presença das trevas, enviou as emanações que seriam as *Sephirot*.

O problema é que a luz divina era muito forte e as *Sephirot* apareceram para filtrá-la, ou seja, tornaram-se intermediárias. Sua função seria diminuir a força emanadora de Deus.

E Luria continua suas explicações quando cita que Deus, quando viu sua obra, não quis que tudo tivesse o aspecto divino. Assim, ele se retirou de sua Criação, deixando-a aberta aos vários processos que influenciam o mundo. Os seres humanos foram criados à Sua imagem, mas Ele não impôs suas escolhas. Em resumo, Ele deixou espaço aberto para que o bem e o mal encontrassem campo aberto para crescer e desenvolver. Essa é uma interpretação diretamente oposta à noção cristã, por exemplo, que diz que o mal entrou nesse mundo pelo livre arbítrio dos seres humanos.

Em todas as eras, os cabalistas debateram sobre o comportamento de Deus durante a Criação. A doutrina do *Tzimtzum* abre a possibilidade para que os humanos exerçam seu livre arbítrio em sua relação com Deus. Mesmo assim, até mesmo alguns cabalistas aspiram a voltar ao estado original de bondade. Se os indivíduos tomam parte ativa nesse retorno ou não, e o grau pelo qual contribuem para que esse objetivo seja alcançado, é um problema de cada um.

E afinal, como seria a natureza de Deus? Todos os cabalistas buscam Seu verdadeiro nome para entender melhor esse ponto. Luria e seus alunos descobriram muitos desses nomes, conforme já citamos nos capítulos anteriores. Seus seguidores consideram essa missão como uma oportunidade de se unir ao Criador. Luria, entretanto, aconselha a todos os cabalistas (e envolvidos com a Cabala) a manterem o nome descoberto em segredo e o escreverem num amuleto para que possam carregá-lo o tempo todo, a fim de meditar sobre ele e incorporá-lo em suas preces. Dessa forma, a Cabala Luriânica (nome que recebe os ensinamentos de Luria) se preocupa não apenas em descobrir a natureza de Deus como também saber como salvar os humanos.

Por fim, falta falar um pouco sobre o *Tikkun*. Já foi dito que a Criação é na verdade um processo contínuo e que não estará completa enquanto o estado primordial, da forma como foi concebido por Deus, não estiver restaurado. A Cabala ensina que isso pode ser adquirido por meio da cura, que é a tradução para o termo *Tikkun*.

Quando *Ein Sof* contraiu-Se no começo da Criação, colocou vasos que foram preenchidos com luz divina. As três primeiras *Sephirot* preservaram seu conteúdo, mas as sete outras racharam. O resultado foram os *qlippoth*, os "cacos" apontados como a causa do surgimento do mal. Cada alma deve tentar "colar os cacos" de volta, uma vez que os seres humanos são feitos desses cacos e também da luz divina. Assim, de acordo com a Cabala, não somos ruins, somente imperfeitos. Quando um número suficiente de almas tiver se purificado (ou seja, quando os "vasos" forem "consertados") o universo poderá ser aperfeiçoado. Ao mesmo tempo, o *Tikkun*, que seria a restauração do estado original, estará completo.

Sobre o *Tikkun*, temos o seguinte texto, encontrado no site *Fracionando a Alma*:

O significado de Tikkun é a capacidade de incorporar a nossas vidas a consciência que todos compartilhamos a mesma travessia e aspiramos à mesma meta. O Tikkun se revela em duas etapas primárias. Na primeira etapa, voltamos repetidamente a este mundo sem saber o propósito de nossas vidas. A primeira etapa prepara a terra para a etapa seguinte, quando o desejo desperte em nós para saber o propósito de nossas vidas. Somente depois que isso desperta começamos a empreender conscientemente o Tikkun. Entretanto, podemos acelerar o processo. Os cabalistas, que atravessaram o processo da correção, podem nos ensinar como corrigir nossos próprios pedaços. Quando fazemos isso, subiremos até a etapa superior da escala espiritual e não teremos que reencarnar mais neste mundo. O conjunto é (muito) mais que a soma de suas peças. O propósito de estudar a sabedoria da Cabala é ajudar a cada um de nós, as partes da alma de Adão ha Rishon, a restaurar nossa unidade da maneira mais rápida possível. Quando cada um de nós corrigir sua parte, perceberemos qual é a meta para a qual viemos a este mundo e nos concederão enormes prazeres, visto que o conjunto vale muito mais que a soma de suas peças. Quando se termina a missão da correção, todos os pedaços se juntarão em uma só grande alma, a alma corrigida de Adão ha Rishon. Uma luz maravilhosa cheia de amor, a luz que o Criador desejou dar à alma de Adão enquanto estava inteira, a qual brilhará em nossas almas. Esse estado (corrigido) se chama Gmar Tikkun, ou o 'final da correção'.

PURIFICAÇÃO E A PALAVRA AMÉM

A Cabala Luriânica inclui o antigo conceito judaico de ritual de purificação. Por exemplo, o costume de se lavar antes das orações como gesto de pureza de sua alma. Luria exigia que seus seguidores começassem o dia imergindo a si mesmos no *mikvah*, o banho ritual judaico. Como símbolo de sua pureza usavam estolas e pequenos bonés brancos num gesto que servia como uma espécie de sinal às forças do mal que não havia lugar para elas em seus corpos e almas.

De acordo com a Cabala, a música pode limpar a alma dos efeitos causados pela poluição de onde vivemos. O som leve, embora melancólico, da Klezmer Music, um ritmo ligado às tradições judaicas, é tido como liberador de energias purificadoras. Pode ser encontrado para download nas principais lojas de música digital da Internet.

Por fim, resta falar um pouco sobre o significado atribuído pela Cabala à palavra *Amém*. A origem e significado desse termo tão usado tanto por judeus como por cristãos está envolta em mistério. No contexto cristão, ela é geralmente traduzida com "assim seja", mas desde os tempos antigos os cabalistas usavam essa mesma palavra para expressar uma súplica ou um apelo a Deus.

As três letras hebraicas que compõem a palavra são *Aleph*, *Mem* e *Num*, que são também as iniciais de três palavras hebraicas associadas a Deus: *Adonai* (Senhor), *Melekh* (Rei) e *Ne´eman* (Confiável). Assim, na interpretação cabalística, *Amém* assume uma posição apelativa (como se dissesse "Senhor, Rei Confiável") e fornece caminhos mais extensivos para meditar sobre a palavra.

A TRADIÇÃO OCIDENTAL

Nossa última parada será para analisar a Tradição Esotérica Ocidental, que muitos chamam de Hermética. Essa é a maior precursora dos movimentos do Neo-Paganismo e da chamada Nova Era. Estes dois estão fortemente intrincados com muitos dos aspectos da Cabala, alguns deles formam uma ligação quase difícil de desvencilhar nesse caso.

É claro que esperar que muito da tradição judaica chegue até nós sem alteração é quase uma missão impossível. Assim, a tradição ocidental tem muitos detalhes alterados de seus originais judaicos principalmente devido à prática esotérica comum do sincretismo.

A chamada Cabala Hermética alcançou seu apogeu na Ordem Hermética da Aurora Dourada, mais conhecida comumente como Golden Dawn, organização sobre a qual já falei em detalhes no meu livro *Seitas Secretas*. Nela, princípios como as dez *Sephirot* se confudem com entidades gregas e egípcias, com toques do Sistema Enoquiano usado pela magia angelical de John Dee e com participação de outros conceitos de origem asiática, como hindus e budistas.

Aleister Crowley foi outro nome que deixou sua marca no uso da Cabala, detalhe possível de ser visto em vários de seus livros. O mais conhecido, inclusive, é o chamado *Liber 777*, uma obra possivelmente encontrada para download em alguns grupos fechados de estudos esotéricos. O site da *Ordo Templi Orientis* (a famosa sociedade secreta conhecida como OTO) diz:

A combinação da Cabala não-judaica e da magia ritual tem sido mantida viva fora do Judaísmo até o dia presente, embora tenha sido pesadamente adulterada várias vezes pelo hermeticismo, gnosticismo, neo-platonismo, pitagorismo, rosacrucianismo, cristianismo, tantra e mais. As influências modernas mais 'importantes' são o mago francês Eliphas Levi, e a ordem inglesa da Golden Dawn. Pelo menos dois membros da G.D. (S.L. Mathers e A.E. Waite) eram cabalista sábios[1], e três membros da Golden Dawn popularizaram a Cabala – Aleister Crowley, Israel Regardie, e Dion Fortune.

O tal livro é basicamente um conjunto de tabelas relacionadas às várias partes das cerimônias de magias religiosas orientais e ocidentais e aos já comentados caminhos da Árvore da Vida. O sincretismo, que é a característica mais interessante de se notar, é bem evidente na Cabala Hermética, já que as *Sephirot* assumem o lugar de planetas segundo a correspondência na tabela a seguir (Tabela 8.1):

Sefirah	**Cor na Árvore da Vida**	**Planeta correspondente**
Guevurah	Vermelho	Marte
Chesed	Azul	Júpiter
Tiferet	Amarelo	Sol[2]
Hod	Laranja	Mercúrio
Netzach	Verde	Vênus
Yesod	Roxo	Saturno
Malchut	Marrom	Terra

Tabela 8.1.: Correspondências postuladas pela Cabala Hermética.

Assim, é possível falar sobre influências planetárias ligadas diretamente às *Sephirot*. Apenas alguns planetas, que correspondem aos conhecidos em tempos antigos, são passíveis de representação. Apesar de que essas denominações de cores e até de pedras (que não está representada na tabela), para muitos, passa longe do que realmente significa a Cabala em suas origens judaicas.

Mesmo assim vale a pena lembrar: o verdadeiro intento da Cabala não é servir de oráculo ou simbologia para celebridades. Trata-se de uma verdadeira maneira de entrar em contato com os mistérios insondáveis de Deus. Vai muito do interessado a maneira como será usada ou encarada. Afinal, como disse o cabalista e rabino ortodoxo polonês Yehuda Ashlag:

Se o homem neste mundo deseja viver em harmonia com a lei geral do universo, ele é obrigado a mudar e a se adaptar a isso.

Crowley tinha uma opinião diversa da "sabedoria" de Waite – Vide o prefácio do *Liber 777*. (Nota da citação)

A tabela é originária da Idade Média, e naquela época o Sol era considerado um planeta. (Nota do autor)

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

BIALE, David. *Cabala e Contra-História: Gershom Scholem*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
CHACHAMOVITS, Avraham. *Introdução à Cabala*. Áudio CD de Publicação Independente, 2007.
GABIROL, Samuel. *A Cabala*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
HALEVI, Z´ev ben Shimon. *O Trabalho do Cabalista*. São Paulo: Siciliano, 1994.
PAPUS. *A Cabala – Tradição Secreta do Ocidente*. São Paulo: Pensamento, 2006.
SENDER, Tova. *O Que é Cabala Judaica*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
TERHART, Franjo. *The Kabbalah – A Jewish Mystical Path*. Parragon Books, 1999.
ZETTER, Kim. *Cabala – Para Viver Com Sabedoria no Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

SITES

Cafetorah – www.cafetorah.com
Canção Nova – www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=3987.php?id=&e=3987
Ciências Afins – www.eon.com.br/cia0.htm
Evolução Espiritual – www.joselaerciodoegito.com.br/site_gnosticismo.htm
Fracionando a Alma – http://site.suamente.com.br/fracionando-a-alma/
Grupo de Estudos Esotéricos – www.eon.com.br/unilae/glee63.htm
Mistérios Antigos – www.misteriosantigos.com
Ordo Templi Orientis Brasil – www.otobr.com
Os 72 Nomes de Deus – www.sintoniasaintgermain.com.br/estudo_nomesind.html
Revista Morashá – www.morasha.com.br

Nome	Símbolo Hebreu	Transcrição	Valor
Aleph	א	A	1
Beth	ב	B	2
Ghimel	ג	G	3
Daleth	ד	D	4
He	ה	H	5
Vau	ו	V, w	6
Zain	ז	Z	7
Khet	ח	Kh	8
Teth	ט	T	9
Yod	י	Y	10
Kaf/Khaf	כ	K, kh	20
Lamed	ל	L	30
Mem	מ	M	40
Nun	נ	N	50
Samekh	ס	S	60
Ayin	ע	Som gutural sem equivalente no alfabeto romano	70
Pe, Fe	פ	P, f	80
Tsadi	צ	Ts	90
Kuf	ק	K (q)	100
Resh	ר	R	200
Shin, Sin	ש	Sh, s	300

Tau	ת	t	400

Tabela 3.1.: Alfabeto hebraico e sua correspondência numérica.

Reino angelical	**Arcanjo Reitor**	**Nome (já transliterado com posição)**	**Nome Angélico (já transliterado)**
Serafins	Metatron	VHV (1º) YLY (2º) SIT (3º) OLM (4º) MHSh (5º) LLH (6º) AKA (7º) KHTh (8º)	VHUIH YLYEL SITEL OLMIH MHShIH LLHEL AKAIH KHThEL
Querubins	Raziel	HZI (9º) ALD (10º) LAV (11º) HHO (12º) YZL (13º) MBH (14º) HRI (15º) HQM (16º)	HZIEL ALDIH LAVIH HHOIH YZLEL MBHEL HRIEL HQMIH
Tronos	Tsaphkiel	LAV (17º) KLI (18º) LVV (19º) PHL (20º) NLK (21º) YYY (22º) MLH (23º) ChHV (24º)	LAVIH KLIEH LVVIH PHLIH NLKEL YYYEL MLHEL ChHVIH
Dominações	Tsadkiel	NThH (25º) HAA (26º) YRTh (27º) ShAH (28º) RYY (29º) AUM (30º) LKB (31º) VShR (32º)	NThHIH HAAIH YRThEL ShAHIH RYYEL AUMEL LKBEL VShRIH
Potências	Kamael	YChV (33º) LHCh (34º) KVQ (35º) MND (36º) ANI (37º) ChOM (38º) RHO (39º) YYZ (40º)	YChVIH LHChIH KVQIH MNDEL ANIEL ChOMIH RHOEL YYZEL
Virtudes	Michael (ou Miguel)	HHH (41º) MIK (42º) VVL (43º) YLH (44º) SAL (45º) ORI (46º)	HHHEL MIKEL VVLIH YLHIH SALIH ORIEL

		OShL (47º) MIH (48º)	OShLIH MIHEL
Principados	Haniel	VHV (49º) DNY (50º) HChSh (51º) OMM (52º) NNA (53º) NITh (54º) MBH (55º) PVI (56º)	VHVEL DNYEL HchShIH OMMIH NNAEL NIThEL MBHIH PVIEL
Arcanjos	Raphael (ou Rafael)	NMM (57º) YYL (58º) HRCh (59º) MTzR (60º) VMB (61º) IHH (62º) ONV (63º) MChI (64º)	NMMIH YYLEL HRChEL MTzREL VMBEL IHHIH ONVEL MChIEL
Anjos	Gabriel	DMB (65º) MNQ (66º) AIO (67º) ChBV (68º) RAH (69º) IBM (70º) HYY (71º) MVM (72º)	DMBIH MNQEL AIOEL ChBVIH RAHEL IBMIH HYYEL MVMIH

Tabela 5.1.: Ordem de aparição dos reinos angelicais.